

Conselho Editorial

Ana Amélia da Silva (PUC-SP)
Celso Fernando Favaretto (USP)
Fernando Antonio de Azevedo (UFSCAR)
Gabriel Cohn (USP)
José Luis Dader García (Universidad Complutense de Madrid)
Laurindo Lalo Leal (USP)
Maria do Socorro Braga (UFSCAR)
Maria Izilda Santos de Matos (PUC-SP)
Miguel Wady Chaia (PUC-SP)
Raquel Meneguelo (UNICAMP)
Regina Silveira
Silvana Maria Correa Tótoro (PUC-SP)
Yvone Dias Avelino (PUC-SP)
Venício Artur de Lima (UnB)
Vera Lucia Michalany Chaia (PUC-SP)
Victor Sampedro Blanco (Universidad Rey Juan Carlos)

Editores

Rafael de Paula Aguiar Araujo, PUC-SP, Brasil
Rodrigo Estramanho de Almeida, FESPSP, Brasil

Editora Assistente

Tathiana Senne Chicarino, PUC-SP, Brasil

Comitê Editorial

Silvana Gobbi Martinho, PUC-SP, Brasil
Marcelo Burgos Pimentel dos Santos, UFPB, Brasil
Bruno Carriço Reis, Universidade de Cabo Verde, Cabo Verde
Eduardo Luiz Viveiros de Freitas, Estácio-Uniradial - SP, Brasil
Claudio Luis de Camargo Penteado, UFABC, Brasil
Miguel Wady Chaia, PUC-SP, Brasil
Rose Rosemary Segurado, PUC-SP, Brasil
Vera Lucia Michalany Chaia, PUC-SP, Brasil
Cristina Maranhão, PUC-SP, Brasil
Syntia Alves, PUC-SP, Brasil

Revisão de texto

Deysi Cioccarì

Arte e Diagramação

Yasmin Mancini

Aurora: revista de arte, mídia e política é uma publicação do NEAMP - Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Attribution 3.0 .

Aurora

revista de arte, mídia e política

ISSN 1982-6672 - São Paulo, v.8, n.23

Sumário

Nota dos editores 3

Artigos

Jean-Jacques Rousseau e o existencialismo: uma análise acerca do afeto, da potencialidade humana e da angústia de acordo com Rousseau, Sartre e Nietzsche 5-22

Juliana Moreira Streva

Da rebeldia insurgente ao nihilismo outsider: câmbios culturais conectam a juventude e *rock and roll* entre a pré e a pós modernidade 23-54

Jackson da Silva Leal

Babilônia (não)! - Limites de representações reais e folhetinescas do envelhecimento 55-72

Natalia Negretti

Ciberativismo e movimentos sociais: mapeando discussões 73-97

Livia Moreira de Alcântara

Discurso do medo e o ódio político na disputa eleitoral brasileira de 2014 98-119

Vanderlei de Castro Ezequiel

O humor de Tiririca na campanha eleitoral 2014: como e por quê? 120-138

Alvaro Magalhães Pereira da Silva

Entrevista

Arte como estratégia de inserção global 139-150

Fabio Cypriano entrevista o cientista político Juan Eyheremendy

Nota dos editores

Existência e potência; rock and roll e modernidade; representações da velhice no folhetim de TV; ativismo, ódio e humor na política... São esses e outros assuntos que, em linhas gerais, marcam o vigésimo terceiro número de *Aurora*: revista de arte, mídia e política.

Ainda, a ideia é que esse número seja atual e ousado ao discutir temas clássicos por meio de problematizações do cotidiano. Assim, pois, além dos seis interessantes artigos escritos por pesquisadores do Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo de instituições, tais como, IESP/ UERJ, PUC-RJ, UFSC e PUC-SP, a edição traz, ainda, a instigante entrevista com o cientista político argentino Juan Eyheremendy, sobre os massivos investimentos que os Emirados Árabes têm feito em cultura.

Em comum os artigos e a entrevista da edição têm uma preocupação: refletir sobre temas urgentes do cotidiano brasileiro e global.

Esperamos que todos e todas tenham uma excelente leitura.

Os editores

Novembro de 2015

Jean-Jacques Rousseau e o existencialismo: uma análise acerca do afeto, da potencialidade humana e da angústia de acordo com Rousseau, Sartre e Nietzsche

Juliana Moreira Streva¹

Resumo: O presente artigo está dividido em três grandes blocos de análise que buscam proporcionar uma nova leitura dos escritos de Jean-Jacques Rousseau, a ser vislumbrada conjuntamente aos escritos de Friedrich Nietzsche e Jean-Paul Sartre, assim como de alguns outros autores que criticam o racionalismo iluminista. No primeiro bloco, será abordada sua ruptura com o pensamento racionalista típico do Iluminismo, sobretudo no que tange a oposição da razão com o afeto. Em seguida, será vislumbrada a preocupação rousseuniana com o “ser humano”² e a sua existência, deixando para trás o pensamento determinista. No segundo bloco, será vislumbrado um Rousseau pré-existencialista. No terceiro bloco adentrarmos ao tema referente à angústia na sociedade civil das aparências. Por fim, chegaremos na análise da alienação e da liberdade de transformação.

5

Palavras-chave: Rousseau. Existencialismo. Sartre. Nietzsche.

¹ Mestranda em Teoria do Estado e Direito Constitucional pela PUC/RJ

² O tão mencionado “homem” será aqui tratado como o “ser humano” ou a “pessoa”, em uma perspectiva neutra de gênero, rompendo, assim, com o patriarcalismo existente em seus escritos, como nos de outros autores que virão a ser mencionados ao longo deste trabalho.

Abstract: This paper is divided into three blocks of analysis that provides a new reading of the writings of Jean-Jacques Rousseau, that will be examined alongside the works of Friedrich Nietzsche and Jean-Paul Sartre, and other critics of Enlightenment rationalism. The first block examines Rousseau's rupture with the rationalist thought typical of the Enlightenment period that splits reason from affection. Next, it is shown that Rousseau is also concerned about the human being and her existence, thus leaving behind deterministic thinking. It is argued that there is a liaison between Rousseau and the existential movement. In the third block, we advance this argument by analysing the thinkers' treatment of anguish and the appearance problem in civil society. Finally, we work with the themes of alienation and freedom.

6

Key-words: Rousseau. Existentialism. Sartre. Nietzsche.

Introdução

O presente artigo busca analisar o pensamento *rousseauiano* em uma perspectiva de rompimento com paradigmas do Iluminismo, sobretudo, em suas obras Discurso sobre as ciências e as artes (1749) e no Discurso sobre a origem e o fundamento da desigualdade entre os homens (1754). Conforme expõe Althusser³, o Discurso sobre a desigualdade de Rousseau é um texto que teve forte repercussão em todo o século XVIII. Isto pode ser compreendido devido ao fato de ser uma obra que, além de se propor explicar o processo causal de construção da desigualdade na sociedade civil, realiza críticas profundas à corrupção dos costumes, à instituição da propriedade privada e ao mundo das aparências e da competição.

Apesar de usar o mesmo vocabulário empregado pela teoria política da época (“estado de natureza”, “guerra de todos contra todos”, “contrato” e “sociedade civil”), Rousseau é responsável por transformar os seus significados em algo novo, rompendo paradigmas. O termo “paradigma” diz respeito a uma visão de mundo que se perpetua na história, que passa a ser tida como natural. Embora Rousseau seja considerado um filósofo iluminista – por pertencer ao período das luzes –, ele apresenta uma forte oposição ao pensamento racionalista de sua época, conforme será demonstrado.

7

Razão e afeto, Rousseau e Nietzsche

A imagem dogmática do pensamento defendida em seu período sustenta a ideia de que a atividade do pensar (racional) é um exercício natural e exclusivo dos seres humanos para se alcançar o verdadeiro. Contudo, este alcance pode ser desviado pelos afetos, que levaria necessariamente ao erro. O verdadeiro, segundo esta corrente, é tido como universal e pré-existente, capaz de ser alcançado unicamente pela razão⁴.

Por conseguinte, o período clássico apresenta um dualismo entre o racional e o afetivo (irracional), no qual o racional tem a função fundamental de controlar os afetos, isto é, o irracional. Seguindo tal pensamento, realiza-se a divisão dualística e antagonística entre razão e loucura, bem e mal, por exemplo,

³ ALTHUSSER, Louis. Política e História - de Maquiavel a Marx. p. 98.

⁴ DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. p. 85.

baseada na moral normalizante ilustrada pela máxima de René Descartes “penso, logo existo”⁵.

Desde 1749, Rousseau se opõe a esta naturalização do pensamento humano e busca romper com tais dualismos compartilhados pelo Iluminismo. Nesse sentido, ele apresenta como marca central de seus escritos a importância do afeto na busca da felicidade. É defendido por ele que o entendimento humano não é natural – como sustentado pelo Iluminismo –, mas é um estado contra a própria natureza, já que o ser humano, em seu estado de pura natureza, não desenvolveria ou efetivaria esta potencialidade⁶.

Prossegue afirmando que a reflexão deve muito às paixões, pois é através da atividade dos afetos que a razão tem a potencialidade de aperfeiçoar-se. Sustenta que buscamos conhecer algo devido aos nossos desejos. Em outras palavras, só raciocinamos impulsionados pelos nossos afetos. Nas próprias palavras de Rousseau:

Digam o que disserem os moralistas, o entendimento humano deve muito às paixões que, segundo o consenso comum, também lhe devem muito: é pela atividade delas que a nossa razão se aperfeiçoa; não procuramos conhecer senão porque desejamos fruir, e não é possível conceber por que aquele que não tivesse desejos, nem temores se daria ao trabalho de raciocinar.[...] o progresso delas [das paixões], [tem origem] em nossos conhecimentos; pois só podemos desejar ou temer as coisas com base nas ideias que delas possamos ter, ou pelo simples impulso da natureza⁷.

Evidencia-se que, não há em seu pensamento uma oposição do afetivo ao racional, ou uma sobreposição do racional ao afetivo, mas um elo no qual só atingimos a nossa potência de raciocinar através dos afetos. Logo, os afetos não devem ser reprimidos pela razão. Muito pelo contrário, eles devem ser explorados e vivenciados, expressados e não mascarados. Eles são, assim, vislumbrados sob uma ótica libertadora e não repressiva.

Friedrich Nietzsche nos abre para uma perspectiva semelhante, ao defender que o pensar não é um exercício natural de uma faculdade, mas depende

⁵ FOUCAULT, Michel. História da loucura. p. 47.

⁶ BUENO, T. S. L. Representação, Linguagem e Política em Rousseau. p. 31.

⁷ ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre as ciências e as artes, Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. p. 100.

de forças que se apoderem do pensamento, força esta entendida como afeto. De acordo com seus escritos, pensar é uma potência do pensamento, é a atividade de elevá-lo a esta potência, e não um mero exercício natural e voluntário⁸.

Rousseau prossegue em sua crítica ao racionalismo, ao fazer, como Sócrates, um elogio à ignorância, pois, segundo este, os que se consideram e são considerados como sábios, são os últimos a sê-lo⁹. Starobinski, interpretando Rousseau, aponta que o pensador do século XVIII acusa a “razão raciocinante” de ser uma razão instrumental responsável de aprisionar os seres humanos “na subjetividade turva da opinião e da ilusão”¹⁰.

Nietzsche acompanha implicitamente Rousseau¹¹ ao expressar que a filosofia não serve para a justificação de um poder existente, como o do Estado e o da Igreja. Declara que o filósofo não é um sábio, mas tão somente um amigo da sabedoria em um sentido ambíguo, pois é ao mesmo tempo um “não sábio”, responsável por ir contra o seu tempo, contra os paradigmas considerados como verdade, assemelhando-se, assim, ao elogio à ignorância¹².

Determinismo e potencialidade

Prosseguindo com as rupturas de paradigmas que se apresentam nos escritos do pensador genebrino, Rousseau questiona também a visão compartilhada de um ser humano dotado de essência, *a priori*, egoísta e mal¹³. Ele enxerga que, ao universalizar o ser humano, autores como Hobbes¹⁴ têm descrito o que vislumbram em sua época e em sua cidade, como se esta fosse a essência de todo ser humano, em todos os tempos e todos os lugares, sem levar em conta

⁸ DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. p. 86.

⁹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre as ciências e as artes, Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. p. 27.

¹⁰ STAROBINSKI, J. Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o obstáculo. p. 61.

¹¹ Conforme aponta Althusser, os pensadores da época, como Hobbes e Locke, eram considerados por Rousseau como lacaios do poder existente, que buscavam através do seu suposto saber justificar o poder e não enfrentá-lo. (Apud ALTHUSSER, Louis. Política e História - de Maquiavel a Marx. p. 332).

¹² DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. p. 87-88.

¹³ ROUSSEAU, Jean-Jacques. op. cit. p. 89.

¹⁴ HOBBS, Thomas. Leviatã - ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico civil. p. 98-99.

que foram “formados e transformados por séculos de civilização e de vida em sociedade”¹⁵.

Ora, nesta passagem fica claro que Jean-Jacques Rousseau defende a potencialidade do ser humano, deixando de lado a noção dominante da essência e do determinismo pré-existente. Deve ainda destacar o reconhecimento fundamental da influência do contexto social – como a educação, a desigualdade, os costumes – na formação do indivíduo¹⁶. Rousseau escreve, assim, sobre a potência de agir do ser humano, potência esta que não pode ser explicada pelo pensamento matematizado rotineiramente empregado na filosofia de seu período: “o poder [potência] de querer, ou melhor, de escolher, e no sentimento desse poder [potência] só encontramos atos espirituais, sobre os quais nada se explica pelas leis da mecânica”¹⁷.

Jean-Paul Sartre, em sua conferência de 1946 intitulada “O existencialismo é um humanismo”, esclarece que, a defesa inicial do existencialismo é de que a existência precede a essência¹⁸. Apesar de Sartre apenas mencionar nesta conferência que tal ideia pode ser encontrada em Diderot, Voltaire e até mesmo em Kant, ela também está presente no pensamento *rousseauiano*, como vimos¹⁹.

É neste percurso que Rousseau pode ser considerado como um pensador pré-existencialista, como apontam Pierre Burgelin, Victor Goldschmidt e Bento Prado Junior, por realizar uma filosofia da existência muito antes do surgimento do movimento denominado existencialista²⁰. Conforme bem expõe Starobinski em seu livro “Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o obstáculo”:

Após haver colocado os problemas na dimensão histórica, Rousseau acaba por vivê-los na dimensão da existência individual. Essa obra que começa como uma filosofia da história termina em ‘experiência’ existencial. Ela anuncia ao mesmo tempo Hegel e seu

¹⁵ ROUSSEAU, Jean-Jacques. op. cit. p. 89.

¹⁶ Ibidem. p. 89.

¹⁷ Ibidem. p. 99.

¹⁸ SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é humanismo. p. 3.

¹⁹ Ibidem. p. 4.

²⁰ PRADO Jr, B. Romance, Moral e Política no Século das Luzes: o caso de Rousseau. Discurso, São Paulo, v. 17, 1988; BURGELIN, P. La philosophie de l’existence de J.-J. Rousseau. Paris: PUF, 1952. p. 32; GOLDSCHMIDT, V. Anthropologie et politique - Les principes du système de Rousseau. Paris: Vrin, 1974. p. 446. Apud MONTEAGUDO, Ricardo. Rousseau existencialista. p. 51.

opositor Kierkegaard. Duas vertentes do pensamento moderno: a marcha da razão na história, o trágico de uma busca da salvação individual²¹.

Se a existência precede a essência, o ser humano não é passível de definição *a priori*, pois de início nada é, e só posteriormente será alguma coisa. Assim, o primeiro princípio do existencialismo é o pensamento defendido diretamente por Heidegger, Simone de Beauvoir, Sartre, assim como indiretamente por Rousseau: ninguém nasce sendo algo, mas torna-se algo por meio do que faz de si mesmo²². Assim, diferentemente do sustentado por Thomas Hobbes, o homem não nasce egoísta e mal, mas pode assim tornar-se de acordo com o contexto de sua existência e das estruturas sociais, como aponta Rousseau em sua resposta a Stanislas, no final de seu primeiro discurso²³.

Potencialidades do ser humano

Nesse sentido, Rousseau confere ao ser humano a potencialidade de exercer faculdades e, para o que nos interessa no presente trabalho, ele atribui ao ser humano, em seu *Discurso sobre a desigualdade*, duas potencialidades: 1) a da liberdade, e 2) a da perfectibilidade. Quanto à liberdade, o autor reconhece que o ser humano é dotado da potencialidade de ser livre, ao diferenciar o homem em seu estado de natureza dos demais animais pelo fato de este escolher por instinto e aquele por um ato de liberdade²⁴. Pelo ato de liberdade o homem pode concordar ou resistir com as determinações, quanto os demais animais apenas podem obedecer²⁵. Sob este plano, portanto, Rousseau sustenta que o que diferencia os homens dos animais não se dá pelo entendimento – como o sustentado pelo racionalismo –, mas sim por sua qualidade de agente livre²⁶.

Em paralelo, Sartre entende que o ser humano é liberdade em seu próprio ser, ele está condenado a ser livre pelo fato de ter nascido sem ser necessário o

²¹ STAROBINSKI, Jean. Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o obstáculo. p. 52.

²² SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é humanismo. p. 4.

²³ ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre as ciências e as artes, Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. p. 58. STAROBINSKI, Jean. Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o obstáculo. p. 396.

²⁴ ROUSSEAU, Jean-Jacques. op. cit. p. 99.

²⁵ BUENO, T. S. L. op. cit. p. 30.

²⁶ ROUSSEAU, Jean-Jacques. op. cit. p. 99.

seu consentimento, e sem que haja razão, estamos todos obrigados a assumir a vida dada e a fazer-se, isto é, a sair do nada e tornar-se algo por meio das ações.²⁷

O pensador francês nos remete a Dostoievski, em “Irmãos Karamazov”, livro no qual Fiodor escreve que “se Deus não existisse, tudo seria permitido”. Segundo Sartre, este seria o ponto de partida do existencialismo, isto é, se não existe o determinismo, o ser humano é livre²⁸. É nesse sentido que a liberdade e a consciência se inter-relacionam, pois a consciência tem a capacidade de repelir o determinismo, garantindo, portanto, a liberdade²⁹.

Outra capacidade que diferencia os seres humanos dos demais animais é a perfectibilidade, que segundo Rousseau, é a potencialidade humana de aperfeiçoar-se. É por meio de nossas paixões que buscamos conhecer e refletir e isto nos permite desenvolver mecanismos que auxiliem nossas vidas. Através desta capacidade, torna-se possível compreender a transformação do ser humano presente no estado de natureza (período de solidão pré-moral) e do ser humano presente na sociedade, através da construção de cabanas e agrupamento em famílias – isto é, somos capazes de transformar o meio no qual vivemos, como também a nós mesmos³⁰.

Assim, esta faculdade possibilita o movimento de saída de si e de reconhecimento do outro, o que permite o desenvolvimento dos afetos (amor conjugal, paternal e maternal) como também a descoberta de técnicas possibilitadoras do conhecimento de si e do mundo³¹. É pelo trabalho, fruto das inovações técnicas decorrentes da perfectibilidade, que as pessoas abandonam a sua condição animal – pertencente do estado puro de natureza – e descobre o conflito dos contrários: fora e dentro, eu e outro, bem e mal, igual e desigual³².

Rousseau, assim, constroi uma filosofia da existência devido a sua constante preocupação em demonstrar que, pelas estruturas da sociedade, o

²⁷ SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é humanismo. p. 9.

²⁸ Ibidem. p. 7.

²⁹ SILVA, C. G.. Liberdade e consciência no existencialismo de Jean-Paul Sartre. p. 82.

³⁰ ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre as ciências e as artes, Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. p. 99 e 100.

³¹ BUENO, T. S. L. Representação, Linguagem e Política em Rousseau. p. 10.

³² STAROBINSKI, Jean. Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o obstáculo. p. 398.

homem social passa a não se reconhecer mais em si mesmo, se perdendo em uma busca incessante com o fora, confundindo a sua vontade e a si mesmo com as coisas, tornando-se, assim, um servo delas³³. Em suas palavras é a perfectibilidade que retira o ser humano de sua liberdade originária e o leva ao período das infelicidades:

Seria triste para nós sermos forçados a convir que esta faculdade distintiva [a perfectibilidade] e quase ilimitada é a fonte de todas as desgraças do homem; que ela é que o tira, pelo tempo, dessa condição originária, na qual passaria dias tranquilos e inocentes; que ela é que, fazendo desabrochar com os séculos as suas luzes e os seus erros, os seus vícios e as suas virtudes, torna-o com o tempo o tirano de si mesmo e da natureza³⁴.

A moral em Rousseau, Nietzsche e Sartre

Neste sentido, é possível compreender como Rousseau torna-se um crítico árduo da domesticação de nossos costumes realizado pela moral instituída em sociedade, responsável por nos afastar de nossa espontaneidade e de nossa natureza³⁵.

Rousseau pontua veementemente em seus escritos que os benefícios das luzes – as ciências, as letras e as artes – são anulados pelos “inumeráveis vícios que decorrem da mentira da aparência”³⁶. Isto é, a sociedade civil apresenta-se como uma realidade competitiva na qual o *parecer-ser* prepondera sobre o ser; no qual todos somos servos das aparências, através da qual buscamos sustentar estarmos bem, ainda que estejamos infelizes; no qual nosso corpo é disciplinado para o trabalho e para a competição com os demais. É neste sentido que, a ruptura entre o ser e o parecer representa uma constante preocupação em sua obra, por ser responsável por gerar diversos conflitos: entre natureza e sociedade e entre o homem e ele próprio.

Friedrich, em sua obra “A genealogia da moral”, busca compreender a origem de nossas ideias acerca do bem e do mal, de maneira semelhante ao

³³ ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre as ciências e as artes, Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. p. 42. Ibidem. p. 39.

³⁴ ROUSSEAU, Jean-Jacques. op. cit. p. 100.

³⁵ Ibidem. p. 23.

³⁶ STAROBINSKI, Jean. op. cit. p. 12.

realizado por Rousseau em seu segundo Discurso – no qual realiza a genealogia da desigualdade, sendo esta compreendida pelo genebrino como o mal. Assim, cabe destacar que Rousseau defende, em seu primeiro Discurso, que a noção de bem e mal advém da moral, não sendo algo dado ou natural, mas sim criado historicamente. Neste mesmo sentido já havia observado Spinoza no século XVII: “não é por julgarmos uma coisa boa que [...] a desejamos, mas, ao contrário, é [...] por desejá-la, que a julgamos boa”³⁷.

De maneira ainda mais radical que Rousseau, Nietzsche expõe que a domesticação corresponde ao trabalho do homem sobre si mesmo durante o mais longo período vivido pela espécie humana. Este trabalho, de origem pré-histórica, é responsável pela moralização dos costumes e pela camisa de força social que insere o homem no regime de apreciação, afastando-o de sua liberdade³⁸.

Segundo ele, o valor do bem é criado por quem tem poder de fazê-lo, os poderosos, que se arrogam do direito de criar valores e determinativos. São estes sentimentos de dominação, assim como o de nobreza e superioridade que são responsáveis por determinar a origem da antítese moral entre bom e mau³⁹. Contra o acorrentamento da vontade, Nietzsche alega que o querer tem a potencialidade de libertar, pois é o querer que é capaz de criar novos valores⁴⁰. Friedrich critica a moral por segregar os afetos e por ser, necessariamente, contrária à liberdade, o *laissez aller*, como também tirânica sobre a natureza e a razão⁴¹.

No início de “O ser e o nada”, Sartre declara que os valores (bem e mal, por exemplo) requerem fundamento, pois “os valores só são revelados a uma liberdade ativa que o faz existir como valor pelo simples fato de reconhecê-lo como tal⁴²”. Sartre entende que a liberdade “é o único fundamento dos valores e que nada, absolutamente nada, justifica que eu adote este ou aquele valor ou

³⁷ SPINOZA, Baruch. *Ética*. p. 106.

³⁸ NIETZSCHE, Friedrich W. *A genealogia da moral*. p. 29.

³⁹ *Ibidem*. p. 3-4.

⁴⁰ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. p. 69.

⁴¹ NIETZSCHE, Friedrich W. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. p. 110 e 111.

⁴² SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada - ensaio de ontologia fenomenológica*. p. 138.

uma escala particular de valores” (grifo meu para a parte de que nada justificaria a nossa escolha de uma coisa em lugar de outra, nem a moral, nem a Igreja, nem o Estado poderiam nos dizer o que escolher)⁴³.

Angústia

Assim, nós somos o fundamento dos nossos valores, e estes só existem por nosso intermédio, pois sua existência depende da nossa. Sartre reconhece esses fatos atrelados ao conceito de liberdade como geradores de profunda angústia.

Como explica Arthur Danto:

Como antes, podemos não sentir angústia e, mesmo que a sintamos, isto não é relevante para o conceito. A angústia é apenas o reconhecimento de que nossos valores são nossos e não devidos, em última instância, a nós mesmos, e nada ou ninguém pode de forma séria fundamentar a nossa escolha⁴⁴.

No mesmo sentido, pontua o pensador argelino, Albert Camus, em sua obra “O mito de sísifo” de 1941, acerca deste sentimento de angústia denominado por ele como “o absurdo”:

Os homens também destilam um tanto do inumano. Em certas horas de lucidez, o aspecto mecânico de seus gestos, sua pantomima destituída de sentido faz ficar estúpido tudo aquilo que os rodeia. Um homem fala no telefone por trás de uma divisória envidraçada; não é ouvido, mas se vê sua mímica inalcançável: e se pergunta por que ele vive. Esse desconforto diante da inumanidade do próprio homem, essa queda incalculável diante a imagem do que nós somos, essa ‘náusea’ como a denomina um autor dos nossos dias [Sartre], é também o absurdo⁴⁵.

Conforme denuncia Rousseau – muito antes de Foucault, mas ainda não com esta linguagem –, a sociedade é responsável por disciplinar os corpos, normalizar os seres até que todos pareçamos os mesmos, como se “jogados num mesmo molde”. Os seres se assemelham a um rebanho denominado sociedade, com vidas previsíveis, quase que controláveis, no qual todos os sentimentos moralmente reprimidos (as suspeitas, as desconfianças, os temores, a frieza, a reserva, o ódio, a traição) são mascarados sob o “véu uniforme e pérfido

⁴³ Ibidem. p. 138.

⁴⁴ DANTO, Arthur C. As ideias de Sartre. p. 115.

⁴⁵ CAMUS, Albert. O mito de sísifo. p. 15.

de polidez, sob essa urbanidade tão louvada que devemos às luzes de nosso século”⁴⁶.

Faz-se oportuno mencionar a semelhança de seu pensamento com a literatura escrita pelo alemão Hermann Hesse, em 1917, preocupado com a existência, e que permanece atual até hoje. Hermann Hesse assim escreve em seu livro intitulado “Demian”:

O que existe hoje não é comunidade: é simplesmente rebanho. Os homens se unem porque têm medo um dos outros e cada um se refugia entre seus iguais: rebanho de patrões, rebanho de operários, rebanho de intelectuais... E por quê têm medo? Só se tem medo quando não se está de acordo consigo mesmo. Têm medo porque jamais se atreveram a perseguir os próprios impulsos interiores. Uma comunidade formada por indivíduos atemorizados com o desconhecido que levam dentro de si.⁴⁷

Em um sentido também muito próximo dos dois pensamentos supra citados, Nietzsche escreve no prefácio de “A genealogia da moral”, de 1877:

Nós, os investigadores do conhecimento, desconhecemo-nos. E é claro: pois se nunca nos ‘procuramos’, como nos havíamos de nos ‘encontrar’? [...] Mas assim como um homem distraído e absorto acorda sobressaltado, quando o despertador dá a hora, assim nós, depois dos acontecimentos, perguntamos entre admirados e surpresos: ‘O que há? O que somos nós?’ E depois contamos as horas do nosso passado, da nossa vida, do nosso ser, e, aí de nós! enganamo-nos na conta... E é que somos fatalmente estranhos a nós mesmos, não nos compreendemos, temos que confundir-nos com os outros, estamos eternamente condenados a esta lei ‘não há ninguém que não seja estranho a si mesmo’; nem a respeito de nós mesmos ‘procuramos o conhecimento’⁴⁸.

Neste momento que fica nítida a preocupação e o apelo, tanto em Rousseau como em Camus, Nietzsche, Sartre e Hesse, a respeito do autoconhecimento de si, tendo em vista a sociedade de rebanho na qual as pessoas se encontram perdidas fora de si mesmas. É neste caminhar que, torna-se clara a constante angústia mascarada que permeia o corpo social.

⁴⁶ ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre as ciências e as artes, Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. p. 23.

⁴⁷ HESSE, Hermann. Demian. p. 135.

⁴⁸ NIETZSCHE, Friedrich W. A genealogia da moral. p. IX e X.

Responsabilidade ou irresponsabilidade: Sartre e Nietzsche

Sartre trabalha o ocultamento da angústia como o falseamento realizado pela pessoa de sua ansiedade, não apenas perante o outro, mas também perante si mesma, ao não se questionar acerca de sua responsabilidade⁴⁹. É na angústia que a consciência da liberdade se apresenta, com a compreensão de que, como não há nada determinado, o futuro se apresenta como possibilidades de ações que ainda não-são (existência do nada). Sartre prossegue esclarecendo que “a descoberta angustiante é que este vazio, este não ser, não está perante ou fora de nós, ele está em nós mesmos”⁵⁰.

A angústia é vista como uma responsabilidade pertencente a todos seres humanos, que ao escolher a sua própria vida, está também comprometido com a humanidade inteira ao mesmo tempo que escolhe a si próprio. Isto ocorre devido ao fato de que, por meio da escolha, cada um de nós seríamos capazes de determinar se permaneceremos no rebanho que mantém o senso comum (corpo dócil *foucaultiano*) ou não por exemplo. Logo a nossa atitude teria relevância a todos.

Já em oposição direta ao universalismo da escolha e da responsabilidade sustentado por Sartre, Nietzsche defende o sentido positivo da irresponsabilidade total, através do qual seríamos independentes dos elogios e das reprovações, por entender que a irresponsabilidade nos retiraria desta esfera da repressão moral. Ele denuncia o nosso hábito de acusar, de procurar culpados em nós e fora de nós, inerente à ideia de responsabilidade, qualificando-o como deplorável⁵¹.

Alienação e liberdade

É nesse caminhar que conseguimos alcançar o desdém da filosofia da existência referente à sociedade de espetacularização, na qual todos estaríamos em um palco encenando papéis em um jogo de aparências que não cessa, voltado à admiração pública, para que a nova necessidade moral da vaidade possa ser saciada. É neste percurso que Rousseau realiza profundas críticas ao modelo social de seu tempo, que institucionalizou o mundo da alienação, no qual as pessoas só vivem fora de

⁴⁹ SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é humanismo. p. 6

⁵⁰ SILVA, C. G. Liberdade e consciência no existencialismo de Jean-Paul Sartre. p. 24.

⁵¹ DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. p. 17-18.

si e para o outro. Conforme esclarece Starobinski, a alienação é compreendida como não mais se pertencer, ao sair de si mesmo e passar a viver para a opinião e o olhar dos outros, buscando sempre o reconhecimento de fora⁵².

O imperativo máximo da filosofia existencial *rousseauiana* é, portanto, que as pessoas devem buscar viver de acordo com a sua própria natureza, “então não há nada pior que viver como num teatro, encenando personagens que não exprimem sua verdadeira essência, tal como historicamente aconteceu”⁵³.

Má fé e o outro

O mundo das aparências também está presente no pensamento de Sartre, através do que este denomina de “má fé” que representa o pensamento humano de fugir de si mesmo, isto é, de mentir para si mesmo ao construir uma imagem de si que não é. Isto é, a mentira é considerada como um fenômeno normal⁵⁴ – sem qualquer reprovação moralista –, mas a má-fé não se trata de uma mera mentira que busca enganar o outro, pois a própria pessoa também esconde a verdade de si e vive apenas com a mentira, sem ter consciência disto⁵⁵.

Assim como o denunciado em Rousseau, a má fé *sartriana* nos remete à pessoa que vive e se enxerga pelos olhos do outro. Logo, a pessoa é ao mesmo tempo enganador e enganado, vivendo em uma alienação inconsciente⁵⁶.

Sobre esta inconsciência, Albert Camus, ao descrever a vida mecânica do rebanho, também apresenta a possibilidade de se alcançar uma consciência libertadora que pode alterar tal cenário, que agrega o absurdo de prosseguir em uma rotina inconsciente que não traz satisfação:

Levantar-se, bonde, quatro horas de escritório ou fábrica, refeição, bonde, quatro horas de trabalho, refeição, sono, e segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado no mesmo ritmo, essa estrada se sucede facilmente a maior parte do tempo. Um dia apenas o

⁵² STAROBINSKI, Jean. Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o obstáculo. p. 399.

⁵³ BUENO, T. S. L. Representação, Linguagem e Política em Rousseau. p. 34.

⁵⁴ Compreensão também presente em Freud, segundo o qual o sujeito se ilude sobre si mesmo, ao mesmo tempo que ilude os outros. Isto ocorre devido a processos do inconsciente responsáveis por distorções, denominados como “território estrangeiro interno”. Apud ROUANET, Sergio Paulo. Teoria crítica e psicanálise. p. 319.

⁵⁵ SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada - ensaio de ontologia fenomenológica. p. 92-93.

⁵⁶ SILVA, C. G. Liberdade e consciência no existencialismo de Jean-Paul Sartre. p. 27.

‘porque’ desponta e tudo começa com esse cansaço tingido de espanto. ‘Começa’, isso é importante. O cansaço está no final dos atos de uma vida mecânica, mas inaugura ao mesmo tempo o movimento da consciência. Ele a desperta e desafia a continuação. A continuação é o retorno inconsciente à mesma trama ou o despertar definitivo. [...].⁵⁷

Já Sartre faz remissão a Freud, ao sustentar que apenas com o trabalho com as estruturas do recalque freudiano que conseguiremos tomar consciência desta má-fé⁵⁸. O pensamento de Sartre o aproxima do entendimento *rousseauiano* ao compreender que a consciência de si está profundamente ligada com a imaginária possibilidade de tornar-se um outro.

Em sua obra “Confissões”, Rousseau, que antecede Freud e os estudos psicanalíticos, assume que passou a ter consciência de si a partir do momento no qual entrou no mundo da literatura que permitia com que ele se imaginasse no papel dos personagens das histórias que lia⁵⁹. Neste momento ainda não é vislumbrado como maléfico este exercício do imaginário de se colocar no lugar do outro, como passa a ser no mundo das aparências no qual as pessoas passam a se buscar nos outros, no fora, ao invés de se conhecer por dentro, o si, ou seja, realidade na qual as aparências são mais importantes.

É neste mesmo sentido que, Sartre, em sua filosofia existencialista, atribui ao humanismo o fato de que o ser humano está frequentemente fora de si, e conclui que é projetando-se para fora de si mesmo que o homem passa a existir⁶⁰. Ele rompe com a filosofia de Descartes e Kant, ao fixar a ideia de que nós nos apreendemos a nós mesmos em relação ao outro⁶¹.

Neste sentido, só é possível alcançarmos o fundamento de ser “para si”, sem ser dominado pelo outro, se concebermos a plena liberdade do outro, sem preconceitos, intromissões e discriminação de sua singularidade, como também a nossa plena liberdade⁶². É sob o viés da liberdade que, parafraseando

⁵⁷ CAMUS, Albert. O mito de sísifo. p. 14.

⁵⁸ SILVA, C. G. op. cit. p. 28.

⁵⁹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. As confissões. p. 8-9.

⁶⁰ SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é humanismo. p. 18.

⁶¹ Ibidem. p. 13.

⁶² SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada - ensaio de ontologia fenomenológica.. p. 454.

Sartre, o inferno pode parar de ser as outras pessoas⁶³. De maneira próxima da experiência vivida por Rousseau com a literatura em sua infância, Sartre acredita que esta transformação é possível se concretamente conseguirmos “ser para si mesmo este outro”, que representa a importância primordial das relações com o de fora⁶⁴.

Considerações Finais

Vislumbramos, assim, uma releitura do trabalho empreendido por Rousseau que foi responsável por apresentar como obra do ser humano o que a tradição da época categorizava como algo de Deus ou naturalizado, como por exemplo a criação da sociedade civil das aparências e a construção da moral. Em um contexto de nobreza francesa e genebrina escravagista, Rousseau foi responsável por romper com a primazia da racionalidade sobre os afetos e com a ideia de essência determinista, colocando em seu lugar a potencialidade de todos igualmente à liberdade.

Ele nos deixa, ainda nos dias de hoje, diante de uma realidade angustiante: de um lado, a impossibilidade de retornarmos ao estado de espontaneidade, no qual a felicidade era plena (estado de natureza); de outro lado, a sociedade complexa das aparências apresenta-se como uma situação irreversível, devido a impossibilidade de destruirmos todas as descobertas e mudanças que foram realizadas ao longo dos anos.

Segundo Starobinski, o caminho de retorno a felicidade está disponível para os sonhadores, capazes de manter desperta a mente para a nossa espontaneidade e simplicidade – mostrada por Rousseau como saídas: a educação e a democracia, em suas obras “Emílio” e o “Contrato social”⁶⁵.

Assim, Rousseau, em 1754, abriu portas para questões que ainda são buscadas nos dias de hoje: a busca de viver de forma criativa e se sentir livre para escolher a sua própria forma de vida, fora do rebanho e dos ditames universalizantes da moral; a construção da subjetividade rompedora da sociedade de rebanho homogeneizante do todo; a procura pela felicidade, que carrega a

⁶³ Paráfraseamento da passagem de Sartre: “L’enfer c’est les autres” (o inferno é os outros), da peça Entre quatro paredes.

⁶⁴ SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada - ensaio de ontologia fenomenológica. p. 456-457.

⁶⁵ STAROBINSKI, Jean. Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o obstáculo. p. 394.

responsabilidade social; e a angústia, que também é produtora de uma constante constituição de valores que dão sentido a nossa própria existência.

Longe de me propor fechar o tema ou oferecer respostas, prefiro deixá-lo aberto aos afetos e à reflexão, à apropriação emancipada de cada um da história, buscando apropriar-se dela e transformá-la⁶⁶ livremente em algo próprio e singular, tomando consciência das aparências e do rebanho homogeneizante do qual não precisamos integrar.

Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. *Política e História* - de Maquiavel a Marx. Curso ministrado na École Normale Supérieure de 1955 a 1972. Trad. Ivone C. Benedetti. Martins Fontes: São Paulo, 2007.

BUENO, T. S. L. *Representação, Linguagem e Política em Rousseau*. Dissertação do Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, 2009.

BOECHAT, N. C. *Tolerância e Liberdade*. Revista eletrônica do Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação, ECA-USP. Disponível no link: <http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/existocom/ensaio10d.html>, última visualização no dia 27 de maio de 2014.

CAMUS, Albert. *O mito de sísifo*. Versão digital. In: http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000131.pdf, visualizado pela última vez no dia 10 de julho de 2014.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

_____. *A ilha deserta*. Iluminuras Ltda.: São Paulo, 2006.

DANTO, Arthur C. *As ideias de Sartre*. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. 8ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2009.

HESSE, Hermann. *Demian*. Trad. Ivo Barroso. 15ª ed., Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1978.

HOBBS, Thomas. *Leviatã* - ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico civil. São Paulo: Martin Claret, 2007.

MONTEAGUDO, Ricardo. *Rousseau existencialista*. Trabalho apresentado na XXVI Jornada de Filosofia e Teoria das Ciências Humanas: “A filosofia da existência e a tragédia moderna” realizada pelo Departamento de Filosofia da Unesp-Marília em novembro/2002.

⁶⁶ RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. p. 25.

NIETZSCHE, Friedrich W. *A genealogia da moral*. São Paulo: Editora Moraes, 1985.

_____. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Porto Alegre, RS: LP&M, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *As confissões*. São Paulo: Martin Claret, 2011.

_____. *Discurso sobre as ciências e as artes, Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é humanismo*. Trad. Rita Correia Guedes. Paris: Les Éditions Nagel, 1970.

_____. *O ser e o nada - ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. Paulo Perdigão. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda., 1943.

SILVA, C. G. *Liberdade e consciência no existencialismo de Jean-Paul Sartre*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Filosofia, PUC-Rio, 1995.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o obstáculo*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

Da rebeldia insurgente ao niilismo outsider: câmbios culturais conectam a juventude e *rock and roll* entre a pré e a pós modernidade

Jackson da Silva Leal¹

Resumo: O presente trabalho objetiva analisar a juventude e a produção cultural alternativa a partir do *rock and roll* nas suas diversas vertentes e manifestações como construção social insurgente e emancipatória, que tem acompanhado a modernidade sempre como uma sombra espelhar incômoda que teima em mostrar e verbalizar o lado oculto da modernidade e suas dinâmicas de sociabilidade que ocasionam exclusão e desesperança. Nesta linha, se analisa as produções culturais que envolveram a juventude em seus primórdios – como categoria e como constructos e construtores da sua realidade, tendo como trilha, influência e resultado o *Jazz* e o *blues* negro do início do século XX, assim como também transformaram-se em objeto de intervenção político-criminal pelo incômodo/irritação sistêmica causada. Em um segundo momento, analisa-se o período da pós-modernidade, ainda que se entenda o período atual como de transição, para refletir sobre as produções culturais da juventude ainda ligadas ao *rock and roll* em sua multiplicidade facetária de estilos e identidades, na produção de insurgência e alteridade cidadã. Traz-se a contribuição do *New Metal* (século XXI) como manifestação niilista característica da juventude e culturalidade pós-moderna de transição, entre o paradigma de sociabilidade sistêmica e o novíssimo paradigma de sociabilidade calcado na alteridade insurgente cidadã – batalha marcada pela luta entre sentidos.

Palavras-chave: Criminologia cultural. Juventude. *Rock and Roll*. *New Metal*. Revolução paradigmática.

¹ Doutorando em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC.

Abstract: This paper aims to analyze youth and alternative cultural production from the Rock and Roll in its various forms and manifestations as a social construction insurgent and emancipatory modernity that has always accompanied like a shadow that insists uncomfortable mirror to show and verbalize the hidden side of modernity and its dynamics of social exclusion and hopelessness that cause. In this line analyzes cultural productions involving youth in its infancy - and as a category of its constructs and constructs reality, and how to track, influence and results in the black blues and jazz from the beginning of the twentieth century, and also became object of intervention by political and criminal nuisance / irritation caused systemic. In a second step, we analyze the period of post-modernity, yet to understand the current period as a transition, to reflect on the cultural productions of youth still attached to the Rock and Roll in his multiplicity facet of styles and identities, in production of insurgency and otherness citizen. It brings up the contribution of New Metal (century) as a manifestation characteristic of youth and nihilistic postmodern cultural transition between the systemic paradigm of sociability and the brand new paradigm of social citizenship hinges on the alterity insurgent - a battle marked by the struggle between sense.

24

Keywords: Cultural criminology. Youth. Rock and roll. New Metal. Paradigmatic revolution.

Breve histórico da cultura juvenil entre o jazz e o blues e a tensão do sistema

Este trabalho pretende analisar duas categorias surgidas no seio da modernidade. A juventude como categoria analítica surgida no início do século XX e o *rock and roll* como constructo sociopolítico e cultural – elemento identitário - desviante.

Assim, têm-se o objetivo de analisar a historicidade da juventude e suas práticas culturais de insurgências e contestação, desde o sua gênese como categoria e práticas culturais, até a contemporaneidade, em suas diversas manifestações, estilos e estratégias. Com intuito principal de avaliar e trazer os câmbios identitários de tal categoria (juventude) e suas práticas culturais (para efeito deste o texto o *rock and roll*), mas a permanência, com novíssimas facetas, do caráter crítico e tensionante.

Neste ponto introdutório, analisa-se a construção da categoria analítica juventude e suas dinâmicas culturais e identitárias, que confundem-se em muito com a sua participação/concepção política e também com as dinâmicas de contestação social que lhes restavam.

Até começar a constituir o que contemporaneamente denomina-se por modernidade, a infância e a idade adulta seriam ligadas diretamente. O indivíduo era jogado ao mundo (normalmente mediante algum rito de passagem) de acordo com seu papel pré-definido: se menino, empurrado ao mercado de trabalho e de produção; se menina, começaria o aprendizado matrimonial e seus papéis pré-estabelecidos², não existindo uma clara passagem ou período entre a infância e a vida adulta.

Com a modernidade e seus postulados de liberdade, igualdade e fraternidade inaugurados pela Revolução Francesa, mas primordialmente e paralelamente a Revolução Industrial, passa-se a necessitar de mão de obra qualificada e sadia. Quando então, começa-se a dedicar especial atenção àquele contingente que vinha sofrendo de forma especial e perversa o peso do processo de modernização e ampliação produtiva.

Nesta linha, na virada entre os séculos XIX e XX em pleno desenvolvimento da modernidade³ e seu paradigma de sociabilidade forja-se a categoria denominada de juventude (ou adolescência). Assim, pode-se trazer a

² Para saber mais, ver: HEYWOOD, 2004.

³ Para saber mais, ver SAVAGE (2009); e o desenvolvimento cultural, e político-social da juventude na primeira metade do século XX.

juventude como categoria científica que foi inaugurada/criada na/pela ciência moderna pelo psicólogo Stanley Hall; traz Jon Savage (2009, p.82):

O termo definitivo para o hiato entre a infância e idade adulta foi cunhado [...] ele vinha coletando dados havia no mínimo cinco anos e, numa conferência naquele verão, ele deu a primeira definição de idade para o que chamou de adolescência, o estado intermediário que Rousseau havia ao mesmo tempo exaltado e feito advertência a respeito, não era só determinado biologicamente, mas socialmente construído.

Amplia-se, dessa maneira, em tempo e intensidade, a proteção e o reconhecimento da infância e da juventude como categorias definidas. E a partir de então, passa-se a entender e propagar a infância e juventude como sendo uma construção social, definida por elementos conjecturais políticos, sociais e culturais.

E neste ponto, vê-se mais claramente o atrelamento à concepção de infância e juventude que atrela-se às necessidades do capitalismo nascente e sua necessidade de indivíduos produtores materiais e ideológicos, tornando-se reféns da epistemologia burguesa e positivista hegemônica.

Vê-se que, como grupo e como categoria, foi cunhado para servir ao paradigma hegemônico dominante e como uma ponte/processo de aprendizagem de uma massa que serviria como mão de obra (de preferência a mais barata possível) e na melhor das hipóteses como elementos pensantes para alimentar o sistema do capital através da reprodução de valores, aos quais são expostos desde tenra idade.

O grande problema é justamente este elemento acima – ser pensante – que faz da juventude não apenas produto da modernidade, mas também produtor do mundo em que vivem, como constructos e constructores da realidade, e para além da realidade em que se inserem (e são inseridos).

Nesta linha, trabalha-se, então, com uma concepção de juventudes [...] plurais e heterogêneas e se as entende a partir da conceituação de Miriam Abramovay e Mary Garcia Castro (2003, p. 17), com as quais:

Advoga-se a definição da juventude a partir da transversalidade contida nessa categoria, ou seja, definir juventude implica muito mais do que cortes cronológicos, vivências e oportunidades em uma série de relações sociais, como trabalho, educação, comunicações, participação, consumo, gênero, raça etc. Na realidade, essa

transversalidade traduz que não há apenas um grupo de indivíduos em um mesmo ciclo de vida, ou seja, uma só juventude.

Após este apontamento de índole metodológica – apontando o referencial de juventude com que se trabalha – passa-se a analisar a juventude e a produção de realidade e de sentidos que se delinea a partir deste grupo/categoria.

A juventude foi forjada em meio a um processo de mudanças agudo em termos de sociabilidade, pois, alteravam-se (o mais apropriado seria, acirravam-se) as bases dos meios de produção e as relações a ele inerentes, envolvendo neste processo toda a criação do aparato necessário a este desenvolvimentismo – que quer dizer a criação dos bairros em volta dos grandes centros industriais – fazendo-se, assim, uma culturalidade envolvida/inserida e imersa no intenso processo de expansão material e ideológica capitalista.

Ainda, alterava-se (ou estava prestes a se alterar) questões culturais e político-sociais por conta da primeira guerra mundial que estoura em seguida do início do século XX (e da criação da categoria), mas bem antes, os aparatos público-estatais preparavam-se materialmente produzindo corpos dóceis e saudáveis (para a guerra) e também culturalmente disseminando a ideologia beligerante (principalmente na Europa e posteriormente os EUA) para legitimar suas posturas expansionistas e imperialistas sem perder o apoio popular.

Neste processo desenvolvimentista imperialista do capital, verifica-se que quanto mais o Estado envolvia-se com manobras internacionais de guerra (e todo o gasto que envolve esta decisão/prática) os países envolvidos foram ficando sem recursos para manutenção de questões sociais básicas, deixando a população, sobretudo a população pobre (que, diga-se de passagem, eram quem fazia a máquina andar nos distritos industriais), a mercê de seus azares sob péssimas condições de vida.

Acrescente-se ainda, a total falta de elementos dirigidos à produção de lazer e diversão da massa trabalhadora e principalmente da juventude - que passa mais tempo nas escolas (já que não podia trabalhar) e tem mais tempo livre –; ainda permeada por uma cultura fortemente moralista, embebida de sentidos do século XIX (e anteriores) do liberalismo clássico de A. Smith que propugnava pela produção de corpos aptos e afeitos ao trabalho/produção e voltados à economia – ideologia e contexto totalmente avesso ao que pretendia a juventude inserida na modernidade de promessas.

Neste contexto que se insere o início dos constructos culturais que adiante dariam origem à prática social (ou se poderia dizer político-social e cultural) denominada *rock and roll*. As práticas culturais envolvendo a música (e diversas outras das derivações artísticas – mas para este trabalho importa eminentemente a música) que nasce nos bairros pobres, ao redor dos grandes centros industriais e a partir da grande massa negra (que em geral eram operários subalternizados).

O desenvolvimento da música se apresenta com uma dupla função, sendo a primeira como lazer, distração, prazer (que era raro, ou inexistente, em meio àquele contexto austero e sofrível); e em segundo, como veículo da voz política, com objetivo de denunciar a situação a que estavam expostos, ou simplesmente extravasar tais sentimentos que os angustiavam quando sofridos silenciosos.

Esta construção cultural se dá de um intercâmbio entre o que se chamou de blues e jazz – ambas músicas negras que isoladamente já vinham sendo produzidas ao longo do século XIX e ampliavam-se conforme os negros eram trazidos para o “mundo civilizado” da América do Norte e da Europa e povoavam os bairros proletários e ampliavam-se os diálogos, os encontros e as trocas de experiências e sofrimento.

Assim, o *Blues*⁴, estilo musical produzido pelos negros que aliviava a vida de sofrimento no mundo dos brancos e as sua dinâmica de sociabilidade, na qual eles não faziam parte, senão na figura de objetos – primeiro nas lavouras de algodão da Louisiana, Mississipi e Alabama (século XIX) e posteriormente nos distritos industriais como em Chicago (século XX) –; a música passa a ser, para além de uma produção cultural (que sequer era reconhecida – pois os autores não eram cidadãos), um veículo de protesto, de desabafo, de simples e genuína manifestação de identidade.

Com a influência do *Blues*, surge também o *Jazz*⁵ no decorrer do

⁴ Blues é uma forma musical vocal e/ou instrumental que se fundamenta no uso de notas tocadas ou cantadas numa frequência baixa, com fins expressivos, evitando notas da escala maior, utilizando sempre uma estrutura repetitiva. Nos Estados Unidos surgiu a partir dos cantos de fé religiosa, chamadas spirituals e de outras formas similares, como os cânticos, gritos e canções de trabalho, cantados pelas comunidades dos escravos libertos, com forte raiz estilística na África Ocidental. Suas letras, muitas vezes, incluíam sutis sugestões ou protestos contra a escravidão ou formas de escapar dela. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Blues>

⁵ O Jazz é uma manifestação artístico-musical originária dos Estados Unidos. Tal manifestação teria surgido por volta do início do século XX na região de Nova Orleans e em suas proximidades, tendo na cultura popular e na criatividade das comunidades negras que ali viviam um de seus espaços de desenvolvimento mais importantes. O Jazz se desenvolveu com a mistura de

desenvolvimento industrial, em meio a seus bairros pobres e negros, e como forma de refúgio individual, coletivo e manifestação cultural. Este constructo se caracteriza pelo constante diálogo e contato interpessoal, assim como também da intensidade de seus ritmos, sentimentos e relações, e logo toma conta e extrapola os limites, visíveis e reais ou não, dos bairros industriais (subúrbios ou *slums*) e chega/invade a sociedade branca apática sem cor, graça, sem diversão, sem sentimento (ou totalmente reprimido – como o queria a doutrina liberal).

Estas dinâmicas se popularizaram como forma de agrupamento social e em grande medida de transgressão social, tendo em vista que embalados pelos instrumentos de sopro e seus ritmos alucinantes e acelerados, com as batidas da percussão que se aproximava dos batimentos cardíacos da sociedade que se agitava e saía da vida monótona que lhes estava sendo proposta como sonho (do qual parecia não se poder acordar), e as letras que permitiam falar, cantar, dançar e sonhar o que politicamente era negado sequer pensar.

Tal produção ganha o mundo e as almas com a criação (alguns anos mais tarde – em meados de 40 do século XX) da guitarra elétrica e o mundo ocidental nunca mais conheceria a paz indolente e a ordem que esperavam estar se construindo e mitificando nos seres e saberes inscritos nos corpos.

Assim, a juventude se torna ruidosa, pensante, construtiva e insurgente, construída e construtora da própria realidade e para além dela (que na maioria dos casos necessitava de mudança), identidade e alteridade – se torna um monstro cultural que se volta contra o criador – a modernidade e os instrumentos por ela fornecidos. Nesta linha, assevera J. Savage (2009, p. 240):

A fusão americana de comércio e profundas necessidades emocionais teve sua violenta contracorrente. O caso Leopold Loeb e a conquista de Cícero por Al Capone revelaram que aquilo que Freud definira em 1923 como id – inspirado no das es de Nietzsche – não estava sujeito a controles racionais. Ao estimular desejos e temores primitivos fundamentais, as empresas americanas estavam enchendo de munição uma arma que estava carregada. Freud sustentava que o id podia ser dividido em dois elementos: Eros e Tánatos. O primeiro era o instinto de vida, o segundo, o instinto

várias tradições musicais, em particular a afro-americana. Esta nova forma de se fazer música incorporava blue notes, chamada e resposta, forma sincopada, polirritmia, improvisação e notas com swing do ragtime. Os instrumentos musicais básicos para o Jazz são aqueles usados em bandas marciais e bandas de dança: metais, palhetas e baterias. No entanto, o Jazz, em suas várias formas, aceita praticamente todo tipo de instrumento. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jazz>

sádico de morte. A vida em si seria um conflito e um compromisso entre esses dois mundos.

Outra questão que merece análise e destaque é a criação dos tribunais de menores, até então inexistentes. Passa-se a dar atenção a juventude e sua produção cultural na posição de produtores de desordem, de caos. Em meio ao incessante (ao *contratio*, crescente) processo de divulgação de produtos e desejos que a modernidade produzia, bem como a identidade/status que com estes acompanhava, e ainda um processo desigual de acumulação que impedia a grande massa de acessar tal padrão de vida/sonho vendido.

E ainda, em reação ao histórico e cotidiano processo de moldagem de corpos dóceis e sadios, não reconhecendo tal contingente como dotado de autonomia e identidade própria (querer-poder⁶), mas entendendo-os como meros objetos de intervenção do saber-poder liberal burguês vitoriano e moralista. Assim, defronta-se o sistema com a juventude transformada no seu pior inimigo, com o qual não consegue a conciliação até o final do século (e talvez nunca consiga a partir do paradigma de sociabilidade autoritário ocidental).

A partir desta relação conflituosa e deste antagonismo relacional e identitário que dá-se o intercâmbio entre a juventude e sua produção cultural, e a modernidade e seus veículos educadores/repressores e moralizantes.

Neste contexto de modificação, o ruído social produzido, (ou seria melhor dizer – irritação do sistema?), envoltos em ebulição cultural – acessando substâncias como álcool e demais químicos entorpecentes (larga e conhecidamente utilizados por indivíduos envolvidos com a guerra – sendo funcional neste sentido) como cocaína e ópio –, que a juventude e a música são reconhecidos como problemas e sua associação com a droga, como crimes das mais variadas espécies, gravidades e penalidades. A juventude pode passar de futuro da nação a futuro da criminalidade; a música popular passa de constructo cultural para influência criminógena e imoral; e a droga perde a sua funcionalidade sistêmica de anestesiarem os resultados e pavor causados na guerra.

Nesta linha e contexto que leciona Howard Becker (2008, p. 22):

Desse ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros

⁶ Concepção Dusseliana da gênese e fundamento (legitimidade) primevo do poder - a vontade humana individual e a partir da intersubjetividade relacional – na formação de vontades, saberes e poderes (DUSSEL, 2009).

de regras e sanções a um infrator. O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal.

Neste mundo que surge o *rock and roll*, em um mundo em guerra - países em luta externa e interna. Cria-se o monstro desestabilizador da ordem burguesa, congregando todas as suas antinomias (criações de antagonismos): a juventude e sua carga identitária com seus encontros, desencontros e relações intensas; as manifestações culturais insurgentes, ácidas, agressivas, descontentes [...].

E numa dinâmica de antagonismo, complementaridade, congregando saberes, identidades e culturas que produziu a variedade de estilos (subespécies) de *rock and roll* no devir do século XX, sempre em busca da sua função de extravasar uma identidade juvenil e produzir um conhecimento contestatório, fazendo frente ao sistema burguês repressor e sua cultura moralista – produzindo assim, seres outsiders, desviantes – e tencionando o sistema.

Entretanto, esse processo de construção social cambia intensamente com as dinâmicas político-sociais e também sob a forte (cada vez mais) influência do mercado liberal (posteriormente na sua versão neoliberal – e suas dinâmicas de sociabilidade na sociedade de massa fragmentada), o que redundava em alterações também intensas na cultura e identidade juvenil, assim como também do *rock and roll* como constructo social e produção de sentidos. Mudança esta que se analisa a frente, em um salto cronológico de mais de 40 anos, para permitir analisar as mudanças operadas na virada do século XX⁷.

Itinerários da transição cultural identitária do *rock n roll* e da juventude em direção à pós-modernidade da descrença

No primeiro ponto deste trabalho, analisa-se o final do século XX e início do XXI, que entende-se pelo início de uma nova era (ou ao menos diferente) na cultura musical e que nada mais é do que mudanças subjacentes na identidade da juventude – que longe de encerrar-se em uma categoria analítica – apresenta-se como uma multiplicidade de práticas culturais, identitárias, e, sobretudo, submetidos à dinâmicas de vulnerabilidades, como apresentam Castro e Abramovay Abramovay (2002 a, p. 29):

⁷ Para uma leitura sobre a relação entre cultura, rock and roll e desvio neste período, ver: Criminologia Cultural e Rock (CARVALHO; NETO; MAYORA; LINCK, 2011).

[...] como o resultado negativo da relação entre disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas e culturais que provem do Estado, do mercado e da sociedade. Esse resultado se traduz em debilidades ou desvantagens para o desempenho e mobilidade social dos atores.

Nesta perspectiva que se analisa as influências musicais que surgem em meio ao processo de transição paradigmática contemporânea, conectando a mudanças político-sociais que permeiam tal processo e a juventude que pode ser mero objeto das políticas atuariais de cooptação e domesticação, como quer o sistema moderno; ou como protagonistas de uma reviravolta societária, que se inicia por práticas culturais e as identidades que lhes são subjacentes – inconformismo com a identidade que se lhes tenta outorgar.

Neste sentido, aborda-se – pode-se dizer – o caso do sepultamento de algumas categorias identitárias, e o nascimento de novos constructos sociais, que ocasionados, em alguma medida, por mudanças propiciadas na dinâmica modernizante e fragmentadora da modernidade hegemônica vigente, tais como o esvaziamento do campo e da potencialidade da política, tema do qual se ocupa Zygmunt Bauman (1998; 2001; 05; 08-a; 08-b).

Como demonstrou a música – para este caso, o *rock and roll*, com suas origens no *blues* e no *jazz* - como constructo social e cultural, tem suas origens fortemente atreladas ao processo de contestação social, sendo produzida nos guetos negros nascentes dos EUA do início do século XX com o processo de industrialização, e como forma de extravasar/desabafar sobre as condições desumanas em que viviam em volta das indústrias que moviam e enriqueciam o país, ao passo que produziam um processo exponencial de desigualdade social. E ainda, como forma de se produzir formas de lazer, praticamente inexistentes para estes grupos alijados da vida social que a modernidade prometia e permitia apenas a uma parcela (cada vez menor).

Nesta linha, o *rock and roll*, contemporaneamente denominado de clássico e ainda que tenha influenciado praticamente todas as práticas musicais do período transicional, começa a sofrer novamente (assim como na gênese) um processo de hibridação, mistura cultural e identitária, o que reflete diretamente na produção artístico-musical, que é dos elementos a interferir e construir o *rock and roll* como constructo social.

Aponta-se ainda, o *punk* como sendo mais que uma das grandes, senão uma das principais influências deste período transicional; sendo este um constructo social artístico e musical, mas mais que isso, quase que uma estrutura de vida permeada por uma filosofia de descrença, uma verdadeira filosofia transgressora e *outsider*; que, por sua vez, mesmo sendo um derivativo do *rock and roll*, por seu contexto e quebra de paradigma merece especial relevo⁸. Neste sentido é a apresentação de Paulo Sergio do Carmo:

O punk era também a reação contra o otimismo florido e muitas vezes alienado da geração paz e amor e seu sonho psicodélico. Enquanto os hippies originaram-se da classe média e desejavam o retorno ao campo, os punks eram jovens operários ou filhos de operários que cresceram nos subúrbios. [...] O punk explode, então, com um música ágil e autêntica, em sintonia com as experiências dos jovens no cotidiano das ruas [...] ao expor o grotesco, ao insultar a sociedade de consumo, ao desprezar os partidos políticos e ridicularizar a felicidade artificial, os punks representaram um soco na sociedade tradicional. Exibiam-se a morbidez, o sentimento de vazio existencial, sintoma da sociedade doente. (CARMO, 2001, p. 124-125-126)

E ainda, também, a hibridação com a música negra contemporânea provinda dos *slums*, como o *hip-hop*, o *funk* em uma insistência de aproximação com práticas de cunho político e de retomada de uma tentativa de fazer parte da produção de saberes politicamente relevantes no campo da política e formação de opinião e consciência política.

Com isso, pode-se trabalhar e procurar traçar, ainda que de forma breve, as influências (pode-se dizer principais) que motivaram e guiaram esse processo de obscurantismo em relação às promessas não cumpridas da modernidade e uma prática eminentemente assimilacionista e sem condições de produzir um processo de reconhecimento da juventude em suas especificidades, necessidades e aspirações, mesmo que com mais de 50 anos de processo histórico.

Assim, a partir de um processo de hibridação que culminou com a nova música contestadora e conformada de diversos estilos musicais de estilos e grupos – em regra alijados da cena cultural ordinariamente aceita pela crítica,

⁸ Para uma leitura mais aprofundada da influencia punk ver: CARVALHO, Salo de. Das Subculturas Desviantes ao Tribalismo Urbano: itinerários da criminologia cultural através do movimento punk. In: Criminologia Cultural e Rock. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2011. pp. 149-223.

pelo capital e pela moral autoperpetuada e sistêmica.

Neste contexto que reproduzem-se as identidades transgressoras, que não adequam-se a este paradigma de sociabilidade, pois não são aceitas e não querem ser aceitas nestas dinâmicas de submissão aos desmandos do capital e ao seu *ethos* burguês, permeado por uma total descrença em dias melhores, ou que são eles o futuro da nação; ainda, não se adequando aos imperativos categóricos impostos pelo mercado de trabalho e as vidas módicas e sofríveis a que seriam destinados, ou mesmo ao simples submetimento identitário que a modernidade exige, e onde a juventude é meramente um período transicional e formativo para a vida adulta e produtiva – mantenedora da ordem vigente.

Transgressão que não manifesta-se puramente em atitudes não sistêmicas, mas que manifestam-se em um multidimensionalidade, envolvendo o sistema, a sua própria identidade, as relações interpessoais, as esperanças; ainda, manifestam-se com falas corporais, suas atitudes e pensamentos autodepreciativos, desencorajados; conotando a visão que se tem de mundo, preso ao deserto do real a que estão acorrentados.

Com isso, traz-se uma das primeiras influências deste *modus vivendi* que permeia a juventude neste período transicional cultural entre as crenças de um mundo de bem estar crédulo nas promessas do desenvolvimento econômico e os reais resultados que se produziam/refletiam nas vidas e os desastres que se processavam nas identidades, nesta linha são as manifestações da banda *The Cure*⁹, em *Untitled*:

Hopelessly drift
In the eyes of the ghost again
Down on my knees

⁹ THE CURE é uma banda de rock inglesa formada em 1976 em Crawley, Inglaterra. Robert Smith é o líder da banda e único elemento constante desde a sua formação, além de se manter responsável sozinho por sua direção musical, sendo produtor, cantor, compositor e multi-instrumentista. Aclamados no final dos anos 1980 e princípio da década seguinte, com diversos álbuns que alcançaram grande exposição e popularidade, passaram a ser negligenciados pela imprensa na segunda metade dos anos 1990. Com a chegada do novo século, a banda foi reconhecida mundialmente como uma das mais influentes do rock alternativo moderno. À ilusão do Seventeen Seconds, segue-se a letargia do desespero em Faith. Todo esse desespero e emoções contidas transformam-se em raiva, ódio e num desespero ainda mais exacerbado em Pornography, tornando este álbum um marco para a música alternativa. [...] Na Picture Tour de 1981 os concertos assemelhavam-se a cerimônias religiosas, com uma atmosfera altamente depressiva ao ponto da audiência não aguentar e provocar graves tumultos. [...] A música dos The Cure tem sido categorizada como rock gótico, subgênero do rock alternativo, como uma das principais bandas. Fonte: <http://www.thecure.com/default.aspx>

And my hands in the air again
 Pushing my face in the memory of you again
 But I never know if it's real
 Never know how I wanted to feel
 Never quite said what I wanted to say to you
 Never quite managed the words to explain to you
 Never quite knew how to make them believable
 And now the time has gone
 Another time undone
 Hopelessly fighting the devil

Tal composição data de 1989, quando o mundo mágico das políticas sociais estava em pleno processo de arruinamento e o neoliberalismo retomava as rédeas do devir histórico, já que não precisava mais retroceder em seu ímpeto desenvolvimentista e dominador, tendo em vista que não está mais sob a iminência de uma revolução, pois, dissiparam-se em meio à fumaça da modernidade feiticeira. Assim, vê-se um profundo sentimento de desesperança para com a sociedade pós-industrial que se forma no passo do capitalismo voraz e à revelia da sociedade totalmente destituída de seu fundamento político.

Nesta linha, no que diz respeito às juventudes e o *ethos outsider*, um dos elementos que deixa claro o profundo sentimento de frustração e desesperança pelo não pertencimento, ficando explícito quando Robert Smith fala “*never quite said what I wanted to say to you*” sendo uma das questões centrais na relação da juventude com a modernidade – a subtração do direito de fala.

O conhecimento/cultura juvenil continua sob, ou pior, é recrudescida a dinâmica de controle dos sujeitos que se transformam, como Bauman apresenta, em indivíduos meramente reprimidos pelos legisladores adultos, não podendo se tornar em intérpretes – não podendo externar opiniões válidas –, pois não fazem parte da modernidade e sua dinâmica de poder-saber (BAUMAN, 2010).

Subtração da fala que culmina, entre outros elementos conformadores – em especial –, com a incapacidade e impossibilidade de fazer parte da arena política, tornados saberes marginais, infames, ausentes (SANTOS, 2006), ou ainda, objeto de repressão, punição e socioeducação – buscando-se (dês)integrar estes indivíduos incômodos.

O *Rock and Roll* historicamente foi atrelado à contestação política, como já se frisou, mas a partir deste período de final do século XX onde a sociedade deixa de oferecer um risco para tornar-se mera demanda consumidora, atributo

ao qual atribuem o status de liberdade, o *rock and roll*, ou seus produtores (a cultura, a sociedade, a juventude) são tomados e envoltos em trevas de participação, o que denomina-se por período for *Black or die* do *rock and roll* e da cultura transgressora e juvenil.

Período (que não é meramente cronológico) mas dá vida de um contingente de indivíduos que a vivem intensamente e sofrem intensamente com a castração imposta pelo paradigma de sociabilidade, no qual os indivíduos se voltam a si mesmos, como diria Alain Touraine o fim do social (2007) e no qual o *rock* e todo o seu complexo cultural se tornam ao mesmo tempo um refúgio para se encontrar, e também resistir ainda que esta não seja através de um ataque direto, mas resistir no sentido de sobreviver, como diria Boaventura de Sousa Santos (2010), “é hora de ir saindo da modernidade”.

Nesta linha, traz-se também como influência de tal constructo cultural e identitário sombrio, obscuro de resistência (no duplo sentido), a produção de *Smashing Pumpkins*¹⁰, em *Disarm*:

I used to be a little boy
So old in my shoes
And what i choose is my choice
What's a boy supposed to do?
The killer in me is the killer in you
My love
I send this smile over to you

Disarm you with a smile
And leave you like they left me here
To wither in denial
The bitterness of one who's left alone

Ooh, the years burn

¹⁰ SMASHING PUMPKINS - é uma banda de rock alternativo norte-americana formada em Chicago no ano de 1987. A banda passou por diversas mudanças de integrantes ao longo do tempo, mas durante a maior parte de sua carreira, assim como na maioria dos créditos em seus álbuns, foram compostos por Billy Corgan (vocais, guitarra), James Iha (guitarra, vocais), D'arcy Wretzky (baixo, vocais) e Jimmy Chamberlin (bateria, percussão). Menos influenciados pelo punk rock do que outras bandas contemporâneas de rock alternativo, a banda possui uma sonoridade bastante diversa, densa, com uma forte presença de guitarras e com elementos de grunge, rock gótico, heavy metal, dream pop, rock psicodélico, rock progressivo, um estilo de produção shoegaze e, posteriormente, música eletrônica. O líder da banda, Billy Corgan, é o principal compositor - suas grandes ambições musicais e letras catárticas moldaram as canções e álbuns da banda, que têm sido descritos como angustiados, relatos da terra de pesadelos de Billy Corgan. Muitas das letras para os Pumpkins são expressões catárticas de emoção, cheias de poesia pessoal e fortes acusações de si mesmo e daqueles a sua volta. Fonte: <http://www.smashingpumpkins.com/pages/home>

Na voz de Billy Corgan, e toda a aura sombria que envolve a banda, seus shows, o público, em pleno ano de 1993, a banda canta a incapacidade do encontro produzida pela modernidade, reflexo da liberdade consumível e da produção de estranhamentos e medos dos outros – medos fabricados – extremamente funcionais para o isolamento do indivíduo, da fragmentação social; ou, como propõe Zygmunt Bauman (2001), sozinhos se compra/consome.

O processo cultural juvenil de retorno a si mesmo fica nítido quando B. Corgan canta “*intoxicated with the madness, I’m in love with my sadness bullshit fakers, enchanted kingdoms the fashion victims chew their charcoal teeth I never let on, that I was on a sinking ship I never let on that I was down you blame yourself, for what you can’t ignore*”¹¹. Ficando clara a exortação à solidão e ao processo de profunda depressão individual em que é jogada a juventude.

Essa dinâmica, permeada por todo o complexo aproveitamento financeiro em que foi transformado o *rock and roll*, pode ser confundido com uma exaltação a sociedade fragmentada e a indivíduos autossuficientes. Entretanto, se as entende – para efeito deste trabalho – como sendo um grande desabafo, remontando a função originária da música enquanto tal, e ao *rock and roll* em específico – como uma válvula de escape das angústias modernas para os quais não existem soluções modernas.

Por fim, traz-se a última referência do *rock and roll* da pós-modernidade – não apenas como figura artística, mas também como congregador identitário multifacetado –, que aglutina duas características importantes para o presente trabalho. O início do processo mais aberto de hibridação musical com o ressurgimento do *rap*, do *funk* e *hip-hop* que trazem para dentro da cultura do *rock and roll* o discurso negro e marginal; e ainda acentua-se a teimosia do *rock* político de forma aberta e explícita que teima em não desaparecer.

Fala-se da figura político-artístico contestatória representada no *Rage Against the Machine*¹² em suas letras ácidas com seus rifes de guitarra e mixagem

¹¹ Trecho da música Zero composta por Billy Corgan.

¹² RAGE AGAINST THE MACHINE - (também conhecidos como Rage, Rage Against ou RATM) é uma banda de metal norte-americana, uma das mais influentes e polêmicas da década de 1990. Formada em 1991, o grupo é composto pelo vocalista, Zack de la Rocha, vocalista, baixista e backing vocals, Tim Commerford, o guitarrista, Tom Morello e o baterista, Brad Wilk. O Rage Against the Machine é conhecido pela sua música ferozmente polêmica, sua ideologia esquerdista contra a América corporativa, o imperialismo cultural, a desigualdade social e a opressão do governo em um coquetel molotov de punk, hip-hop, e thrash metal. O Rage Against

de som oriundos da periferia negra e chicana do Império. Assim, Zack de La Rocha escreve “*And now you do what they told ya! Those who died are justified, for wearing the badge, theyre the chosen whites You justify those that died by wearing the badge, theyre the chosen whites. Come on! Fuck you, I wont do what you tell me*”¹³. Em uma clara e aberta exortação a retomada da autonomia, retirada com a concessão da liberdade fragmentada de consumo massificada.

Com isso o RATM contribui com uma hibridação não só musicalmente transgressora, como também documenta a contemporaneidade desta transgressão na realidade exterior à arte; originária dos EUA (Califórnia), e sua realidade desigual que possibilita uma fatura inestimável para o gatilho cultural/musical da banda e suas críticas ácidas ao som de um híbrido de *hard rock* e *rap*, permeado por toda a problemática da imigração e uma forte aproximação com a cultura latina chicana.

Assim como muitas bandas que viriam após, e influenciadas pelo ritmo do coquetel *molotov* contra o Capitão América que representa a música do RATM, o que para o Império (NEGRI; HARDT, 2005; 06) já produz transgressão/estranheza e motivo de repúdio/tensão o suficiente.

Nesta linha, cantam *People of the Sun* ao redor do mundo, oferecendo e exaltando as atividades como a exército Zapatista no show na Cidade do México, e também no Brasil, dedicando a música às atividades do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST):

Since 1516 minds attacked and overseen, now
Crawl amidst the ruins of this empty dream
They're borders and boots on top of us, pullin'
Knobs on the floor of their toxic metropolis
So how you gonna get what you need to get? the
Gut eaters, blood drenched get offensive like tat
When the fifth sun sets get back reclaim, the
Spirit of Cuahtemoc alive an untamed
Face the funk now blastin' out ya

the Machine basicamente é um instrumental pesado, com os vocais inspirados no rap, como de influência. Em 1992, a banda lançou seu álbum de estréia auto-intitulado, que se tornou um sucesso comercial, levando a uma abertura no Lollapalooza 1993. A banda não divulgou um registro até 1996, com o *Evil Empire*. O terceiro álbum da banda *The Battle of Los Angeles*, foi lançado em 1999. Durante sua temporada inicial de nove anos, eles se tornaram uma das bandas mais populares e influentes da história da música. A banda teve uma grande influência sobre o gênero nu metal que surgiram em meados da década de 1990. Fonte: <http://www.ratm.com/>

¹³ Trecho da música *Killing in the name* composta por Zack de la Rocha.

Speaker, on the one maya, mexico
 That vulture came at try and steal ya name but
 Now you found a gun
 This is for the people of the sun
 It's comin' back around again
 This is for the people of the sun
 Neva forget that the wip snapped ya back, ya
 Spine cracked for tobacco, oh I'm the marlboro man

Pode-se dizer que estas estão entre as principais influências musicais e culturais e principalmente como representativas das nuances que se entende como conformadores do estilo pós-moderno, o niilismo outsider e a teimosia política remanescente, permeados pela hibridação estilístico-musical.

Mais recentemente, surge um dos expoentes da rebeldia insurgente e outsider mais proeminentes, o *System of a Down*¹⁴. De dentro do Império, mas filhos do mundo oriental (região árabe-muçulmana), e com histórico de pertença a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Resumindo, são americanos resultado da diáspora armênia para o mundo ocidental, portanto, são bárbaros e incivilizados.

Com sua música com traços muito próximos do new metal – pesado, rápido e com uma aura sombria –, contribuindo com o processo de hibridação musical agregando elementos da sua cultura mãe (oriental), com instrumentos não usuais para a musicalidade ocidental, permeados por um som pesado que remonta à origem identitária com o *heavy metal*, e também com uma mensagem política e social muita clara e agressiva.

Nesta esteira, Serj Tankian escreve “*aerials, in the sky, when you lose small mind, you free your life*”¹⁵ numa clara exaltação da retomada da autonomia que foi perdida com a construção da modernidade e da cultura ocidental universalizada e imposta, cujo traço elementar é o consumo e transformação das pessoas em

¹⁴ SYSTEM OF A DOWN - (às vezes abreviado para SOAD) é uma banda de metal armeno-americana formada em Glendale, Califórnia em 1992. É composta por Daron Malakian (guitarra, vocais), Serj Tankian (vocais, teclados), Shavo Odadjian (baixo) e John Dolmayan (bateria). O grupo é conhecido pelas visões políticas e sociais que inserem nas letras de suas canções. O System of a Down usa uma grande variedade de instrumentos, incluindo guitarra barítônica, mandolins elétricos, cítaras, violões de doze cordas entre outros instrumentos asiáticos. Suas principais influências são as bandas mais antigas de rock alternativo, mas eles também foram influenciados pelo heavy metal, punk rock, jazz, fusion, música folk da Armênia, rock, rock clássico, blues e industrial. Fonte: <http://www.systemofadown.com/>

¹⁵ Trecho da música *aerials* – composição de Tankian Malakian.

bens consumíveis.

A contestação do SOAD é aberta, inclusive contra um dos elementos erigidos como intocáveis da modernidade, o avalista simbólico da sua construção imperial, a ciência e o conhecimento oficial. Assim escreve Malakian em *Science*:

Making two possibilities a reality
 predicting the future of things we all know
 fighting off the diseased programming of centuries, centuries, centuries, centuries
 Science fails to recognize the single
 most potent element of human existence
 letting the reigns go to the unfolding is faith, faith, faith, faith
 Science has failed our world science has failed our mother earth
 Science fails to recognize the single
 most potent element of human existence
 letting the reigns go to the unfolding is faith, faith, faith, faith
 Science has failed our world

Com isso questiona-se os elementos significantes do conhecimento hegemônico permeados de elementos políticos, ideológicos e com reflexos sociais muito visíveis; ao arrepio da falácia discursiva autolegitimadora da neutralidade axiológica científica a que supostamente se preconiza na construção deste conhecimento.

E também, para o bem da humanidade, a destruição e combate a conhecimentos definidos como não saudáveis para a sociabilidade moderna, tornados em saberes marginais; tema este tão bem trabalhado por Zygmunt Bauman (2010) e Boaventura Sousa Santos (1987; 89).

Assim como o RATM, os System's são atentos e incentivadores dos movimentos sociais e populares, referindo-se, por exemplo, ao movimento de protesto da Praça da Paz Celestial (ou *Tian'anmen* – China) ocorrido em 1989 com o massacre da juventude manifestante na música *Hypnotize*¹⁶. Cotejando o movimento popular com a cultura do consumo contemporânea e o desmantelamento que se produziu a partir da fragmentação social chamada de liberdade.

¹⁶ Why don't you ask the kids at
 Tiananmen Square
 Was fashion the reason why they were there?
 They disguise it, hypnotize it Television made you buy it
 I'm just sitting in my car and waiting for my...
 She's scared that I will take her away from there
 Her dreams and her country left with no one there
 Mesmerize the simple minded Propaganda leaves us blinded

Vê-se novamente a juventude na linha de frente das tentativas de mudança social, como construtores e significantes da sua identidade, culturalidade, dos próprios futuros e seus constructos sociais, políticos e ideológicos. Em um claro manifesto em prol da retomada da insurgência política e da produção de autonomia identitária, política, social, cultural [...] ao estilo da proposta de Enrique Dussel (2009) e uma atuação clara e abertamente política, rebelde e insurgente.

A Pós- Modernidade, o New Metal e a juventude niilista

Passa-se a analisar a pós-modernidade da descrença, que para efeito do presente trabalho, a referência que se faz esta uma suposta pós-modernidade diz respeito a um período de transição identitária, cultural, política e social, sem ainda desvencilhar-se das amarras materiais e simbólicas colocadas pela modernidade capitalista, mas também ainda sem constituir de forma palatável os postulados e estruturas de um paradigma de sociabilidade genuinamente emancipatório, encontrando-se num limbo epistemológico, em uma verdadeira fronteira cultural e de sociabilidade que atinge ao mesmo tempo parte, da juventude.

Essa condição fronteiriça tem influenciado diretamente nas produções artísticas, especialmente a música, que desde a sua gênese foi um dos principais veículos de protesto; e, que vincula-se em grande medida aos anseios oriundos da juventude em suas produções, composições e posturas (comportamentais e corporais). E que, assim, transita, frequentemente, por algo que a modernidade denomina e trata como transgressor.

Neste contexto que surgem as produções musicais denominadas de *new metal*¹⁷, que envolvem e absorvem a juventude em seus anseios não satisfeitos e reprimidos na modernidade que lhe deu vida e promessas (no início do século XX), ao passo que, com a outra mão (dita invisível, mas para seus objetos ela é bem visível, e, sobretudo sentida), retira autonomia, objetifica e propõe-se a docilizar, socioeducar e integrar às fileiras de mão de obra cada vez mais descartáveis e desnecessárias.

¹⁷ Nu metal, também conhecido como new metal ou nü metal, é um gênero musical desenvolvido em meados da década de 1990 que fundiu influências do grunge e do metal alternativo com grunge e rap com vários subgêneros do heavy metal. fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Nu_metal

Nesta linha que surge a juventude niilista, como figuras desprovidas de autonomia e restritas em suas individualidades e identidades, que tornaram-se na modernidade recente, objetos de desejo/consumo, ofertadas em cada esquina. Causando, assim, um profundo sentimento de vazio e descartabilidade, assim como também de incapacidade de visualizar um futuro melhor, quiçá um presente digno e edificante.

Neste contexto que fala-se em *ethos outsider* entre a cultura niilista e a rebeldia insurgente. Não dispenho as duas nuances identitárias como rivais, sequer as sobrepondo ou hierarquizando, mas sim apenas como apresentadoras de nuances próprias e diferentes. Ambas servem como estratégia de resistência, no duplo sentido já apresentado: manter-se vivo e afastado das dinâmicas perversas da modernidade castradora e o simples fato da abstenção a alguns imperativos categórico da humanidade ocidental por si só já representam resistência.

Assim, partem do mesmo pressuposto identitário, resistir em fazer parte desta pseudo-humanidade proposta pelo código de conduta ocidental – o *ethos burguês*.

A pós modernidade do período transicional, a juventude niilista e a cultura do rock catártico-agressivo

Assim, passa-se a analisar e apresentar o niilismo *outsider* que surge neste período de pós-modernidade das promessas não cumpridas, da incompletude simbólica, ou mesmo a incapacidade de dar respostas críveis a algumas necessidades de construções cognitivas e simbólicas aptas a produzirem sentidos coerentes; o que a pós-modernidade transicional tem demonstrado sua principal incapacidade; sendo prodiga em ampliação e aprofundamento dos déficits de sentidos e de congruência lógica.

Nesta linha é que o niilismo *outsider* – diferentemente da vertente da rebeldia insurgente ainda crente na atuação política – credita seus esforços em afastar-se deste mundo pós-moderno que não tem feito sentido, ao menos para a grande maioria que não faz parte dos sentidos que a modernidade produz e impõe. Sendo, desta feita, sua principal atuação rebelde, a abstenção de participar desta sociedade de produtores e consumidores ou de identidades-produto.

Esta postura que se exterioriza para o mundo de diversas formas, desde a sua postura corporal que inclui as vestimentas e a ornamentação corporal

com tatuagens, *piercings* e toda forma de diferenciação corporal, que nada mais significa que uma tentativa de diferenciação da grande sociedade de normais, ou os seduzidos como define Zygmunt Bauman (2010); ainda, cite-se a predileção por cores escuras, em especial o preto, que representa a escuridão em que suas personalidades, anseios e, sobretudo, descrenças estão mergulhados nesta *Era Darkness*.

Neste contexto social, política e principalmente identitário da juventude em que se insere a manifestação cultural que pode-se definir central na presente abordagem, o *new metal* tendo em vista novas características em termos musicais e, principalmente de postura simbólica e identitária que reflete-se ou parte (em uma relação espelhar com seu público) das novíssimas particularidades deste movimento que se faz “não político”, mas de grande importância como categoria de análise científico-político e sobremaneira social; ou ainda, a sua versão primeira denominada de nu-metal, que pode remeter, como ilustrativo desta reflexão, a proposta de que esta vertente cultural-musical simboliza a manifestação das “vidas nuas” de Giorgio Agamben (2007), onde os indivíduos conformam o corpo político unicamente a partir de uma determinação legal-formal, entretanto, estão encerrados no interior de corpos matáveis, desnecessários, descartáveis ao corpo político e a dinâmica econômica da gestão social, sozinhos no mercado, somente com o mercado e para o mercado.

Nesta esteira que se insere uma das principais manifestações musicais deste período, a banda californiana (EUA) denominada Korn¹⁸ e suas ácidas músicas com som pesado (muito pesado) com rifes de guitarra estridente, baixo de cinco cordas (com privilegiamento de tons graves) concedendo ao som uma

¹⁸ KORN – (às vezes escrito como Korn, para imitar o símbolo da banda) é uma banda de nu metal de Bakersfield, Califórnia. Frequentemente levam o crédito de ser a banda pioneira do gênero nu metal e ter inspirado a onda de nu metal, metal alternativo e influenciado bandas de rapcore [RATM e SOAD] no meio dos anos 1990 e começo do século XXI. Eles disseminaram o nu metal no mundo todo. Com a entrada de Jonathan Davis o som do grupo ganha uma atmosfera mais sombria, misturando elementos de música pesada, pós-punk, rock industrial e uma levada de funk estado-unidense, com letras que relatam experiências autobiográficas do vocalista, atingindo em cheio a juventude desiludida com as mentiras políticas, violência, opressão religiosa e a hipocrisia da sociedade contemporânea. Além das letras realistas de Jonathan, a banda destacava-se pelo uso de guitarras de sete cordas (ao invés das tradicionais de seis), dando uma tonalidade mais grave às melodias devido também às baixas afinações. Fieldy também não se contenta com quatro cordas no seu baixo, adicionando mais uma ao instrumento além de se destacar devido à sua abordagem percussiva do instrumento, que muitas vezes pode ser confundido com as levadas de bateria. Fonte: <http://www.korn.com/>

cadência violenta, sobretudo, associado ao som da bateria.

Verifica-se ainda, a exemplo e influência de bandas anteriormente citadas, que se aprofunda o processo de hibridação do *rock and roll*, que cada vez mais se associa a diferentes tipos musicais e influências culturais alternativas e segregadas, como o rap ou funk e suas mixagens e batidas, contendo sempre nas bandas de *new metal* a presença de um DJ¹⁹ realizando mixagem e mistura, assim como integração de sons e instrumentos. Sendo esta uma prática que nasceu eminentemente a partir da cultura musical do rap negro nascidos dos subúrbios americanos.

Aponta-se ainda a aura sombria das músicas, dos próprios integrantes da banda, do palco e das letras, que expressam o estado de espírito que permeia essas reuniões que podem ser associadas, mesmo, a rituais juvenis e integração cultural de (des)pertença. Nesse sentido, canta Jonathan Davis, em *Alone I Break*:

Pick me up
Been bleeding too long
Right here, right now
I'll stop it somehow

I will make it go away
Can't be here no more
Seems this is the only way
I will soon be gone
These feelings will be gone
These feelings will be gone!

Now I see the times they change
Leaving doesn't seems so strange
I am hoping I can find
Where to leave my hurt behind
All this shit I seem to take
All alone I seem to break
I have lived the best I can
Does this make me not a man?

Shut me off
I'm ready, heart stops
I stand alone
Can't be on my own²⁰

¹⁹ Abreviatura de Disc Jockey, que significa um artista e técnico que mistura músicas.

²⁰ Fragmento da musica *Alone I Break* de composição de Jonathan Davis (vocalista do grupo);

Verifica-se na letra o profundo sentimento de vazio e solidão provocado pela sociedade moderna e seu processo de fragmentação social, que redundam em um *self* que repudia a si mesmo e que o impele ao isolamento, ao mesmo tempo em que clama por uma suposta salvação, que esta sociedade não tem elementos para possibilitar.

Reafirma-se o indivíduo ou a construção de *self's* ou identidades sociais, que, em sua relação espelhar, por vezes tem esse espelho quebrado e o seu reflexo de desfiguração da imagem obtida, e assim um indivíduo perdido em meio ao turbilhão de identidades que lhe são ofertadas, e a que ele encontra dentro de si; e que ao mesmo tempo tem plena consciência da incompatibilidade desta identidade com o meio que o cerca.

Sendo, portanto, um dos nós górdios da modernidade feiticeira que supostamente teria apaziguado os ímpetus revolucionários e bélicos que início do século XX com suas promessas de liberdade e igualdade começa a desmoronar; no passo do tempo e seu processo de sedimentação e inculcação cultural (ou aculturação) foram aparecendo as suas incongruências e incompatibilidades; sendo uma das principais os ciclos intermináveis de estranhamento, cuja intolerância com o outro, com o diferente, com os estranhos que não se encaixam no mapa cognitivo na modernidade – porque não querem, ou porque não podem ser ali admitidos – tornando-se uma das principais questões que permeiam a modernidade e fazem deste um período de transição paradigmática (SANTOS, 1987; 89).

Assim sente-se e encontra-se o indivíduo – a juventude – neste período pós-moderno transicional cujo devir é desconhecido (e até mesmo este futuro é atemorizante), pois, está perdido em meio a esta multidão de escolhas das quais às vezes não pode fugir ou mesmo optar; solitário com suas próprias escolhas ou falta de alternativas; ou mesmo, consigo próprio e o desespero e medo que a sociedade reflete nele e isso o atormenta e condiciona – ou simplesmente isola, quando não anula –; assim escreve Jonathan Davis “*Hey, I’m feeling tired, my time is gone today, You flirt with suicide, sometimes that’s ok, Do what others say, I’m here standing hollow, Falling away from me, falling away from me. Day, is here fading, that’s when I’m insane I flirt with suicide, sometimes kill the pain I can always say It’s gonna be better tomorrow*”²¹.

²¹ Fragmento da música: Falling away from me;

Como Jonathan Davis canta ao final do trecho acima, “amanhã será um dia melhor”, seja essa sentença um mero desejo de recobrimento de sanidade e elevação de ânimo, seja meramente uma promessa realizável, ou mesmo apenas um argumento disseminado sistemicamente para manterem os seduzidos em frente, produzindo, consumindo irreflexivamente, ou seja, mantendo a modernidade em marcha, e cada vez mais fluida em suas relações e desejos que são forjados e satisfeitos instantaneamente.

Nesta mesma linha que Jonathan Davis contribui novamente com a compreensão deste processo predestinado ao fracasso, fadada à eterna incompletude da construção da vida segura (sejam economicamente ou mesmo da identidade) quando escreve, “*Realized I can never win, Sometimes I feel like I have failed, Inside, where do I begin? My mind is laughing at me*”²² tendo em vista que a modernidade forja as necessidades e as soluções que se consomem instantaneamente, e assim, constroi pessoas permanentemente em processo de construção e formação, permeadas pelo sentimento de vazio, de incapacidade e frustração; ao mesmo tempo em que instiga o constante processo de aprimoramento dos corpos e das mentes para as novas e incessantes necessidades produzidas, na interminável tarefa da aptidão (BAUMAN, 2001).

A segunda contribuição que se pretende trazer com relação a formação desta identidade composta pelo niilismo outsider, é permitida a partir da produção musical e artística de outra banda de nu-metal que se denomina Sliknot²³.

Uma banda que se distingue a exemplo da anterior por um som intensamente pesado, com talvez uma aura ainda mais sombria, produzindo a

²² Fragmento da música: did my time.

²³ SLIPKNOT – Slipknot é uma banda de metal norte-americana formada em Des Moines, Iowa. É constituída por nove membros, sendo eles atualmente Sid Wilson, Joey Jordison, Donnie Steele, Chris Fehn, James Root, Craig Jones, Shawn Crahan, Mick Thomson e Corey Taylor. O alinhamento da banda manteve-se inalterado desde 1999 até 2010. Cada membro usa uma máscara distinta. A banda tem afirmado que suas principais influências incluem Led Zeppelin, Black Sabbath, Slayer, Judas Priest, Korn, AC/DC, Kiss e Beastie Boys. Death metal, black metal e heavy metal têm sido mencionados como uma das principais influências da banda sobre a direção musical juntamente com new metal, como é a categoria da banda geralmente apresenta esse gênero. Também são conhecidos por serem caóticos e energéticos nos shows ao vivo. Chama-se o som sonoro do Slipknot de “uma máquina debulha devorando um corpo militar”. Em trabalho mais recente, o estilo de “vocal escandaloso” continua presente, mas agora inclui mais melódicas. As letras geralmente seguem um tom muito agressivo e apresentam temas como a escuridão, niilismo, raiva, desinteresse, ódio, misantropia, nocauteio e psicose. Fonte: <http://www.slipknot1.com/>

trilha sonora perfeita para os piores filmes de terror, aqueles que são vivenciados na realidade.

Especificamente, é um som composto por duas guitarras estridentes e distorcidas; uma bateria de dois bumbos, o que lhe dá uma intensidade e agressividade incomparáveis ao compasso de um baixista; um DJ e um *samplerista*²⁴ de som que fornecem a banda e a seu som a potencialidade e a sensação de um batalhão de membros, além de jogar o ouvinte em meio à um turbilhão de notas musicais levados ao último tom imaginável para o grave; dois percussionistas que utilizam elementos bem pouco convencionais para a música profissional, tais como um taco de beisebol e barris de aço ou mesmo tonéis de lixo como instrumento de sonoridade violenta e simbologia arrebatadora.

E esse som é comandado por um vocal com um tom intensamente grave (ou rouco), que desfere os golpes verbais contidos das músicas que, para muitos, é sentida como uma violência aos ouvidos e à pseudomoralidade ocidental de herança vitoriana, quebrada por estrofes melódicas (que duram pouco!) retornando a violência essencial que perfaz e identifica o som da banda, igualmente o público.

Mas, o elemento que identifica a banda de forma ímpar, e talvez seja o mais importante objeto analítico, pois, de grande significação para esta abordagem, é o fato deles (todos os integrantes) usarem máscaras em todos os concertos e durante todo o concerto. Sendo estas máscaras como rostos desfigurados e assombrosos, ou mesmo a exteriorização de pessoas assombradas, ou ainda o reflexo que o público projeta, de assombro perante a modernidade deficitária e altamente imperfeita, diferente do que se propunha em seu alvorecer.

Representando, também, um duplo e binário processo em curso na modernidade, o processo de homogeneização dos seduzidos que retira seus rostos em prol de seus bolsos e sua capacidade de consumo, não tendo os indivíduos rostos, assim como também são desprovidos de suas capacidades sentimentais que permite a aproximação com os outros, com a integração que é inerente ao humano, sendo-lhe retirado, portanto a potencialidade humana; e o outro, processo inverso, que é a desumanização de um grupo de indivíduos, a transformação em monstros com rostos desfigurados, monstruosos; os rostos

²⁴ Sampler: Instrumento eletrônico que permite armazenar sons em uma memória digital e reproduzi-las em ritmos e cadências alucinantes.

dos indivíduos que não fazem parte da sociedade de consumo, ou nela ingressam por vias definidas como não legítimas (ou mesmo ilegais); e, portanto, devem ser reconhecidos por todos (seduzidos e consumidores).

Neste sentido, Joey Jordison escreve e grita:

I push my fingers into my...
Eyes it's the only thing that slowly stops the ache
But it's made of all the things I have to take
Jesus it never ends, to push its way inside
If the pain goes on... AHHHHHHH!

I have screamed until my veins collapsed
I waited as my time elapsed
Now all I do is live with so much fate
I've wished for this, I've bitched at that
I've left behind this little fact
You cannot kill what you did not create
I've gotta say what I've gotta say
And then I swear I'll go away
But I can't promise you'll enjoy the noise;
I guess I'll save the best for last
My future seems like one big past

You're left with me 'cause you left me no choice²⁵

Outra contribuição para esta análise, permitida a partir da performance da banda, é a adoção de macacões todos iguais, na cor de laranja; que facilmente poderia remeter ao uniforme usado pelos presidiários das penitenciárias cinematográficas americanas, ou ainda, o uniforme dos serventuários da limpeza urbana brasileira (lixeiros); ou o que a grande maioria poderia (e o fazem com frequência) pensar – roupa de lixo humano, pessoas menores, seres descartáveis.

E ainda, tais macacões, se apresentam em modelos idênticos, identificados unicamente por códigos de barras; que, talvez, se possa dizer ser esse o ícone (signo ou símbolo) que identifica a modernidade que a tudo compra e vende; que transforma as pessoas em produtos colocados à venda em prateleiras nas conveniências da vida moderna reciclável, remontando novamente às vidas nuas e aos corpos matáveis de Agamben (1997).

Nesta linha, com relação a esta postura de indistinção entre os integrantes, Joey Jordison escreve:

²⁵ Fragmento da musica: duality

I've felt the hate rise up in me
Kneel down and clear the stone of leaves
I wander out where you can't see
Inside my shell, I wait and bleed...

I've felt the hate rise up in me
Kneel down and clear the stone of leaves
I wander out where you can't see
Inside my shell, I wait and bleed...

Goodbye!

I wipe it off on tile, the light is brighter this time
Everything is 3D blasphemy
My eyes are red and gold, the hair is standing straight up
This is not the way I pictured me
I CAN'T CONTROL MY SHAKES!
How the hell did I get here?
Something about this, so very wrong..
I have to laugh out loud, I wish I didn't like this
Is it a dream or a memory?²⁶

Estes tais macacões, ou a concha a que refere Joey Jordison, em que a juventude, ou os indivíduos de maneira geral tem utilizado para se esconderem, são uma imposição da modernidade na sua estratégia de mercado homogeneizadora e fragmentadora; ou, talvez uma necessidade imperiosa do próprio indivíduo, como estratégia de sobrevivência, separando-se do mundo e onde se possa ter um pouco de privacidade, ter a tranquilidade para demonstração de sentimentos, nem que seja para sofrer silenciosamente e sangrar; e para isso, tal concha, escudo ou carapaça deve ser espeda e forte o suficiente para suportar os golpes da sociedade de consumo, da mídia e das definições legais e punitivas direcionadas aos consumidores falhos e aos indivíduos que não queiram ou possam pertencer a este Estado de Consumo-Direito.

Assim, este é o contexto político, social e cultural que permeia a formação desta identidade que se denomina de niilismo outsider, e que, se se necessitasse nomear uma característica a esse modus vivendi alternativo que (para alguns se faz) bizarro; (para outros) delitivo ou desvirtuado; essa característica seria simplesmente a auto e legítima defesa, não apenas física, mas, sobretudo, psíquica e identitária a partir da construção e manutenção de alteridade a partir

²⁶ Fragmento da música: Wait and bleed.

do sentimento de aproximação e desejo de pertença e compartilhamento de valores, signos e símbolos comuns aos seus semelhantes.

Valores e significações que as Ciências Sociais, por mais que avancem em termos críticos e analíticos, por vezes não consegue alcançar e assim, não consegue dar voz a estes sofrimentos que constituem alteridades silenciosas (ou silenciadas). Como diria Howard Becker, talvez porque estão demasiadamente encerrados nos procedimentos e ferramentas de análise científicas, o que constitui suas limitações analíticas e, assim, de compreensão e intervenção no real (BECKER,2009); e que permitiria, inclusive, destituir totalmente a presente abordagem de seu fundamento científico.

Com essa análise, não se propõe apresentar respostas ou mesmo uma categorização rigorosa (até porque não possui fôlego para tanto), mas simplesmente apresentar uma reflexão e uma provocação teórica; um tensionamento a essa cultura moderna massificada, mas onde os indivíduos, e em especial a juventude, tem encontrado formas de subversão e tensionamento para construção das suas identidades e produção de alteridades; assim, tem conseguido abrir fendas e irritar o sistema.

Considerações Finais

À guisa de considerações finais, sendo, muito provavelmente a tarefa mais difícil do presente trabalho, pois, tratando-se de uma análise sobre as modificações identitárias e performativas por que tem passado a juventude, e com isso tem se refletido e se feito público a partir das dinâmicas culturais, tal como a música e seu complexo de significações, como se buscou demonstrar nesta contribuição teórica.

Neste sentido, a dificuldade, encontra-se principalmente, por se tratar de um fenômeno humano, social, político e cultural, multifacetado, portanto; que está em fase transicional, já que em pleno processo de modificação; metamorfoseando seu corpo cognitivo e simbólico em especial o que redundando em profundas modificações nas condutas e posturas juvenis.

Entretanto, em termos teóricos e a partir dos elementos apresentados neste trabalho, se pode apresentar alguns entendimentos, que se poderia dizer precários, pois que embasados em questões em curso, e com base no estado em que se encontram; portanto, passíveis de mudança ou revisão factual, e teórico-analítica.

Neste sentido, em primeiro lugar, acredita-se que este processo que está em curso, se trata de um efeito produzido pelo próprio paradigma de sociabilidade produzido pela modernidade, que colocou em marcha este processo de isolamento do indivíduo com seus diversos mecanismos mecânicos (ou materiais) e simbólicos de isolamento e fragmentação social, compelindo os seres a este processo de pseudo e frustrado sentimento de autossuficiência, o que redundando na desertificação ou mortificação da política como se a conhece – como mecanismo de deliberação coletiva e formação de consensos na Atenas Global²⁷; consistindo este um desafio para a ciência política e sociológica, bem como para reflexão filosófica.

Como uma segunda análise conclusiva, mas que na verdade é decorrente da primeira, e de forma mais específica, entende-se que este processo de individualização e fragmentação, ao mesmo tempo em que foi produzido pela dinâmica de sociabilidade da modernidade hegemônica (e feiticeira), é o criador de seu pior antagonista, o indivíduo que tem a possibilidade de retornar a si

²⁷ Trabalhando-se com um jogo de palavras que remete à política tradicional no sentido Aristotélico em cotejo com a modernidade e suas dinâmicas destemporalizadas e, principalmente desterritorializadas que se dão no tempo e na territorialidade da fugacidade e impessoalidade.

mesmo e (re)descobrir em si próprio o que há de (mais)humano e consciente; sendo assim, um inimigo disforme, pulverizado, tal como suas etiquetas de preço que esconde um inimigo sistêmico em potencial.

Descendo ainda mais, na especificidade da juventude e seus processos culturais envolvendo em especial as manifestações musicais que embalaram e motivaram este trabalho, falas-se a respeito deste genuíno processo de retorno da juventude a si mesmo, individualmente e como categoria; que não encontra na modernidade um código de símbolos e signos que satisfaçam as suas necessidades materiais, e principalmente simbólicas e cognitivas, sendo frustradas as promessas que motivaram a criação deste contingente. Assim, dá-se conta que a única função que lhe fora reservada é a de manutenção do sistema em termos de produção, demanda consumidora, e no pior dos casos como bodes expiatórios do sistema repressivo que se propõe a dar o exemplo.

Sendo essas manifestações culturais agressivas, performativamente obscuras, estranhas, ou simplesmente alternativas nada além de um reflexo da alteridade da juventude que tem se formado no seio da sociedade moderna, que se vê sem espaço, sem função e sem significação apropriada para lhes definirem; ou mesmo, que definam e expressem (expliquem) satisfatoriamente esta modernidade e a vida que é sentida diariamente por estes indivíduos. A partir disso, esses movimentos individuais e coletivos, tem se feito como uma estratégia de defesa, um mecanismo de adaptação ao meio, fechando-se sobre si mesmo e seus sofrimentos, bem como a expectativas frustradas e restringindo-se aos seus próximos estranhos.

E por fim, quando se fala em frustração, não é ela apenas sobre questões materiais, mas, e principalmente, simbólicas, de significação; tendo em vista que a ciência, ainda que tenha avançado em todas as áreas e especializações; crescido e evoluído em muitos níveis de análise; entretanto, no que diz respeito as subculturas, continua atrelada à bondade pseudo-humanitária, que lhe inviabiliza a compreensão desses fenômenos humanos que são, além de culturais, também políticos e sociais; sendo a atividade científica e intelectual arrogante e pautada quase que unicamente pela capacidade de intervir, moldar e docilizar, e menos pela intencionalidade de compreender, e aprender com seres e seus saberes a partir das suas (des) vivências.

Referências

- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. *Cadernos de Pesquisa* [online]. n.116, 2002a. pp. 143-176.
- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2007.
- BARATTA, Alessandro. *Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal: introdução à sociologia do direito penal*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos/ ICC, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008-a.
- BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008-b.
- BAUMAN, Zygmunt. *Legisladores e Interpretes: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio* / trad. Maria Luiza X. de Barros. Rio de Janeiro: Zahar editor, 2008.
- BECKER, Howard. *Falando da Sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico* / trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- CARMO, Paulo Sergio do. *Culturas da Rebelião: a juventude em questão*. São Paulo: Editora SENAC, 2001.
- CARVALHO, Salo de. Das Subculturas Desviantes ao Tribalismo Urbano: itinerários da criminologia cultural através do movimento punk. In: *Criminologia Cultural e Rock*. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2011. pp. 149-223.
- CARVALHO, Salo de. *O Papel dos Atores do Sistema Penal na Era do Punitivismo: o exemplo privilegiado da aplicação da pena*. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2010.
- CARVALHO, Salo de. *A Política Criminal de Drogas no Brasil*. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2007.
- CARVALHO, Salo de. *Anti-manual de Criminologia*. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2008.

DUSSEL, Enrique. *Política de la liberación* vol. II: arquitectónica. Madrid/España: Editorial Trotta, 2009.

DUSSEL, Enrique. *Política de la liberación: historia mundial y crítica*. Madrid/España: Editorial Trotta, 2007a.

LEAL, Jackson da Silva. Vulnerabilidades e sobrecargas de punição no direito penal do menor. In: *Revista Intratextos* v. 3 n.1, Rio de Janeiro, 2011. pp. 143-166.

LINCK, José Antonio Gerzson. Malandro quando morre vira samba: criminologias marginais de Madame Satã e Mano Brown. In: *Criminologia Cultural e Rock*. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2011. pp. 1-48.

MAYORA, Marcelo. Criminologia Cultural, Drogas e Rock and Roll. In: *Criminologia Cultural e Rock*. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2011. pp. 49-94.

MAYORA, Marcelo. *Entre a Cultura do Controle e o Controle Cultural: um estudo sobre práticas tóxicas na cidade de Porto Alegre*. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2010.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. *Multidão: Guerra e Democracia na era do Império*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. *Império*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2006.

NETO, Moysés Pinto. *Itinerários Errantes do Rock: dos Beatles ao Radiohead*. In: *Criminologia Cultural e Rock*. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2011. pp. 95-148.

54

SANTOS, Boaventura de Sousa Santos. *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: edições Afrontamento, 1987.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Da colonialidade à descolonialidade*. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. pp. 31-83

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Sociología Jurídica Crítica: para un nuevo sentido común en el Derecho*. Madrid/España - Bogotá/Colombia: Editorial Trotta / ILSA, 2009.

SAVAGE, Jon. *A Criação da Juventude: como o conceito de teenage revolucionou o século XX*. / Trad. Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

TOURAINE, Alain. *Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje*. Petrópolis/RJ: editora Vozes, 2007.

YOUNG, Jock. *A sociedade Excludente: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente*. / trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: ICC/Revan, 2002.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

***Babilônia (não!):* Limites de representações reais e folhetinescas do envelhecimento**

Natalia Negretti¹

Resumo: Este artigo busca apresentar e problematizar distintas representações em torno do envelhecimento em algumas novelas da rede globo num período de vinte anos. As ideias de e em torno dos termos idoso e velho, além de não serem excludentes, parecem ser mais complexas quando problematizadas e ligadas a outros marcadores sociais da diferença. A novela pode ser também apresentada como um exercício de análise desta complexidade ao articular representações, comumente emaranhadas de dicotomias, também de felicidade e família. A partir de levantamentos bibliográficos sobre os temas e descrição das personagens e alguns enredos de novelas escolhidas, busca-se refletir sobre persistências e discontinuidades das representações em torno do envelhecimento entrecruzado com outros marcadores sociais da diferença além da idade. Enquanto velhice e terceira idade representam tendências de positivar ou negativar representações de envelhecimento em caráter coletivo, as representações em novelas também apresentam tipos ideais destes e de outros segmentos etários e sociais.

55

Palavras-chave: Envelhecimento. Mídia. Discurso. Representação.

¹ Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP; Bacharel em ciências sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

Abstract: This article aims to present and discuss different representations around the globe aging in some network novels over a period of twenty years. The ideas of and around the elderly and old terms, and are not exclusive, seem to be more complex when problematized and linked to other social markers of difference. The novel can also be presented as a review exercise of this complexity by articulating representations, commonly tangled dichotomies, also of happiness and family. From literature surveys on the topics and description of characters and some plots of novels chosen, it seeks to reflect on persistence and discontinuities of representations around the aging crisscrossed with other social markers of difference beyond the age. While old age and seniors represent trends or be negative for positive aging representation in collective character, the representations in novels also feature ideal types of these and other age and social groups.

56

Keywords: Aging. Media. Speech. Representation

Introdução

A dicotomia, como modalidade de classificação, prevê uma divisão com dois termos, comumente opostos. As dicotomias estão presentes nos imaginários e representações sociais e marcam estereótipos. As dicotomias *ficção* versus *realidade* e *velhice* versus *terceira idade* são os pontos de partida para a análise que este artigo pretende. Se há algo comum minimamente entre envelhecimento, novelas e entornos, este pode ser pautado pela dicotomia, presente e considerada, ao serem analisados, percebidos, aceitos e ou abordados em âmbito temporal, sincrônico e diacrônico², e espacial, de esfera pública e privada.

As novelas, na sucessão de sincronias ao alcançarem atenção de análise social, apresentam a dicotomia *alienação* versus *retrato de realidade social*, enquanto envelhecimento, nesta mesma perspectiva, apresenta como polos principais *ideia de fragilidade* versus *ideia de força*, ambos no singular. Na diacronia do envelhecimento, a ideia de fragilidade apresenta um movimento histórico de fragilização num conjunto de fenômenos sociais e políticos que construíram e desenvolveram novos significantes sem extingui-la por completo do imaginário social, que também funciona em relação.

mobilizar o conceito de memória discursiva pode ajudar a compreender como o movimento do discurso, em sua dinâmica contraditória, tem sua gênese nas práticas históricas, pois estabelece tensões entre a possibilidade de dizer e a força da memória; tensão, a nosso ver, estabelecida pelas condições de reprodução/transformação das relações de produção que intensifica as contradições ao agitar as filiações de sentidos (SILVA SOBRINHO, 2011, p. 2).

O objetivo deste artigo é apresentar o cruzamento das diferentes imagens de envelhecimento nas novelas mediante a sua dicotomia de significados representados pelas nomenclaturas presente não só nestas, mas no imaginário de quem as assiste e que, também, está em processo de envelhecimento. De maneira incisiva, a proposta é apontar o sentido do acompanhamento das abordagens novelescas em relação a outros cenários.

² A partir da dicotomia sincronia versus diacronia, entre outras, Ferdinand Saussure (1995) determinou uma distinção entre fatos sincrônicos e fatos diacrônicos ao tratar da linguagem. Enquanto a sincronia estabeleceria períodos de regularidade num tempo, a diacronia tratar-se-ia da sucessão dessas sincronias.

Sobre velhas e novas miradas

Falar de periodização da vida e das relações entre gerações traz uma oportunidade de compreensão das formas de sociabilidade em diferentes contextos e em sociedades distintas. Segundo Guita Grin Debert (1999), a velhice não é um fato social total e, como tema de pesquisa, enfrenta três dificuldades caracterizadas por: categorias culturalmente produzidas (que possuem como referências alguns aspectos universais), questões ocidentais que passaram a ser enxergadas como problema social, e temas que institucionalizaram um discurso científico especializado, o gerontológico.

Tomado como objeto de estudo, o envelhecimento se constitui um problema de natureza ético-política (TÓTORA, 2008). A produção do sujeito velho nos informa relações de poder. Ao pensar a partir do termo problematização³ a autora nos informa sobre as distintas formas que de intervenção e soluções que a abordagem do envelhecimento no ocidente gerou. Nesse sentido, problematizar a velhice na contemporaneidade poderia ser uma forma de comprometer-se com o combate à submissão da subjetividade, além das formas de dominação e exploração.

A gerontologia seguiu o construtivismo social, priorizando a desconstrução radical de imagens negativas do envelhecimento e para ele elaborando um imaginário positivo. A invenção da terceira idade ocorreu a partir da adesão a um novo estilo de vida, passando essa nova categoria etária a ser utilizada não mais exclusivamente em discursos acadêmicos e ou profissionais, como também nos meios de comunicação, sendo estendida para um uso corrente socialmente mais amplo. Um dos marcos deste contexto de transformações é representado pelo conceito de “terceira idade”. Este termo foi criado por Pierre Vellas na França na década de 1960 ao criar a primeira Universidade para este público especificamente e hoje é usado para designar a fase inicial da velhice (NERI, 2007). Este conceito é fruto do discurso gerontológico como enfrentamento à noção negativa do termo velhice.

³ “problematização não quer dizer representação de um objeto preexistente, nem tampouco a criação pelo discurso de um objeto que não existe. É o conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o pensamento (seja sob a forma de reflexão moral, do conhecimento científico, da análise política etc.)” (FOUCAULT, 2004, p. 242, apud TÓTORA, 2008, p. 22)

Os estudos e abordagens do envelhecimento apresentam uma construção histórica e representam uma luta do campo saber-poder (FOUCAULT, 1982) a partir dos anos 1970 (DEBERT, 1999; PEIXOTO,1998), ganhando novos contornos e a origem do significante de terceira idade (BIRMAN, 2013).

Os discursos constroem identidades e os sujeitos. Entendendo que discursos, não são só aqueles que são lidos ou que estão nos livros ou documentos mas são também as imagens veiculadas, sejam elas impressas, televisivas, cinematográficas, ou outras, como o próprio corpo. Os discursos vêm de autoridades e de trabalhadores sociais, utilizando a expressão de Foucault, e são assimilados e ressignificados conforme interesses pessoais ou de grupos. A partir de diferentes fontes discursivas, podemos entender o envelhecimento também enquanto representação (MARQUES, p. 67).

As novelas, nesta mesma década, se consolidaram como um produto comercial no Brasil e desde então se tornaram, sob esta perspectiva, um meio de presença da televisão no cotidiano de sujeitos-espectadores. A investigação de como as pessoas retratadas pela mídia atribuem significados de tais conteúdos é pertinente e inclui uma outra perspectiva de recepção. Além disso, a televisão é articulada ao envelhecimento, bem como aos usos da televisão de distintas maneiras (ACOSTA-ORJUELA, 2001; JANUZZI & CINTRA, 2006; RUBERT, 2003; (WICHMANN, F. M. A et al, 2011).

Pessoas de qualquer idade usam a TV como fonte de aprendizagem; o que não significa que elas assistam exclusivamente a programas estritamente informativos ou educativos. As pessoas também aprendem vendo programas dos mais variados tipos, como novelas, filmes ou qualquer tipo de programa de entretenimento. Eles são usados para o aprendizado sobre nós mesmos (assumindo o que se observa como conselho para solucionar problemas pessoais, de ordem afetiva, social, para tomar decisões, obter esclarecimentos e conhecer idéias para interpretar estados próprios, situações e eventos, adotar critérios de auto-avaliação e comparação, orientar-se perante problemas de saúde, etc.), sobre o mundo exterior (assuntos profissionais, políticos, econômicos, internacionais, como funciona a sociedade, etc.) e sobre os outros (como se deve, ou não, lidar com outras pessoas, solucionar problemas familiares e interpessoais, fazer amigos, influenciar pessoas, como se comportar em diferentes situações, como reagir diante de eventos, de pessoas de outras raças, sexo, ocupações, costumes, lugares e estilos de vida diferentes).(ACOSTA-ORJUELA 2001, p. 25)

Em sua pesquisa (RUBERT, 2003) dissocia a certeza de televisão como lazer e também da ideia de uma especificidade da terceira idade:

Apenas uma pessoa afirmou assistir televisão no tempo livre, quando não tem outras atividades. Outras, apesar de assistirem, não associam isso ao tempo livre; algumas, ainda, não consideram assistir televisão atividade de tempo livre, talvez pelo fato de estarem com ela ligada fazendo outras coisas. Isso provavelmente ocorre, porque o ato de assistir à televisão já está internalizado nas pessoas. (RUBERT, 2003, p. 280).

Ao grande cenário de dicotomias apresentadas, soma-se uma dicotomia comum aos temas aqui já referidos, novela e envelhecimento: a dicotomia entre público-privado. No que diz respeito à temática velhice, o indisfarçável envelhecimento (ROZENDO & JUSTO, 2012) a partir dos anos 80 conduziu a uma rearticulação da esfera do envelhecimento. Do cunho privado da velhice à sua publicização (DEBERT, 1994) houve um remanejamento intenso de novas narrativas de e em torno de novos personagens na agenda pública.

A transformação segundo os autores seria ainda um “processo de transição da sociedade e da cultura brasileira da juventude para a maturidade” (ROZENDO & JUSTO, 2012, p. 36) foram tanto legitimadas quando reproduzidas no discurso e ações jurídicas conforme produções legais referentes ao envelhecimento. A legislação significou a entrada concreta do Estado na gestão do envelhecimento. Tornou-se um produto desta intervenção, bem como definição do domínio frente à dicotomia doméstico-familiar. Junto desta legislação o trato da velhice abarcou o conhecimento científico como substituinte de orientações do senso comum e religiosas. As novelas, ao serem percebidas e problematizadas como parte constitutiva do cotidiano dos telespectadores e fonte de reflexão, mediante a perspectiva de retrato e diálogo social entre ficção e realidade, estão também em torno da dicotomia público-privado.

Entre o público e o privado, as novelas, bem como outras fontes midiáticas, acompanham os novos discursos e persistências paradigmáticas do campo da velhice a partir das rearticulações deste. O acompanhamento e o diálogo em torno do discurso estão presentes nos rearranjos das personagens-ficcionais, novelescas, durante os anos em que as personagens-reais, espectadoras, assumiram outros papéis sociais. Além de um produto comercial, as novelas passaram a configurar uma linguagem emaranhada de representações e

significações em meio a suas imagens e sons em seu movimento. Na década seguinte, nos anos 80, no emaranhado de novos objetos de pesquisa, as questões de gênero e vida privada passaram a constituir problemas definidos como de cunho sociológico num sentido mais amplo.

A novela, diante da perspectiva de retrato social, reflete processos sociais não estranhos à sociedade. Nesse sentido também está o crescimento de interesse em investigações que a considera. As famílias são elementos constantes nos enredos e nas análises destes. É no cenário de grandes difusões discursivas que a mídia assume um *palco sociológico de análise* acerca do envelhecimento. De maneira enfática, podemos apresentar as novelas, que estão como protagonistas de representações dos cruzamentos da idade a outros marcadores sociais da diferença, bem como de arranjos familiares. Heloisa Buarque de Almeida nos atenta ao vínculo das novelas com personagens ideais de família, inclusive esta como chave para dimensões íntimas, de cunho doméstico e de subjetividades:

Os roteiristas revelam que, para que a novela funcione e atraia de fato “a família toda”, é preciso ter personagens de diversas faixas etárias e estilos de vida numa mesma narrativa. Se possível, o texto deve apresentar pares românticos adolescentes, jovens, de meia idade e mesmo idosos para garantir essa capacidade de interessar a todas as faixas etárias, assim como de diversas classes sociais, como suas audiências. (ALMEIDA, 2007, p. 184)

DEBERT (2003) nos aponta o forte vínculo entre publicidade e envelhecimento a partir dos anos 80 e informa sobre a sobrevivência da dicotomia no imaginário social: “nos comerciais brasileiros (...) as representações antagônicas da velhice – dependência e poder – estão presentes em propagandas que podem ser apresentadas num mesmo intervalo comercial” (DEBERT, 2003, p. 136).

Personagens nos cenários legislativos

No arcabouço de novas perspectivas e complexidade da temática velhice, a Constituição de 1988 criou um campo legal para velhice. Como assunto do Estado, esta assumiu esta uma personalidade jurídica (ROZENDO & JUSTO, 2012). “Conhecida como Constituição Cidadã, essa Constituição Federal celebraria os direitos universais do homem, após um longo período de ditadura militar e privações de liberdades civis e políticas” (ROZENDO & JUSTO, 2012, p. 39).

Em 1994, a Política Nacional do Idoso, instituída pela Lei 8842/94, sob a perspectiva de respostas a reivindicações sociais a partir da década de 70 e orientadas por disputas relacionadas ao processo constituinte de 1988, recomendou ações e posicionamentos sobre a questão dos já na época chamados idosos. Tratar-se-ia de assegurar os direitos sociais dos que assim passaram a ser nominados embora ainda pudessem estes denominar antigas questões ou ainda persistentes. A lei referida estipulou normas a favor de promover a autonomia e integração, bem como a participação dos idosos na sociedade. Num sentido extremamente importante para a especialização dos saberes sobre a temática, esta lei também trata da inclusão da Gerontologia e da Geriatria nos currículos de cursos superiores, inserção nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimentos sobre o assunto e desenvolvimento de programas educativos, especialmente nos meios de comunicação, a fim de informar a população sobre o processo de envelhecimento.

Diante da grande difusão do campo geriátrico e gerontológico em âmbito internacional e partindo de diretrizes da Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2003 foi formulado o Estatuto do Idoso. Este, de acordo com o primeiro artigo, é destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. As mudanças de nomenclatura a respeito do envelhecimento estão ligadas a dinâmicas políticas e sociais. O deslocamento sugestível e sugerido ao plural indica multiplicidade. Não obstante disso, há de ser considerada a longevidade e medicalização do espaço social em “sentido multi-etário”. Neste palco a velhice passa a constituir uma problemática e objeto de problematizações em registros tanto científicos quanto sociais e éticos (FOUCAULT, 1994; BIRMAN, 2003).

Acrescentando cenários e bastidores folhetinescos

Uma bela mentira encontra mais seguidores que uma verdade feia.

Mario Quintana.

História de Amor

Em 03 de julho de 1995, cerca de um ano após a Lei 8842/94, a Novela História de Amor, de Manoel Carlos passou a ser exibida às 18:00 na rede globo. Esta novela tem autoria de Manoel Carlos e colaboração de Elizabeth Jhin, Marcus Toledo e Maria Carolina. Foi dirigida por Ricardo Waddington, Roberto Naar e Alexandre Avancini.

A novela tinha como personagem principal Helena (Regina Duarte)⁴, uma corretora de imóveis, pertencente à *classe média* e mãe de Joice (Carla Marins), uma adolescente que engravidaria solteira. Helena até certo momento da trama desenvolve uma relação de dependência financeira parcial do antigo *amasio*, conforme as falas de Rafaela (Marly Bueno) quando a ofende⁵. Helena se apaixona, durante a novela, por Carlos (José Mayer), um médico que se separa de Paula (Carolina Ferraz), uma mulher mais nova e que passa a receber pensão após o divórcio sem a pretensão de trabalhar. Paula, mesmo quando ainda casada, tem constantemente necessidade de aprovação da avó de Carlos, uma senhora de camadas abastadas do Rio de Janeiro, que atinge os noventa anos, Olga (Yara Côrtes) e que apresenta noções de experiência a respeito da vida, bem como ideias de uma força de mulher necessária, representada enfaticamente pela protagonista da novela. Além disso, Olga faz referência ao amor no passado, como pertinente à idade adulta e juventude. Olga recebe em sua casa o filho, a nora e os outros dois netos, todos recém-chegados da Itália. Tem em sua casa como empregados domésticos uma cozinheira, Nazaré (Maria Alves), um motorista, Ernani (Jorge Coutinho) e Kátia (Joyce Santos), uma personagem que vislumbra em certa medida a figura de *cuidador*⁶. Olga apresenta uma boa maneira

⁴ Uma questão interessante desta personagem é sua apresentação e composição de mulher com mais de quarenta anos com cabelos longos.

⁵ A ideia de ilegalidade vinculada a uniões estáveis nas avaliações jurídicas parecem ter resquícios no sentido social mais amplo mesmo após a Lei 6.515/77, que autorizou o divórcio entre os casais. As relações estabelecidas entre pessoas não conformáveis às leis estabelecidas pelo código civil, o termo *amasia(o)* configura uma convivência entre indivíduos publicamente.

⁶ Profissional que acompanha o cotidiano de idosos em atividades cotidianas e não necessaria-

de envelhecer e faz jus à figura da idosa no sentido da abordagem de Mascaro (1997) ao relacionar abundâncias, sociais e econômicas, e reconhecimento de sabedoria e liderança.

Nesta mesma novela há um casal de personagens interessantes para a abordagem que pretende este artigo. No mesmo rol de advento da terceira idade existe a personagem Zuleika (Eva Wilma), mãe de Paula. Presa à nova realidade, a falência do marido, Zuleika estima o casamento de sua filha e após a cerimônia, apresenta a vontade de enfrentamento e procura de novas emoções. Passa a fazer ginástica, sonha com uma cirurgia plástica e começa a trabalhar na clínica de Carlos mesmo após a separação deste e sua filha. O trabalho prevê noções de etiqueta que Zuleika carrega em sua trajetória. Esta personagem marca de maneira incisiva a busca pelo autoconhecimento, beleza e juventude, contemplando características chave da representações de terceira idade. O marido de Zuleika, Rômulo (Claudio Côrrea e Castro), é um engenheiro falido, que mantém os três empregados domésticos, Mendonça (Fernando Wellington), Chica (Ilva Niño) e Neusa (Mônica Carvalho), com salários atrasados, fuma charutos, bebe muito whisky e adquire enfisema pulmonar. Rômulo demonstra certa dificuldade em se enquadrar na possível aposentadoria, um elemento também problematizado como demarcador social da velhice.

Embora detentores de características importantes para a referência à figura idosa, tanto Olga quanto Zuleika e Rômulo buscam e vivenciam emoções no plano afetivo, distanciando-se da questão de sexualidade na terceira idade, pouco difundida midiaticamente neste período. Além disso, é importante ressaltar que as duas personagens femininas idosas desta novela elucidam a mulher como quem detém o cuidado e intimidade das famílias. Enquanto Zuleika cuida da saúde do marido e aconselha a filha sobre relações amorosas e outras que tangem a sociabilidade e moralidade, Olga usa sua experiência do *passar dos anos* para manter a família unida mediante a tantas mudanças na estrutura de tal instituição e transita sobre tolerâncias ao apoiar o namoro tanto do neto Carlos com Helena, mãe solteira e quem foi amasia por muitos anos, quanto do neto Bruno (Claudio Lins) que se apaixona por Joice já grávida de outro rapaz. .

mente pertencente à área da saúde.

Olga e Zuleika, com peso na família a partir de suas experiências no trânsito da idade e pelo curso da vida, marcam trajetórias tanto passadas quanto futuras na trama. As gerações estão inseridas nos conflitos das Personagens Olga e Zuleika e relembram a coexistência de papéis específicos na família e no campo público. “As gerações são geradas na família, as idades são institucionalizadas política e juridicamente” (DEBERT, 1999, p.49).

No que tange a um envelhecimento de outras classes sociais, há na novela um casal de empregados domésticos, Urbano (Sebastião Vasconcelos) e Dalva (Ana Rosa). Urbano é caseiro da chácara de Gregório (Sérgio Viotti) e Silvana (Beatriz Lyra) em Teresópolis, enquanto Dalva cozinheira. As duas personagens, durante a trama, mudam para a casa principal dos patrões, no Rio de Janeiro. Urbano é caracterizado como um homem rude e desconfiado, que tem receios de cidade grande. Dalva é qualificada como uma mulher ambiciosa que tenta migrar de uma posição subalterna à reconhecimento social a partir do apoio na trajetória de seu filho, Caio (Engelo Paes Leme), que é apresentado aos espectadores como um 2º filho de Silvana.

Mulheres Apaixonadas

Em 2003, mesmo ano da fundação do Estatuto do Idoso, às 21:00 do dia 17 de fevereiro de estreava a novela *Mulheres Apaixonadas*, que durou até 11 de outubro do mesmo ano. Com autoria de Manuel Carlos, colaboração de Maria Carolina, Fausto Galvão e Vinícius Vianna e direção de Ricardo Waddington, Marcelo Travesso, Rogério Gomes e José Luiz Villamarim, a novela *Mulheres Apaixonadas* contemplou um número bem maior de personagens que envelheciam, bem como os conflitos possíveis entre gerações. Trataremos de alguns que tiveram mais referências em comentários críticos sobre a televisão.

Formadores de uma família de classe média. Flora (Carmen Silva) e Leopoldo (Oswaldo Louzada) formam um casal de idosos que elucidam a, já na época apontada, condição de um grande número de idosos como arrimo de família e ou parte deste. As duas personagens são os pais de Carlão (Marcos Caruso), um homem de meia idade que não consegue emprego estável e recebe ajuda financeira a partir da aposentadoria de seus pais. Sua esposa, Irene (Marta Melinger), visa o contorno da instabilidade financeira da casa.

Os netos de Flora e Leopoldo caracterizam questões importantes em relação à violência contra a Pessoa Idosa. Dóris (Regiane Alves), a neta mais velha, incomodada em dividir o quarto com o irmão, defende que seus avós passem a dormir, conforme a fala da personagem, no quarto de empregada do apartamento. Além disso, em diversos capítulos, há ênfase na impaciência de Dóris em relação ao casal, bem como cenas de roubo de dinheiro. Seu irmão, em vetor oposto, Carlinhos (Daniel Zettel), além de paciente é muito carinhoso com os avós e representa a necessidade de diálogo e atenção à pessoa idosa como prevê o discurso precursor e consequente do Estatuto do Idoso, que também faz dinâmica com a dicotomia do envelhecimento em suas pontas de nomenclatura. O sujeito velho está potencialmente amarrado à ideia de fragilidade e vítima violência como o idoso corresponde à força e respeito.

A próxima vítima

Do autor Silvio de Abreu, colaboração de Maria Adelaide Amaral e Alcides Nogueira e direção de Jorge Fernando, Rogério Gomes e Marcelo Travesso, a novela *A Próxima Vítima* fez muito sucesso entre 13 de março e 04 de novembro de 1995. Exibida às 20:30, mas conhecida como “uma novela das 09”, tratou-se de um suspense e tinha como cenários constantes o bairro Morumbi, Mercado Municipal e Mooca, todos em São Paulo. A trama fazia muita referência às gerações de imigrantes italianos. Nesta novela, três personagens, que eram irmãs, faziam menção ao envelhecimento e representações de mulher, bem como noções de sucesso, frustração, força e fragilidade.

Filomena (Aracy Balabanian) Chefe da família Ferreto, dona frigorífico na zona este de São Paulo. Mesmo não a mais velha das irmãs, representa a liderança da família e rigidez. É casada com Eliseo (Gianfrancesco Guarnieri), mas se recusa a usar o sobrenome do marido. Carmela (Yoná Magalhães) é a irmã mais nova de Filomena (Aracy Balabanian) e Romana (Rosamaria Murtinho). É conhecida como Cacá. Agitada, ansiosa e muito vaidosa, expressa ressentimento, não tanto por ter sido abandonada pelo marido, mas mais pelo estigma que carrega em torno da situação. Ao longo da novela, tem um envolvimento com Adriano (Lugui Palhares), mais novo do que ela. Romana (Rosamaria Murtinho) é a irmã mais velha de Filomena e Carmela. Esta personagem morou muitos anos em Florença, na Itália. Tem um gênio mais próximo ao da líder da família

e um casamento com Bruno (Murilo Borges), que a chama de Mama e é muito mais novo também.

Passione

Também do autor Silvio de Abreu e com cenas de mistérios e crimes, a novela *Passione* teve colaboração de Sérgio Marques, Vinicius Vianna e Daniel Ortiz. Foi dirigida por Carlos Araújo e Luiz Henrique Rios, Natalia Grimberg, Allan Fiterman e André Câmara. Exibida às 21:00 entre 17 de maio de 2010 e 14 de janeiro de 2011, a trama girou em torno de vinganças e paixões. O cenário desta novela também é a cidade de São Paulo. Na trama há quatro personagens representantes do envelhecimento:

A personagem Brígida (Cleyde Yáconis) é uma mulher ativa e geniosa, a personagem é respeitada e temida na família pelo mau-humor. Esposa de Antero (Leonardo Villar), mãe de Eugênio (Mauro Mendonça) e sogra de Bete (Fernanda Montenegro), com quem tem um conjunto de discussões. Os conflitos com o marido giram em torno de ciúmes e mágoas antigas. Antero Gouvea (Leonardo Villar), marido de Brígida e também pai de Eugênio e sogro de Bete, pertence à classe abastada paulistana. Vive como se estivesse no período de sua juventude e tem diversas manias, como a esposa. Representa um grande companheiro da esposa e, apesar de temperamentos opostos, os dois preservam a união.

Diógenes (Elias Gleizer), chofer da família Gouveia, representa um envelhecimento de classes populares e não há informação sobre sua aposentadoria. Diógenes é viúvo e é pai de Mauro (Rodrigo Lombardi). Criou o filho na casa dos patrões. Tem um bom relacionamento com Brígida e alguns conflitos, de caráter cômico, com Antero. A intimidade entre empregado doméstico e a família empregadora parece ligada aos muitos anos de convivência. Ao longo da novela, o romance entre esta personagem e a patroa é revelada.

A personagem Bete (Fernanda Montenegro) é apresentada aos telespectadores como uma forte e generosa, além de empreendedora, já que ajudou o marido a construir a Metalúrgica Gouveia, propriedade e fonte de renda da família toda. Na trama, quando seu marido morre, se torna responsável pelos sogros, Antero e Brígida. Também em processo de envelhecimento, a personagem, junto às figuras dos sogros mais velhos que ela, faz luz à *geração pivô* (MOTTA, 2010). A autora nos informa que além das diversidades de

gênero, de classe social e de raça no interior de grupos etários idosos, há um destaque de outra diferenciação no âmbito familiar, de cunho etário e geracional. Tratar-se-ia a diferença “entre de idosos jovens e velhos mais velhos (...) A reconhecida heterogeneidade do segmento idoso da sociedade cresce com o atual e continuado aumento da longevidade, estendendo-se ao interior da própria condição geracional.” (MOTTA, 2010, p. 437).

até mesmo para as gerações idosas o tempo de formação foi e está sendo cada vez mais diversificado, assim como as vivências e a própria extensão do percurso de vida já vencido. O que as pesquisas atuais começam a levantar e precisam aprofundar. Revelar o jogo desigual das relações entre as gerações, tanto em sua trajetória social como na pessoal, cotidiana, e incluir aquelas pouco estudadas, como algumas intermediárias (pivôs) e as “finais” (centenários), para completar o cenário social e particularmente o desse fenômeno único da contemporaneidade, a família multigeracional. (MOTTA, 2010, p. 438).

A personagem Valentina (Daisy Lúcidí) é uma senhora viúva e dona de uma pensão no bairro Tatuapé. Tem um jeito meigo e “engana” as outras personagens da novela por um período considerável. Valentina é avó de Kelly (Carolina Macedo) e Clara (Mariana Ximenes), a vilã protagonista da novela e com quem tem uma relação conflituosa. A personagem idosa aliciou a neta mais velha na prostituição no passado e tenta, na trama, fazer o mesmo com a neta mais nova. Valentina rompe com a bondade estereotípica da senhora boazinha, conforme a apresentação do idoso idealizado de Villas Boas Cômcone:

o “idoso idealizado” é objeto de respeito, “pela sabedoria acumulada”, pela “experiência”, pela “memória”. A idealização do idoso é a contrapartida e o reforço da negação de fato. Nessa linha de idealização respeitosa jamais entraria em consideração que um idoso no ônibus na hora do rush pudesse ser, por exemplo, um “velho batedor de carteiras”... Por quê? Porque parece um contrasenso. Afinal é um idoso, por definição indefeso e “bom”. No idoso de carne e osso, entretanto, a sabedoria é relativa, a experiência ultrapassada, a memória repetitiva e a bondade cansativa ou inexistente. (CONCONE, 2007, p. 21)

Babilônia (não!)

Doze anos depois, em 2015, antes da estreia da novela, em larga difusão se comentava sobre um casal de lésbicas idosas que a novela *Babilônia* apresentaria a partir de duas valorizadas atrizes brasileiras. Exibida entre 16 de março e 28 de agosto de 2015, foi escrita por Gilberto Braga com a colaboração de Sérgio Marques, Ingrid Carvalho, Chico Soares, Fernando Rebello, João Brandão, Luciana Peçanha e Maria Camargo. A novela possui direção geral de Maria de Médcis, bem como do núcleo de Dennis Carvalho.

Na trama, as personagens Estela (Nathalia Timberg) e Teresa (Fernanda Montenegro) são duas mulheres de classes altas cariocas que compartilham a mesma casa há muitos anos, sem período específico informado. Criam o neto Rafael (Chay Suade), a favor do casamento homossexual e que se apaixona por Laís (Luisa Arraes), filha do político Aderbal Pimenta (Marcos Palmeira) que, sob certa perspectiva, lembra uma caricatura da intolerância homossexual e homoafetiva.

O destaque da novela girou em torno beijo de Estela e Teresa e causou diversas falas, no senso comum e em bancadas políticas, contra a continuidade de cenas com algum teor sexual entre tais personagens. O repúdio, formal e informal, causou recuo da trama quanto à temática homossexual entrecruzada com a velhice e nos revela as dificuldades de se pensar não só a velhice entrecruzada como marcadores sociais da diferença, mas também nas barreiras de aceitação que estes apresentam em si.

Considerações Finais: a procura de mudanças e encontro de limites nas representações da velhice em novelas num período de vinte anos

Babilônia Não! como escolha de título para este artigo tem o objetivo de apontar o muro tênue entre as representações de *velhice* e de *velhices* sob o ponto de vista de heterogeneidade presente nas trajetórias e discursos que o segundo conceito carrega. Além disso, o título prevê a dificuldade de outras representações de envelhecimento tanto nas novelas quanto nas narrativas fora das telas. Do ponto de vista de *velhices* como ideia que contempla a diversidade interna de grupos considerados idosos e, a partir da heterogeneidade, distintas trajetórias possíveis, a questão da sexualidade parece ser ignorada simbolizando certo incômodo, mas mais ainda, se a partir de vínculos homoafetivos.

As velhices para serem bem gestadas, por idosos e por espectadores, ainda têm muitos desafios oriundos de discursos presentes e persistentes também em outras categorias etárias. As questões vinculadas à sexualidade e gênero *nas velhices* nos informam os rígidos discursos do curso todo da vida. Entre as perspectivas de ponta do envelhecimento, a da miséria, que contempla a imagem de abandono e solidão, e a de fonte de recursos, cuja imagem está ligada à atividade e criatividade e capacidade de oferecer respostas às mudanças sociais, existem muitas brechas que ativam a necessidade de cruzamentos com os marcadores sociais da diferença. Mais do que aproximar o envelhecimento de uma perspectiva ou outra, é importante dinamizarmos outras representações. O plural das velhices a partir da experiência contempla representações e vivências que esta dicotomia também não dá conta.

Se mudanças e diversidade nestes vinte anos em novelas podem ser percebidas nas representações de terceira idade estas parecem apresentar um limite, bem como mais de uma prescrição. Estas também nos informam que este termo terceira idade, que positiva os processos de envelhecimento, não exclui o termo velha(o) do imaginário social, ora sob questões persistentes na discussão deste tema e suas dicotomias ora sob questões estruturantes das moralidades, inclusive inter-geracionais. Os “defeitos” de personagens culminam no chamamento velho e seus entornos pejorativos. As fronteiras entre os termos que designam velhice e terceira idade e seus significados se apresentam discursiva, geracional e moralmente.

Referências

ACOSTA-Orjuela, Guillermo Maurício. *Como e Porque idosos brasileiros usam a televisão: um estudo dos usos e gratificações associados ao meio*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2001.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. (2007). Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela. *Revista Estudos Feministas*, 15(1), 177-192. Retrieved September 24, 2015, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X20070001000011&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0104-026X200700010001

BORELLI, SILVIA HELENA SIMÕES. Telenovelas brasileiras: balanços e perspectivas. *São Paulo Perspec.*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 29-36, jul. 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 out. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000300005>.

CONCONE, Maria Helena Villas Bôas. Debate: Medo de ser ou de parecer. *Revista Kairós*, São Paulo, 10(2), dez. 2007, pp. 19-44. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view2588>>. Acesso em: 26 set. 2013.

DEBERT, Guita Grin. A Invenção da Terceira Idade e a Rearticulação de Formas de Consumo e Demandas Políticas. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. n° 34, ano 12. São Paulo: ANPOCS, jun/1997. pp. 39 – 56.

_____. Pressupostos da Reflexão Antropológica Sobre a Velhice. In.: DEBERT, G. G. (org) *Antropologia e Velhice*. Textos Didáticos, n° 13. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998. pp. 7 – 27.

_____. *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Revitalização do Envelhecimento*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1999.

_____. O velho na propaganda. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 21, p. 133-155, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332003000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 Out. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332003000200007>

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. Ditos e Escritos V. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2004.

JANNUZZI, Fernanda Freire; CINTRA, Fernanda Aparecida. Atividades de lazer em idosos durante a hospitalização. *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 179-187, June 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342006000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 Jul. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342006000200005>

MASCARO, S.A. *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MARQUES, Ana Maria. *Velho/Idoso: construindo o sujeito da terceira idade*. Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, Florianópolis, v. 11, n. 11, p. pp. 66-71, jan. 2004. ISSN 2175-7976. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/336>>. Acesso em: 10 out. 2015. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/336>.

MOTTA, Alda Britto da. *A família multigeracional e seus personagens*. Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 111, p. 435-458, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302010000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 5 ago. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302010000200008>.

NERI, A L. - *Envelhecer num País de Jovens: Significados de Velho e Velhice Segundo Brasileiros Segundo Brasileiros Não Idosos*. Campinas: UNICAMP, 1991.

_____. *Idosos no Brasil: Vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, SESCSP, 2007.

PEIXOTO, C. *Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade*. In: Barros MML de. (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: FGV; 1998. p. 69-84.

ROZENDO, Adriano e JUSTO, José Sterza. "Fundo Nacional do Idoso" e as políticas de gestão do envelhecimento da população brasileira. *Rev. psicol. polít.* [online]. 2012, vol.12, n.24, pp. 283-296. ISSN 1519-549X.

_____. Sentidos e espaços da velhice na legislação brasileira. Coleção Temas em Saúde Coletiva - *Nós e o Outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa*. 2011, vol. 13, p. 35-58. ISBN 85-88169-01-0

RUBERT, Vanessa. Lazer e mídia na terceira idade: um estudo sobre representações sociais. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 20-21, p. 273-286, jan. 2003. ISSN 2175-8042. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/935>>. Acesso em: 25 Jul. 2015. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/935>

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA SOBRINHO, H. F. *Discurso, Velhice e Memória Discursiva: tensões nas redes e trajetos de sentidos*. In: IV Encontro de Estudos da Linguagem e III Encontro Internacional de Estudos da Linguagem - INTERNACIONAL, 2011, Pouso Alegre. Anais Enelin 2011, 2011. v. 1. p. 01-07.

TÓTORA, Silvana. 2008. *Apontamentos para uma ética do envelhecimento*. Revista Kairós. Jun. 2008. São Paulo. Vol. 11, n 1, p. 21-38.

WICHMANN, F. M. A. ; AEROSA, Silvia ; BENITEZ, Lisianne Brites ; LEPPER, L. ; CARDOSO, C. M. C. ; Etiane Pereira Moreira ; Evelin Wegner . *Envelhecimento, Mídia e Sociedade. Revista On line Contexto e Saúde da UNIJUI*, v. 10, p. 1, 2011.

Ciberativismo e movimentos sociais: mapeando discussões

Lívia Moreira de Alcântara¹

Resumo: O ciberativismo é um tema que vem sendo trabalhado em diversas disciplinas a partir de diferentes perspectivas teóricas, que nem sempre dialogam entre si. Muitas abordagens tendem a tratá-lo a partir do “prisma da novidade”, perdendo de vista seus antecedentes. Diante deste panorama, este artigo propõe mapear algumas discussões sobre o ciberativismo, buscando: apontar suas raízes culturais e políticas e situá-lo dentro do processo de desenvolvimento da internet; resgatar alguns eventos marcantes em seu histórico e evidenciar as inovações teóricas e conceituais que emergiram a partir de cada um deles; mapear encontros e desencontros entre os debates sobre o ciberativismo e a Sociologia dos Movimentos Sociais, destacando algumas possibilidades de diálogo entre estes dois campos.

Palavras-chaves: Ciberativismo. Sociologia dos Movimentos Sociais. Internet. Movimentos sociais. NTICs.

¹ Doutoranda em sociologia pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia, do Instituto de Estudos Políticos e Sociais (IESP/UERJ).

Abstract: Cyberactivism is a topic that has been discussed in several fields from different teorical perspectives, that not always dialogue with each other. Many approaches tend to treat it from “novelty prism”, losing sight of its history. Before this panorama, this article proposes to map some discussions about cyberactivism while it aims: to point their political and cultural roots and locate cyberactivism in the internet development process; to rescue some key events in its historic and to evidence teorical and conceptual innovations that would emerge from each one of them; to map agreements and disagreements between cyberactivism debates and Sociology of Social Movements, highlighting some dialogue possibilities amidst these two fields.

Keywords: Cyberactivism. Sociology of Social Movements. Internet. Social movements. ICT.

Introdução

Os movimentos sociais e as formas de protestos que surgiram a partir da década de 1990 têm sido interpretados, sobretudo a partir das revoltas que eclodiram após 2011, como novíssimos (GOHN, 2011, 2013; LANGMAN, 2013; dentre outros) – sendo que, dentro deste conjunto de novas práticas de protestos e mobilização, situa-se o uso de novas tecnologias da comunicação e da informação (NTICs) pelos ativistas (que aqui nos referimos como ciberativismo).

No entanto, a noção de “novidade” é problemática, pois é pouco analítica. Essa foi um prisma para o estudo dos movimentos sociais a partir dos anos 1970 e foi utilizada por Melucci (1980), no artigo *The new social movements: a theoretical approach*, para delimitar o campo de estudos sobre os “novos movimentos sociais”. A noção abarcava uma série de renovados olhares, como as discussões de Alain Touraine, Claus Offe e do próprio Alberto Melucci, sobre os atores que emergiam na época. Foi construída a partir da crítica ao marxismo clássico e em diálogo com o paradigma acionalista norte-americano (GOHN, 2002). Na América Latina, o tema marca o aparecimento de novas organizações e forças sociais de base, que se debruçavam sobre os problemas cotidianos de seus integrantes e davam menos atenção às interações com o Estado (SCHERER-WARREN; KRISHKE, 1996). Além disto, significou a abertura de um momento de questionamento dos modelos tradicionais de estudos dos movimentos sociais, bem como de transformação dos paradigmas de análise desses atores. Embora a noção de “novo” esteja dotada deste conteúdo de renovação teórica e de emergência de novas práticas, o termo por si só é pouco explicativo. Para Melucci (1996), a novidade é um conceito relativo, que possui uma função temporária de indicar um número de comparações entre formas históricas da ação coletiva. Assim, a noção de novo serve para estabelecer continuidades e descontinuidades na comparação entre os fenômenos. Em outras palavras, o uso do termo pode ser frutífero se busca captar as transformações no ativismo e dos processos sociais ao longo do tempo. E pode ser problemático quando caracteriza um fenômeno por si só.

Para além da necessidade de uma crítica à “novidade” enquanto categoria explicativa dos movimentos sociais, uma das grandes dificuldades para interpretar os fenômenos associados ao ciberativismo é a proliferação de noções, conceitos e variáveis afins (ciberativismo / novas mídias / comunicação em rede

/ comunicação sem fio / ativismo digital / *hackertivismo* / desobediência civil eletrônica / *smart mobs* / click-ativismo etc.), porém distintas, que, no entanto, com frequência, são utilizadas como sinônimos. Essa abundância de expressões está relacionada ao fato de que são “conceitos empíricos”, ou seja, que vão sendo criados para explicar situações e casos específicos. Além disto, revela a existência de uma diversidade de disciplinas que se debruçam sobre o assunto, responsáveis pela geração de uma pluralidade de olhares e ferramentas analíticas que, no entanto, nem sempre dialogam entre si (GARRETT, 2006).

Além disso, a sociologia dos movimentos sociais, área de estudos que se dedicou especificamente à análise desses atores, deu pouca atenção para as dinâmicas comunicativas desses ao longo do tempo (DOWNING, 2008). Apenas nas últimas décadas, a partir da popularização da internet e da emergência de alguns eventos ciberativistas, o interesse pela questão tem crescido. Dessa forma, apesar de estarem sendo desenvolvidas contribuições importantes nesse campo, esforços de diálogo entre os estudos em movimentos sociais e o tema da comunicação ainda precisam ser realizados.

Diante da necessidade de compreendermos o que é o ciberativismo e dos desafios assinalados, este trabalho pretende realizar um mapeamento inicial do tema atentando-se para três objetivos: primeiro, desmistificar a dimensão de novidade do ciberativismo, situando-o dentro desenvolvimento da internet e das práticas ativistas; segundo, fazer um inventário inicial das noções e conceitos relacionados ao tema; terceiro, lançar alguns *insights* sobre possibilidades de diálogo entre os estudos sobre ciberativismo e a sociologia dos movimentos sociais. O artigo está dividido em seções correspondentes a cada um desses objetivos.

Situando o ciberativismo

Diversos autores apontam que o ativismo na e pela internet é algo intrínseco ao próprio desenvolvimento dessa. Araujo et al (2012) entende o ativismo como fenômeno social imanente às redes telemáticas como a internet e constroem uma cronologia que enfatiza a relação entre ambos. Os autores estabelecem quatro fases que permitem ver esta simbiose:

- **Surgimento:** No espaço de elaboração da internet, o ciberativismo surge como forma de disputa tecnossocial, tencionando a internet a evoluir para uma tecnologia não proprietária.
- **Pré-web:** Momento inicial da internet, quando representava apenas um ambiente comunicativo baseado em troca de mensagens de texto. Redes como a PeaceNet são usadas como forma mais eficiente de comunicação entre ativistas distribuídos pelo mundo.
- **Popularização da web:** Representa o início e expansão da primeira web. É neste momento que surgem os primeiros sites de apoio a causas ativistas, protestos organizados pela rede, coberturas alternativas e as primeiras ações práticas de Desobediência Civil Eletrônica. Começam a surgir as primeiras ações de hacktivismo, porém ainda eram escassas as plataformas de ação a distância.
- **Web 2.0:** Com a tendência do surgimento de novas ferramentas que ampliação do caráter interativo da web, o ciberativismo se apropria de blogs e sites de mídias sociais. Tecnologias móveis facilitam as formas de organização de movimentos através da rede. Porém, ao mesmo tempo, estas ações são imersas em mais mecanismos de controle, que podem ser suplantados por tecnologias do anonimato (ARAÚJO *et al*, 2012, p. 13).

Nessa mesma linha, Silveira (2010), um dos defensores da ideia de que o ciberativismo se confunde com o próprio desenvolvimento da rede mundial de computadores, explica que “ele [o ciberativismo] influenciou decisivamente grande parte da dinâmica e das definições sobre os principais protocolos de comunicação utilizados na conformação da Internet” (SILVEIRA, 2010, p.31) – relacionando-o assim com a cultura hacker.

Antoun e Mallini (2010), referindo-se ao desenvolvimento da web, argumentam que houve uma metamorfose de um discurso otimista-comercial (emergente com o advento da web comercial) para um discurso que privilegia a atuação social, o engajamento e a mobilização enquanto valores da rede – sendo os ativistas os responsáveis, em grande parte, por esta mudança.

Buscando situar o ativismo contemporâneo dentro de um histórico de desenvolvimento das táticas lúdico-midiáticas-ativistas, Assis (2006) elenca-o como herdeiro dos seguintes movimentos: “a Internacional Situacionista (décadas de 50-60), os Yippies (décadas de 60-70), o ambientalismo (décadas de 70-80) e a prank art/culture jamming (décadas de 80-90)” (ASSIS, 2006, p. 16).

Sendo que de cada movimento político cultural, o ativismo teria legado algumas características.

Lievrouw (2011), na mesma linha, busca as raízes culturais, sociais e políticas da “nova mídia alternativa e ativista”². A autora encontra no Dadaísmo e no Situacionismo suas origens culturais e, nos novos movimentos sociais, sua precedência social e política. Segundo ela, o Dadaísmo e o Situacionismo foram movimentos artísticos que surgiram em um contexto de mudanças tecnológicas, guardando assim uma característica contextual paralela a das novas mídias. Ambos os movimentos pensaram a arte não separada da vida cotidiana. O Dadaísmo, por exemplo, rejeitava a ideia de uma arte pela arte, o que implicou na formulação do conceito de antiarte. Essa seria a arte ligada a experiência subjetiva do dia-a-dia e deveria ser usada para desestabilizar o lugar comum e provocar a emergência de novas maneiras de ver a realidade. Os situacionistas, com o conceito de espetáculo, que evidenciava a intermediação capitalista dos aspectos da cultura e da experiência, colocaram em xeque a cultura hegemônica.

Além desta perspectiva mais política e ideológica, os dois movimentos trouxeram técnicas que podem ser reconhecidas como as raízes das novas mídias. O Dadaísmo misturava as novas mídias (fotografia e cinema) com formas artísticas mais clássicas (pintura, escultura, teatro) através da justaposição, colagem e descontinuidade. O situacionismo utilizava a técnica do *détournement* (“desvio”) e a técnica da “deriva” (navegar pelo espaço urbano) – essa última pode ser comparada com a navegação propiciada pelo *hyperlink*.

Já as raízes político-sociais, Lievrouw (2011), investiga nas características dos novos movimentos sociais (NMS), emergentes na década de 1960. Para ela, esses movimentos guardam uma relação intrínseca com as NTICs, pois essas se constituem em plataformas ideais para potencializarem sua forma de organização e ação. Segundo ela, os movimentos anti-guerra, pelos direitos civis, estudantil, ecológico e feminista – que emergiram na década de 60 – modificaram a forma de se fazer ativismo. Trouxeram pautas simbólicas para a centralidade das discussões; utilizaram os meios de comunicação para estabelecer diálogos com a sociedade civil (não apenas com o Estado); trabalhavam em rede, de

²O conceito será trabalhado mais a frente, mas cabe adiantar que designa o emprego de artefatos de comunicação e práticas sociais para transformar as formas dominantes de construir a cultura, a política e a sociedade.

forma coletiva e horizontalizada; e, por fim, trouxeram repertórios de ações não convencionais.

Esse histórico tecnológico, cultural e político do ciberativismo permite-nos traçar suas raízes e evitar o fetiche da novidade. Por outro lado, a partir da identificação destes elementos de continuidades, também podemos perceber as discontinuidades, isto é, as novas dinâmicas que emergem nos movimentos sociais e na ação coletiva a partir da interação desta com as NTICs. Sendo este o tema da próxima seção.

As noções de ciberativismo a partir de alguns marcos históricos

A partir da identificação de alguns eventos na história do ciberativismo, podemos mapear as teorizações e conceituações que surgiram na tentativa explicar e descrever as dinâmicas que emergem na ação coletiva relativas à utilização da internet e de outras NTICs. A partir de quatro eventos, destacados nas subseções abaixo, realizamos um mapa inicial dessas noções e teorizações.

Zapatismo: redes transnacionais

É consenso na bibliografia sobre o tema que o ciberativismo tem seu primeiro exemplo global com as revoltas Zapatistas em 1994, no sul do México. Para Wolfson (2012), a insurreição representou uma verdadeira “revolução das revoluções”, uma vez que foi a inspiração para uma nova forma de resistência, onde a comunicação e a prática midiática têm papéis centrais.

A utilização da rede de computadores pelos Zapatistas e seus efeitos foi algo tão importante que o fato foi analisado por dois pesquisadores militares, John Arquilla e David Ronfeldt, pertencentes a RAND, órgão de pesquisa militar dos Estados Unidos – que tem como norte de suas pesquisas as transformações sofridas pelo conflito com a revolução da informação. Dessa análise, os autores criaram dois conceitos: “*social netwar*” (guerra em rede) e “*swarming*” (redes de enxame), ambos amplamente difundidos nas teorizações e notícias sobre ciberativismo. Segundo Arquilla e Ronfeldt (1996), a guerra em rede é um termo que faz contraponto com o de ciberguerra. Enquanto essa última categoria designa conflitos militares de alta intensidade entre Estados, com a utilização de tecnologias de ponta, a guerra em rede designa conflitos assimétricos entre o Estado e grupos menores, nos quais as NTICs são armas importantes para ambos (ANTOUN, 2001; RONFELDT; ARQUILLA, 1996).

Arquilla e Ronsfeld (2000), em um trabalho posterior, desenvolvem a base de uma doutrina militar (orientação estratégica operacional), denominada *swarming*. Segundo os autores, o termo diz respeito a tipos de organizações observadas no mundo animal e apropriados por militares e ativistas³ em combates (ARQUILLA, RONSFELD, 2000). *Swarming* é assim uma forma de ação em pequenos grupos dispersa e estruturada em rede. Essa permite a realização de ataques tão rápidos quanto a própria retirada deles para uma nova organização e funciona melhor quanto mais dispersa for sua estrutura.

Wray (1998), também buscando interpretar as novas formas de conflito que surgiam na década de 90, definiu o ano de 1998 como uma data paradigmática. Segundo ele, nesse momento, emergiu, de forma evidente na mídia, a desobediência civil e o hacktivismo, demonstrando a existência da uma “guerra de *browser*”. Nesta data, o primeiro grupo a se autodeterminar ciberativista, o *Electronic Disturbance Theater*, organizou uma ocupação online (*sit-ins*) do site do governo mexicano em solidariedade aos Zapatistas, utilizando um *software*, o *FloodNet*, desenvolvido por eles. A ação foi denominada “*project SWARM*”. Além deste acontecimento, atividades de *hackativismo* foram detectadas em vários continentes, tendo destaque o caso do hacker britânico “JF” que entrou em mais de 300 sites e colocou mensagens e imagens anti-nucleares.

Wray (1998) classifica três formas de ativismo na internet: ativismo computadorizado, desobediência eletrônica civil e hackeamento politizado. O ativismo computadorizado é fruto de uma interseção entre movimentos sociais políticos com a comunicação mediada pelo computador. Ele nasce, segundo o autor, com a criação da PeaceNet, rede que possibilitou a comunicação entre ativistas de diversas partes do mundo pela primeira vez. O ativismo computadorizado em um nível mais profundo, isto é, para além do compartilhamento de informações e do diálogo entre ativistas, é a “infoguerra”, na qual a internet é utilizada para incitar a ação em escala global.

A desobediência civil eletrônica é uma forma de ação direta e descentralizada, no meio eletrônico, que promove o bloqueio virtual de sites. A expressão está relacionada com os trabalhos do grupo de artistas teóricos

³ O *swarming* é adotado também por grupo de terroristas e criminosos, como o grupo terrorista Al Qaeda e as máfias de drogas nos EUA, que funcionam em forma de redes dispersas. Além disto, é incorporado também no funcionamento do mundo dos negócios.

Critical Art Ensemble, que realizaram estudos de manifestações de rua procurando transpor suas táticas para o ambiente digital. Após o Massacre de Acteal em 1998, o grupo passou a adotar concepções que opunham menos o ambiente da internet e o das ruas, considerando a internet como um meio de comunicação e ação. Eles chegaram a realizar um monumento virtual para as vítimas.

Já o hackeamento politizado é uma forma de ação política diferente das anteriores, pois não envolve mobilização e participação. Ao contrário disso, depende do anonimato de seus membros e muitas vezes pode ser realizada individualmente. Outra diferença entre o hacktivismo politizado e a desobediência civil é que, enquanto esta última opera em áreas ambíguas da lei, o hacktivismo muitas vezes é inquestionavelmente ilegal⁴. Por todas essas características, para o autor, o hacktivismo politizado expressa um outro tipo de política, que não necessita da participação massiva. A definição de um novo tipo de conflito (*netwar* ou guerra de *browser* e infoguerra) e de novos repertórios de ações (*swarming*, ativismo computadorizado, desobediência civil, hackeamento politizado) tem como pano de fundo a possibilidades de comunicação, organização e articulação abertas pelo uso das tecnologias digitais e da internet.

Batalha de Seattle: nova mídia ativista

Se o Zapatismo é considerado o marco inicial do ciberativismo, os protestos anticapitalistas, que culminaram midiaticamente na Batalha de Seattle em 1999, são encarados enquanto o seu desenvolvimento. A Batalha de Seattle constituiu-se em manifestações contra as políticas neoliberais globalizantes e ocorreram durante a reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC). Os protestos ganharam repercussão midiática e marcaram a emergência do movimento antiglobalização enquanto um ator mundial (BRINGEL; MUÑOZ, 2010).

As NTICs foram utilizadas pelo movimento antiglobalização como “instrumento de participação, mobilização e criação de identidade” (BRINGEL; MUÑOZ, 2010, p. 30) e tiveram seu expoente mais visível no nascimento do *Indymedia* (no Brasil Centro de Mídia Independente):

⁴ Wray (1998) utiliza o termo hackeamento politizado (*politicized hacking*) para distinguir entre a atividade hacker e a atividade hacker voltada especificamente para fins ativista e político. Essa diferenciação entre ambas as atividades é polêmica, pois o hacktivismo se confunde com a ética hacker e alguns autores observam um certo caráter ativista (em prol da horizontalidade e liberdade da rede de computadores) já nas ações dos primeiros hackers.

[...] um coletivo de jornalismo-ativismo que desejava rebater com suas próprias reportagens a cobertura, previsivelmente detratada, das mídias hegemônicas, a partir de um modelo de jornalismo aberto onde qualquer um com acesso à Internet pode publicar suas notícias (ASSIS, 2006, p. 34).

A experiência do *Indymedia* em Seattle evidenciou a relação intrínseca entre a comunicação alternativa e o ativismo. No ativismo midiático a comunicação é, ao mesmo tempo, meio e fim de luta, sendo crucial para a transformação do poder e do controle dominante (CARROLL; HACKETT, 2006). Juntamente com outras redes digitais, o *Indymedia* ajudou a mobilizar ativistas no mundo inteiro a contribuírem na criação de um movimento social radical pela circulação alternativa de notícias e informações, colaborando assim para a criação de uma comunicação internacionalista (JURIS, 2005). Desde então, termos como ativismo midiático, midiativismo e mídia alternativa são utilizados, em muitos casos, enquanto sinônimos de ciberativismo.

O *Indymedia* é um tipo de mídia alternativa, mas não é a único. Uma síntese de fôlego sobre as “novas mídias alternativas e ativistas” foi realizada por Lievrouw (2011), que entende essas como:

A nova mídia alternativa e ativista emprega ou modifica os artefatos de comunicação, práticas e arranjos sociais das novas tecnologias da comunicação e da informação para mudar ou alterar formas dominantes, aceitas ou esperadas de se construir sociedade, culturas e política (LIEVROUW, 2011, p. 19, tradução nossa).

A autora classifica as novas mídias alternativas ativistas em cinco gêneros, que dão conta de englobar grande parte das práticas ativistas e midiáticas existentes: “cultura *jamming*”: utiliza os materiais da própria cultura para subverter e criticá-la; “computação alternativa”: trabalha em cima da infraestrutura da computação, readaptando, criando novos designs, *hackeando*; “jornalismo participativo”: adota os valores e as práticas do jornalismo para subverter a lógica de produção e publicação da imprensa; “mobilização mediada”: a partir da mistura de relações sociais em rede online e *offline* organiza novos movimentos sociais e políticos globais; “conhecimento compartilhado”: constitui-se em projetos que empregam

métodos *folksonomia* colaborativa⁵ e produção em *peer*⁶ para organizar, avaliar e classificar informações e conhecimentos.

Outra definição das novas mídias, não contraditória a esta, porém menos abrangente, é realizada por Antoun e Mallini (2010). Os autores, ancorados nas discussões de multidão de Hardt e Negri, as denominam “multimídias” ou “mídias da multidão”. Para eles, essas são mídias em que a produção da notícia se dá de forma articulada e cooperativa e “cujo produto final é exibido de forma pública e livre, para públicos específicos, que ao mesmo tempo, são mídias para outros públicos” (ANTOUN, MALLINI, 2010, p.9). Estas mídias representam, para os autores, a biopolítica na rede ou liberdade positiva: “[...] um conjunto de atos de resistência e de contra insurgência de vidas que não se deixam capturar pelo controle e reivindicam uma economia da cooperação que mantenha os bens comuns dentro de um direito e de um espaço público” (ANTOUN, MALLINI, 2010, p. 6).

Se nos casos citados até aqui o ciberativismo é o próprio ativismo midiático em suas inúmeras expressões, em Ugarte (2008) esta relação aparece de forma mais instrumental. Ele compreende o “ciberativismo” como herdeiro da cultura hacker e diretamente relacionado à luta por visibilidade nas instituições hierarquizadas:

Poderíamos definir “ciberativismo” como toda estratégia que persegue a mudança da agenda pública, a inclusão de um novo tema na ordem do dia da grande discussão social, mediante a difusão de uma determinada mensagem e sua propagação através do “boca a boca” multiplicado pelos meios de comunicação e publicação eletrônica pessoal (UGARTE, 2008, p.55).

O autor define três vias nas quais o ciberativismo está baseado: discurso, ferramentas e visibilidade. Quanto ao discurso, ele compreende o ciberativismo enquanto uma forma de “*hacking social*”, que parte da possibilidade de mudança do mundo e do empoderamento das pessoas, criando uma identidade que

⁵ Entiquetamento e classificação de informações na web de forma colaborativa para arquivar informação. Um exemplo são as hashtags, palavras acompanhadas do símbolo #, que se tornam um link agrupando informações que a contenham.

⁶ Refere-se às redes de computadores par-a-par (peer-to-peer ou P2P), que possibilitam a distribuição de dados de forma distribuída, ou seja, sem a necessidade de um servidor central. Nas redes peer-to-peer cada computador funciona como um servidor e como um cliente, distribuindo e recebendo dados.

permite a união de desconhecidos. Em relação às ferramentas, o ciberativismo traz consigo o legado da cultura hacker do “faça você mesmo” e está ligado ao desenvolvimento de instrumentos que permitam as ações. Por último, a visibilidade é apontada enquanto o fim do ciberativismo, significando reconhecimento entre os ciberativistas e também visibilidade do coletivo na sociedade.

A construção ferramentas, espaços e dinâmicas de comunicação próprias dos movimentos sociais não é algo novo que remonte a última década do século XX, embora novos fenômenos tenham surgido com a internet. Além disso, as mídias alternativas não são apenas objetivo de luta, são também formas de luta, influenciando assim nas próprias dinâmicas dos atores e da ação coletiva.

Queda do presidente das Filipinas (2001): desafios para a sociologia dos movimentos sociais

Em 2001 o presidente das Filipinas, Joseph Estrada, foi retirado do seu cargo após quatro dias de manifestações, convocadas e coordenadas via mensagens de texto de celular. As manifestações ocorreram após os senadores pararem o processo de destituição do presidente. A oposição difundiu mensagens de texto e 75 minutos depois, 20.000 pessoas estavam nas ruas (HOWARD, 2004). O país já apresentava um histórico de grande utilização de mensagens de texto.

Eventos semelhantes sucederiam: o 13M (noite dos celulares) em Madrid (2004), as revoltas urbanas na França (2005), as Revoltas Árabes (2010), o 15 M (2011) em Madrid, e o *Occupy* (2011) nos EUA. Todos estes acontecimentos têm algumas características em comum, que começam a serem gestadas na Batalha de Seattle, quando as NTICs foram utilizadas para mobilizar e coordenar os protestos nas ruas. Porém, contam com o desenvolvimento dos dispositivos móveis, da generalização das redes sem fio e do desenvolvimento de ferramentas da web 2.0⁷ que potencializam a conversação e interação.

Estes protestos são manifestações políticas empreendidas por um tipo de rede social móvel que, a partir do contato informal e instantâneo, possibilitado por tecnologias móveis, computação móvel e redes sem fio, podem mobilizar-se e coordenar-se – realizando ataques em *swarming* (VALENTIM, 2005;

⁷ Web 2.0 pode ser entendida como “segunda geração de serviços online e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo” (PRIMO, 2007, p. 1). O termo é polêmico, pois realça mais as características comerciais da web do que suas implicações sociais.

HOWARD, 2004). Ugarte (2008) propõe uma sistematização do ciberativismo em dois modelos básicos: a campanha e o *swarming*. No primeiro escolhe-se um tema, um inimigo e as táticas para viabilizar a ideia. No segundo inicia-se um debate mais quente, com etapas de deliberação e que desembocam em um novo consenso social ou em uma ciberturba que é “a culminância na mobilização de rua de um processo de discussão social, levado a cabo por meios eletrônicos de comunicação e publicações pessoais, na qual deixa de existir a divisão entre ciberativistas e mobilizados” (UGARTE, 2008, p. 47).

O primeiro modelo de ação é mais focado no debate e o segundo está relacionado à reação a algum fato traumático. Assim, “a diferença fundamental entre os dois modelos é a existência ou não de um nodo dinamizador no decorrer de todo o processo” (UGARTE, 2008, p.57). O autor utiliza a palavra *ciberturbas* para designar estes eventos, porém, o conceito que ficou amplamente conhecido foi “*smart mob*” (multidões inteligentes), cunhado por Howard Rheingold no livro *Smart Mobs: The Next Social Revolution*, em 2002.

O conceito de *smart mobs* ou multidões inteligentes foi cunhado em diálogo com o de *flash mobs*, que seria a “reunião pública de estranhos, organizada via celulares e internet, que leva a cabo um ato sem sentido, atrás do qual se dispersa de novo” (LASÉN; ALBÉNIZ, 2008, p. 251). Um *smart mob* compartilha várias semelhanças com um *flash mob*, porém carrega a mais uma intenção política. Dentre as semelhanças estão: irrupção momentânea; reivindicação e ocupação do espaço urbano; a presença pública como fator essencial para a participação; ênfase no momento; caráter múltiplo, ousado e imprevisível; incerteza de quantas pessoas comparecerão e de como ocorrerá a ação; caráter lúdico e interesse estético; ênfase na sociabilidade, na importância das experiências pessoais e nas atividades corporais; comunicação emocional; importância da reflexão compartilhada e tecnologicamente mediada; exposição da narração das ações na rede por meio de relatos fotográficos, videográficos e escritos (LASÉN; ALBÉNIZ, 2008).

Lasén e Albéniz (2008), que denominam estes fenômenos como “massas mediatizadas”, apontam que estas manifestações trazem dois desafios de decodificação para as teorias da ação coletiva. O primeiro deles é a cooptação conceitual existente, na qual a identidade e a tecnologia são instrumentalizadas nas análises. A identidade e a sociabilidade não são compreendidas por si só, são

codificados a partir do sistema político, seguindo uma tendência a compreender os movimentos sociais apenas a partir da relação com o Estado. O outro é a prevalência da ação sobre a comunicação, sendo esta última entendida enquanto meio para a primeira. Para os autores, as formas de ação que encontramos nos *flash mobs* e nos *smart mobs* não respondem a uma lógica instrumental, estas ações coletivas colocam em questão a relação entre a comunicação (dizer e falar), a identidade (ser) e a ação (fazer).

Pós-2010: as redes sociais digitais e a ação coletiva

A partir de 2011 um novo momento de lutas se abriu. Após a queda dos ditadores na Tunísia (dezembro de 2010) e no Egito (janeiro de 2011), revoltas contra regimes ditadores se espalharam pelo norte da África e pelo Oriente Médio. Em maio “Os Indignados” ocuparam as praças centrais de Barcelona e Madrid, na Espanha. Outras ocupações e revoltas surgiram na Grécia, em outros países da Europa e nos EUA (*Occupy Wall Street*). Em junho de 2013 foi a vez do Brasil, onde milhares de pessoas foram às ruas protestar contra o aumento das passagens de ônibus. Em todas estas mobilizações as NTICs, as redes sociais digitais, bem como outros espaços de comunicação na internet, tiveram papel importante. Embora cada uma destas lutas se dê em contextos e por motivos muito diferentes umas das outras, é possível estabelecer similitudes entre elas no que tange a forma de se fazer política – na qual destaca-se, dentre outras características – a utilização das NTICs.

Glasius e Players (2013), nesse sentido, indicam três aspectos em comuns entre no ativismo pós-2010: uma estrutura comum de rede e encontros que facilita a difusão; uma geração formada por um mesmo contexto de precarização do trabalho e de exposição (e participação) a um fluxo de informação global; e, uma articulação compartilhada de demandas e práticas. Além disto, os autores argumentam que três noções balizam as reivindicações e a identidade destes movimentos: a democracia, a justiça social e a dignidade.

No que tange a utilização das NTICs especificamente, as redes sociais virtuais despontaram como um elemento importante para compreender a dinâmica das manifestações – embora não possam ser encaradas como um fator radicalmente novo, como aponta o próprio histórico tecido até aqui. Um exemplo disto, foi o *15 O*, protesto global que ocorreu no dia 15 de outubro de

2011. Considerada uma das maiores manifestações globais, foi gestada durante as revoltas na Espanha, através da plataforma *¡Democracia Real YA!*⁸ e contou com o apoio do coletivo *Occupy Wall Street*⁹, sendo também difundida através do *Twitter*. É interessante notar que enquanto as mobilizações anticapitalistas eram convocadas através de listas de e-mails e coletivos previamente formados, além de contar com as estruturas de comunicação das ONGs, as lutas contemporâneas são gestadas de forma radicalmente mais descentralizada e por meio de ferramentas corporativas, como o *Facebook* e *Twitter*.

As tentativas de explicar as dinâmicas relacionadas a estes movimentos sociais ainda estão em curso, embora uma quantidade gigantesca de materiais descritivos sobre os acontecimentos já esteja disponível. De um ponto de vista mais geral, resalto aqui as análises de Castells (2012) que relaciona estes movimentos a noção de comunicação autônoma e a de Bennett e Segerberg (2012) que apontam para o nascimento de uma nova lógica de ação coletiva, diretamente relacionada à comunicação digital. Vejamos estas interpretações.

Castells (2012), em seu trabalho mais recente entende que a existência dos movimentos sociais contemporâneos está relacionada a sua capacidade de “comunicação autônoma”. A ideia está relacionada à noção de poder e contrapoder do autor – diretamente ligadas ao controle da comunicação. Os movimentos sociais exercem o contrapoder construindo a si mesmos mediante um processo de comunicação autônoma, livre do poder de controle institucional. Porém, como os meios de comunicação de massas estão controlados pelos governos e pelas corporações midiáticas, a rede de autonomia¹⁰ comunicativa é construída fundamentalmente nas redes de comunicação da internet e comunicação sem fio.

Por fim, Bennett e Segerberg (2012), considerando que a comunicação digital é parte proeminente das formas organizacionais contemporâneas, distinguem duas lógicas de ação coletiva (que convivem hoje): a “ação coletiva”, e a “ação conectiva”. A primeira está associada ao alto nível de organização de

⁸ Ver mais em: https://es.wikipedia.org/wiki/¡Democracia_Real_YA!

⁹ Ver mais em: https://es.wikipedia.org/wiki/Occupy_Wall_Street

¹⁰ A autonomia para Castells (2012) está relacionada a capacidade do sujeito em definir sua ação em relação a projetos a margem das instituições da sociedade, de acordo com interesses e valores dos atores sociais.

recursos e de identidade coletiva – e foi explorada pela Teoria da Mobilização de Recursos (TMR) e pelas Teorias dos Novos Movimentos Sociais (TNMS). A segunda, se estrutura a partir da comunicação personalizada e da mídia digital. Os autores argumentam que, nessa última, a organização das ações é formada através da “personalização das ideias e dos mecanismos” – mais do que nos casos em que a ação é organizada com base em grupos sociais de identidade, adesão ou ideologia. A “comunicação personalizada” está diretamente ligada às possibilidades de criação e compartilhamento dos temas e *frames* pessoais, proporcionadas pelas NTICs. Em outras palavras, a organização da ação se dá pelo processo de difusão interativo e viral dos *frames* individuais que ocorre por meio de apropriações pessoais, imitações e do compartilhamento social do conteúdo. Essa interpretação, embora aclare algumas dinâmicas visíveis no *ciberativismo*, desconsidera outros elementos, como as relações de poder, o papel da mídia hegemônica e do Estado e não dá o devido espaço para as dinâmicas que ocorrem fora do ambiente digital. Embora tenhamos mapeado aqui algumas abordagens sobre o momento e lutas contemporâneas, sua compreensão e caracterização está ainda limitada pela proximidade ao calor dos acontecimentos.

Sociologia dos movimentos sociais e ciberativismo

Alguns estudos vêm buscando fazer uma ponte entre o uso das NTICs e os movimentos sociais. Para Downing (2008) há, na primeira década do século XXI, uma explosão de abordagens que aproximam os estudos sobre os movimentos sociais e mídia. A argumentação de Downing (2008), em síntese, vai no sentido de que os estudos de mídia deveriam se abrir para temas abordados nos estudos sobre movimentos sociais e vice-versa. Alguns esforços têm sido realizados nesse sentido. Sem a pretensão de exaurir essas pontes, destacamos três temas que aparecem em algumas análises e apontam para essa intercessão (às vezes problemática) entre as duas abordagens: a difusão transnacional dos movimentos sociais, as mídias ativistas e a esfera pública interconectada¹¹.

Em relação as pesquisas sobre movimentos sociais transnacionais, Downing (2008) aponta para a pouca atenção dada para os processos midiáticos e tecnologias da comunicação - embora esses sejam parte das estruturas e interações

¹¹ Outras discussões poderiam ser apresentadas como, por exemplo, as interseções entre a Teoria da Mobilização Política e os estudos sobre internet, realizados por Prudêncio (2014).

das redes transacionais contemporâneas. A crítica do autor é bastante pertinente e nos permite enxergar inúmeras discontinuidades entre os estudos de ambas as áreas. Nas discussões sobre difusão de repertórios de ação coletiva¹², por exemplo, embora esteja-se tratando de um tema que pressupõe um processo de comunicação dialógico entre os atores, o papel das tecnologias da comunicação é apenas mencionado e a noção de comunicação tende a ser instrumentalizada. Para Tarrow (2010), a difusão transnacional de ações coletivas ocorre através de três processos: relacional, via redes de confiança; não relacional, via meios de comunicação e internet; e mediado, através de mediadores não inseridos diretamente no confronto político. Este modelo traz dois problemas: a noção de relacional restrita ao contato “cara a cara” e a classificação da internet como uma difusão não relacional e que não se distingue de outros meios de comunicação. Chabot (2010) faz várias críticas a este modelo e aponta que para entender como as complexas táticas e os repertórios viajam à longa distância, é necessário ir além dos processos de comunicação impessoais e analisar como as pessoas envolvem-se neste processo.

Chabot (2010) propõe assim uma abordagem dialógica da difusão transnacional entre os movimentos sociais baseada em quatro formas de comunicação: *processo de tomada de consciência*, quando os receptores em potencial começam a tomar contato com o repertório de outro país; *processo de tradução*, quando os transmissores e receptores dialogam sobre como deslocar o repertório para outro contexto; *processo de experimentação*, a partir de um investimento intelectual, os receptores vão experimentando os repertórios “importados” em pequenas escalas, readequando-os; *processo de aplicação no movimento*, os receptores integram os novos repertórios a uma grande variedade de atores. O modelo de Chabot (2010) certamente contribui ao inserir uma perspectiva dialógica no processo de difusão transnacional, porém, ainda não considera diretamente o impacto da comunicação mediada por tecnologias.

Outro tema de contato entre as discussões sobre o ciberativismo e a sociologia dos movimentos sociais são as mídias ativistas. Carroll e Hackett (2006) abordam essa relação, entendendo por mídia ativista uma práxis emergente

¹² A noção, de Charles Tilly, foi trabalhada em várias das suas obras e sofreu redefinições ao longo delas. Resumidamente, designa o conjunto limitado de formas de que os atores sociais dispõem em determinado momento para externar suas demandas – como, por exemplo, marchas, boicotes, petições e greves.

(CARROLL; HACKETT, 2006). A análise dos autores dá-se no mesmo sentido que Downing (2008), pois buscam ressaltar o que existe na tradição das Teorias dos Movimentos Sociais e foi extraído para a mídia democrática ativista e, em outro sentido, apontam questões da mídia ativista que trazem novas direções ou apontam cegueiras para as Teorias dos Movimentos Sociais.

Nesse sentido, estabelecem uma relação entre as mídias ativistas e os aspectos estratégicos dos movimentos sociais (esses últimos destacados pela Teoria da Mobilização de Recursos) - argumentando que essas mídias são um instrumento estratégico para os movimentos, ajudando-os a: influenciar o conteúdo e a prática da mídia de massa hegemônica; lutar por reformas midiáticas democratizantes através de pressão ao poder público; construir uma mídia independente, democrática e participativa; transformar a relação entre a mídia e a audiência, empoderando esta última. Devido a essas funções da mídia ativistas, para Carroll e Hackett (2006), a luta pela democratização da comunicação teria a função de reduzir os custos de ação¹³ para os movimentos de mídia ativistas e para outros movimentos não ligados à causa diretamente. É importante ponderar essa perspectiva com o fato de que a Teoria da Mobilização de Recursos percebe a comunicação de forma bastante instrumental, entendendo a mídia apenas como um campo a ser atravessado pelas organizações para divulgar mensagens (MAIA, 2009).

Outra conexão estabelecida pelos pesquisadores é o papel que a mídia ativista possui na construção da identidade coletiva dos movimentos sociais¹⁴, ao funcionarem como meio de interseção entre os grupos e as perspectivas de mundo:

Se os novos movimentos sociais são, de acordo com Melucci, distintos ao apresentar “desafios simbólicos” para os códigos organizados de sociedades complexas e ricas em informação, então a DMA [mídia democrática alternativa] está certamente localizada na vanguarda de tal práxis. Afinal, o midiativismo não contesta somente os “códigos” da comunicação, mas todo o complexo de relações e práticas sociais através das quais os

¹³ Para Tilly (1978) a ação coletiva é influenciada pela oportunidade de ação, isto é, podem existir elementos facilitadores da ação (que diminuem seu custo) e elementos repressores (que aumentam seu custo).

¹⁴ “Identidade coletiva é uma definição interativa e compartilhada, produzida por um número de indivíduos (ou grupos em um nível mais complexo), em relação à orientação de suas ações e ao campo de oportunidades e restrições no qual tais ações acontecem” (MELUCCI, 1996, p.70, tradução nossa).

códigos são produzidos e disseminados; e essa contestação se equipara à construção de alternativas democráticas. De acordo com esta leitura, a democratização da comunicação pareceria estar à frente dos movimentos políticos progressistas de nosso tempo (CARROLL; HACKETT, 2006, p. 95, tradução nossa).

Este papel de conexão política e interseção simbólica das mídias ativistas pode ser ilustrado pela forma como ocorrem as narrativas dos protestos políticos. Antoun (2001) aponta para a interconexão existente entre a produção da história dos protestos e os eventos ciberativistas, dado que essa história é construída concomitantemente a organização, coordenação e mobilização para as ações, a partir das conversações em rede. Alguns autores têm argumentado que as narrativas polifônicas dos mídia ativistas sobre os protestos afetam não apenas a grande mídia e o modelo de objetividade do jornalismo, mas criam outras possibilidades de diálogo, de produção da memória e possibilitaram a construção de um “sujeito-político-multidão” (TEIXEIRA¹⁵, 2014). Para além dos meios de comunicação utilizado pelos próprios ativistas, outros autores têm trabalhado o papel simbólico da grande mídia, uma vez que essa constitui um campo autônomo e influente na visibilidade dos outros campos sociais (PRUDÊNCIO, 2003).

Por fim, algumas atualizações da teoria habermasiana têm sido realizadas. Langman (2005) repensa o conceito de esfera pública do autor, adaptando-o para o contexto da comunicação mediada pelo computador. Para ele, os movimentos antiglobalização que despontaram no século XXI são atores sociais interconectados, pois utilizam as NTICs para discutirem e para recrutarem mais pessoas para as ações, constituindo-se assim a esfera pública interconectada. Para Carroll e Hackett (2006), Habermas aponta duas características dos públicos subalternos (os que emergem da esfera pública) e que podem ser estendidas aos ativistas midiáticos: funcionam como espaço de reagrupamento e como espaços de agitação para a formação de públicos mais amplos. No entanto, atualizações *habermasianas* têm sido mais frequente nas análises institucionais da política (OLIVEIRA, 2012; WEBER, 2006), que não abordam necessariamente os movimentos sociais.

¹⁵ A discussão sobre a multidão de Hardt e Negri não cabem aqui. Ver o livro *Multidão* dos autores e os debates que tem dialogado com ele.

Comunicação e movimentos sociais: em busca de diálogos

Esse trabalho, de forma exploratória, busca contribuir com uma compreensão do ciberativismo enquanto um fenômeno intrínseco aos movimentos sociais contemporâneos. Colocados alguns desafios para esse objetivo, realizamos três movimentos a fim de contribuir com o campo de estudos. Primeiro, trabalhamos a “novidade” do ciberativismo a partir das suas continuidades com movimentos sociais e culturais anteriores e do próprio histórico de luta pela internet livre e horizontal. Não quisemos com isso negar sua dimensão de inovação, mas sim apontar que o fenômeno possui um significado maior do que apenas a utilização de uma nova tecnologia da comunicação, pois está relacionado às transformações das práticas sociais como um todo. O segundo passo consistiu na exposição de alguns conceitos utilizados para compreensão do fenômeno e na tentativa de evidenciar o que está por trás dessas noções. Assim, enquanto na primeira seção trabalhamos as continuidades do ciberativismo, nessa segunda parte ressaltamos suas descontinuidades, ou seja, seus elementos de inovação. Chamamos a atenção para o fato de que essas noções são bastante descritivas dos fenômenos estudados empiricamente e apontamos a necessidade de uma reflexão mais ampla, que possibilite o diálogo entre diferentes abordagens. A terceira seção vem, nesse sentido, como um dos possíveis caminhos para essa tarefa. Mapeamos alguns diálogos, já tecidos, entre a sociologia dos movimentos sociais e os estudos em ciberativismo, demonstrando como alguns temas podem ser discutidos na interseção entre discussões mais específicas aos estudos dos movimentos sociais e outras mais atentas as dinâmicas comunicacionais contemporâneas.

O caminho aqui percorrido não nos possibilita tecer uma definição analítica de ciberativismo, mas nos permite apontar algumas pistas para buscar compreendê-lo enquanto um fenômeno mais abrangente na ação coletiva contemporânea e nas práticas dos movimentos sociais. Nesse sentido, a diversidade de exemplos de ciberativismo aqui mapeados podem ser olhados tanto pelas especificidades que representam, quanto pela generalidade que expressam em conjunto. A segunda opção parece mais frutífera para os objetivos desse trabalho, pois permite um espaço de diálogo entre as disciplinas e abordagens. Sugerimos assim que o ciberativismo pode ser compreendido como uma nova configuração comunicativa dos movimentos sociais – “marcada pela reestruturação das

práticas cotidianas de comunicação, por interações sociais mediadas pelas NTICs e pela conexão digital entre indivíduos, grupos e sociedade. Esse novo padrão comunicativo implica a geração de novas dinâmicas de confronto, temporalidades e espacialidades para a ação coletiva contemporânea, bem como de subjetividades políticas, como afirma Juris (2012)” (ALCÂNTARA, 2014).

Com essa formulação abrangente, mais do que oferecer um conceito analítico fechado, gostaríamos de sublinhar alguns elementos que nos parecem ser importantes para os estudos sobre ciberativismo e para uma abordagem mais geral sobre movimentos sociais e comunicação. O primeiro deles é o pressuposto de que a comunicação perpassa todas as dimensões da ação coletiva e de que os movimentos sociais sempre utilizaram outras tecnologias e formas de comunicação. Assim, a expressão “novo” (embora insuficiente) pretende ressaltar as diferentes configurações e dinâmicas produzidas a partir da utilização da internet e de outras novas tecnologias em rede para os contextos anteriores. Em outras palavras, essa formulação aponta que a comunicação pode ser um “mínimo denominador comum” para pensar as várias expressões do ciberativismo.

Essa noção exige uma compreensão abrangente de comunicação, que vá além da utilização de ferramentas comunicativas e problematize a comunicação a partir de outros elementos dos movimentos sociais. Nesse sentido, o resgate de eixos de discussão e ferramentas analíticas desenvolvidas pela sociologia dos movimentos sociais, como organização, difusão, repertório, identidade, *frame* pode ser um caminho frutífero para o desenvolvimento de marcos analíticos sobre o ciberativismo. Em resumo, o que esse trabalho sugere é a necessidade de tecermos diálogos mais efetivos entre os estudos de comunicação e os de movimentos sociais.

Referências

- AMARAL, Adriana; MONTARDO, Sandra P. *Mapeamento Temático da História da Ciberultura no Brasil*. 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-2241-1.pdf>> Acesso em: 16 jan. 2013.
- ANTOUN, Henrique. A Multidão e o Futuro da Democracia na Ciberultura, In FRANÇA, Vera; WEBER, Maria Helena; PAIVA, Raquel; SOVIK, Liv. *Livro do XI COMPÓS*. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- ANTOUN, Henrique; MALINI, Fábio, Ontologia da liberdade na rede: as multimídias e os dilemas da narrativa coletiva dos acontecimentos. In: *XIX Encontro da Compós*, Rio de Janeiro, RJ, 2010.
- ARAUJO, Willian F.; FREITAS, Ernani; C.; MONTARDO, Sandra. P. Ciberativismo como cultura de mobilização imanente à internet. In: PUHL, Paula Regina; SARAIVA, Juracy Assmann. (Org.). *Processos culturais e suas manifestações*. 1 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2012, v. 1, p. 163-190.
- ARAÚJO, Willian F. Ciberativismo: levantamento do estado da arte na pesquisa no Brasil. In: *V Simpósio Nacional ABCiber*. Santa Catarina, 2011.
- ARAÚJO, Willian F. Quanto custa mudar o mundo? Análise da dimensão discursiva do ciberativismo na WikiLeaks. *Revista Fronteiras: estudos midiáticos*. 2012, p. 110-120.
- ARQUILLA, John; RONSFELD, David. *Swarming and the Future of Conflict*. USA: Rand Corporation, Office of the Secretary of Defense, 2000.
- ARQUILLA, John; RONSFELD, David. *The Advent of Netwar*, Santa Monica, Calif.: RAND, MR-789-OSD, 1996.
- ASSIS, Érico Gonçalves de. *Táticas lúdico-midiáticas no ativismo político contemporâneo*. 2006. 274p. Dissertação de mestrado. São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).
- BENNETT, Lance; SEGERBERG, Alexandra. *The logic of connective action. Digital media and the personalization of contentious politics*. Information, communication e society, vol. 15, n 5, june 2012, pp. 739-768.
- BRINGEL, Breno; MUÑOZ, Enara Echart. Dez anos de Seattle, o movimento antiglobalização e a ação coletiva transnacional. *Ciências Sociais Unisinos*, 2010, p. 28-36.
- CARROLL, William K.; HACKETT, Robert A. Democratic media activism through the lens of social movement theory. *Media, Culture & Society*. 2006, p. 83-104.
- CASTELLS, Manuel. Redes de Indignación y esperanza. *Los movimientos sociales en la era de internet*. Madrid: Alianza Editorial, 2012.

CHABOT; Sean. Dialogue Matters: beyond the transmission model of transnational Diffusion between social movements. In.: GIVAN, Rebecca Kolins; ROBERTS, Kenneth M.; SOULE; Sarah A. *The diffusion of social movements: actors, mechanisms, and political effects*. Cambridge University Press, 2010.

DOWNING, John. Social Movement Theories and Alternative Media: an Evaluation and Critique. *Communication, Culture & Critique*, 2008, p. 40-50.

FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de. Vamos ao baile: gingas da comunicação e da participação no Zapatismo. *Lua Nova*, n. 72, p. 47-82, 2007.

GARRETT, Kelly et al. Protest in an Information Society: A Review of Literature on Social Movements and New ICTs. In: *Information, Communication and Society*, 9(2), p. 202-224. 2011.

GLASIUS, Marlies; PLEYERS, Geoffrey. The global moment of 2011: democracy, social justice and dignity. *Development and Change*, 2013, n.44, pp 547-567.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Multidão: Guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

JURIS, Jeffrey S. The New Digital Media and Activist Networking within Anti-Corporate Globalization Movements. *AAPSS*, 597, 2005, p. 189 – 208.

LANGMAN, Lauren. From virtual public spheres to global justice: a critical theory of internetworked social movements. *Sociological Theory*, Vol. 23, Issue 1, 2005, p. 42–74, .

LASÉN, Amparo; ALBÉNIZ, Iñaki Martínez de. Movimientos, “mobidas” y móviles, um análisis de las masas mediatizadas. In: SÁDABA, Igor; GORDO, Ángel (Orgs). *Cultura digital y movimientos sociales*. Madrid: Catarata, 2008.

LEMONS, André. Ciber-Cultura-Remix. In *Seminário de “Sentidos e processos”*, dentro da mostra de Cinético Digital. 2005. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/remix.pdf>. Acesso 8 mai. 2014.

LIEVROUW. Leah A. *Alternative and activist new media*. Polity Press, 2011.

MAIA, R. C. M. Atores da sociedade civil e ação coletiva: relações com a comunicação de massa. *Lua Nova*, n. 76, p. 87–118, 2009.

MELUCCI, Aberto. *Challenging Codes: Collective Action in the Information Age*. New York: Cambridge University Press, 1996.

NEGRI, Antonio. e HARDT, Michael. *Declaration*. New York: Argo-Navis. 2012.

OLIVEIRA, A. G. DE. Limites de visibilidade e participação na esfera pública (virtual): a experiência da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial no Governo Dilma Rousseff. In: 36o ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. Águas de Lindóia, 2012.

- PEREIRA, Marcus Abílio. Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital. In: *IV Encontro de Compólitica*. 2011.
- PRUDÊNCIO, K. Micromobilizações, alinhamento de quadros e comunicação política. *Compólitica*, v. 2, n. 4, p. 88–110, 2014.
- PRUDENCIO, Kelly. Mídia e movimentos sociais contemporâneos. A luta do sujeito pela construção do significado. *Comunicação & política*, v. X, n. 3, p. 95-149, 2003.
- RHEINGOLD, Howard. *Multitudes inteligentes*. La próxima revolución social. Barcelona: Gedisa, 2004.
- RONFELDT David; ARQUILLA, John. Emergence and influence of the Zapatista: social netwar. In: *Networks and Netwars: The Future of Terror, Crime, and Militancy*. Rand Corporation, 2001, p. 171 -199.
- ROVIRA, Guiomar. La Gestación de uma red transnacional de solidariedad com Chiapas. In: ROVIRA, Guiomar. *Zapatistas sin Frontera*. Las redes de solidariedad con Chiapas y el altermundismo. Era, 2009. México.
- SCHERER-WARREN, Ilse. Redes sociales y de movimientos en la sociedad de la información. *Nueva Sociedad*, 196, marzo-abril 2005, p. 77-92.
- SCHERER-WARREN, Ilse; KRISCHKE, Paulo (Orgs.). Uma revolução do cotidiano? *Os novos movimentos sociais na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SILVEIRA, Sergio Amadeu da. Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo. *Revista USP*, São Paulo, v.1, 2010, p. 28-39.
- TARROW, Sidney. *Difusão e Modularidade*. In: TARROW, Sidney. El Nuevo activismo transnacional. Barcelona: d'Editorial Hacer, 2010.
- TEIXEIRA, A. C. E. M. Sobre mídia e ninjas: as Jornadas de Junho e a (des) construção de um novo sujeito político. In: *38o ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*. Caxambu - MG, 2014.
- TILLY, Charles. *From Mobilization to Revolution*. Reading, MA: Addison-Wesley, 1978.
- UGARTE, David de. *O poder das redes*. Manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas chamadas a praticar o ciberativismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. 116 p.
- VALENTIM, Júlio. *Emergência e controle nas cidades cibernéticas*: as smart mobs e o futuro dos ambientes urbanos. In: LEMOS, André. Ciberurbe: A cidade na sociedade da informação. Rio de Janeiro: Editora E-papers. 2005, p. 223 -248.

WEBER, M. H. Visibilidade e credibilidade: tensões da comunicação política. In: MAIA, R.; CASTRO, M. C. P. S. (Eds.). *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

WOLFSON, Todd. From the Zapatistas to Indymedia: Dialectics and Orthodoxy in Contemporary Social Movements. *Communication, Culture & Critique* 5 (2012) p. 149–170.

WRAY, Stefan. *Electronic Civil Disobedience and the World Wide Web of Hactivism: a mapping of extraparliamentarian direct action net politics*, 1998. Disponível em: <<http://switch.sjsu.edu/web/v4n2/stefan>>. Acesso 04 jan. 2013.

Discurso do medo e ódio político na disputa eleitoral brasileira de 2014

Vanderlei de Castro Ezequiel¹

Resumo: O objetivo deste trabalho foi analisar a presença do discurso do medo na mídia durante a disputa eleitoral brasileira em 2014. Foram selecionadas sequências discursivas de texto publicado no blog de um colunista da revista Veja, e analisado o discurso do medo presente no texto. Em seguida, analisou-se o discurso do ódio presente nos comentários dos leitores postados no blog. A principal orientação teórico-metodológica é a Análise de Discurso (Charaudeau). O estudo sobre o medo e o ódio é apoiado, principalmente, nos autores Delumeau e Mira y López. As relações entre mídia, eleição e medo são abordadas a partir de Vera Chaia. As teses da Sociedade do Espetáculo (Debord) conduzem a análise crítica do discurso político presente no corpus. Concluiu-se que, o discurso do medo presente no texto analisado possui íntima ligação com as manifestações de ódio político postadas no blog. Nesse sentido, radicaliza-se, espetacularizando o debate político eleitoral.

98

Palavras-chaves: Discurso Político. Mídia. Medo. Ódio. Espetacularização.

¹ Mestre pela Faculdade Cásper Líbero (SP).

Abstract: The objective of this study was to analyze the fear speech media presence during the Brazilian electoral contest in 2014. Discursive sequences were selected text published on the blog of a columnist of *Veja* magazine, and analyzed the discourse of fear present in the text. Then analyzed the speech of hatred in this readers' comments posted on the blog. The main theoretical and methodological orientation is the Discourse Analysis (Charaudeau). The study of fear and hatred is supported mainly on the authors Delumeau and Mira y Lopez. Relations between media, election and fear are addressed from Vera Chaia. The theses of the Show Society (Debord) lead to critical analysis of political discourse in this corpus. It was concluded that the discourse of fear present in the analyzed text has close ties to the political expressions of hatred posted on the blog. In this sense, it radicalized, spectacularizing the electoral political debate.

99

Keywords: Political Discourse. Media. Fear. Hate. Spectacularization.

Introdução

Em períodos de intensa disputa política – como as campanhas eleitorais –, em que o ambiente social exhibe o acirramento de posições ideológicas, faz-se necessária a investigação científica – objetiva e sistemática – da natureza humana e sua apropriação pelo discurso político. Dentre as emoções primárias estimuladas durante as campanhas eleitorais estão o medo e o ódio.

Especializada modalidade de o organismo reelaborar as informações e enfrentar a realidade, como afirma a psicóloga Maria Rita Ciceri, o medo é “Um autêntico ‘sistema defensivo’, que medeia nossa ação sobre o mundo, tornando-a mais segura e eficaz” (2004, p. 8). Para a psicanalista Maria Rita Kehl, o medo é um sentimento vital que protege o indivíduo dos riscos da morte, “O medo pode ser provocado pela percepção de nossa insignificância perante o universo, da fugacidade da vida, das vastas zonas sombrias do desconhecido” (2007, p. 89). O medo, segundo a filósofa Marilena Chauí (2009), é uma paixão humana que, articulada a outras paixões, forma um “sistema do medo” que determina a maneira de sentir e de pensar de todos que a ele são submetidos. Já o sociólogo Zygmunt Bauman afirma que “O medo é um sentimento conhecido de toda criatura viva” (2006, p. 9). Enquanto Adauto Novaes, jornalista, descreve o medo como “um sentimento negativo *presente* causado pela ideia de um sentimento negativo *futuro* ou *potencial*” (2007, p. 20). Assim, o medo conteria algo de incerto, um desconforto em relação ao que pode vir a causar sofrimento.

Em todas as suas dimensões, o medo exerce um papel essencial na diversidade de jogos relacionais que caracterizam nossas trocas cotidianas. Para administrar essa complexa rede de interações, nas quais o *outro* pode assumir o papel de invasor, de perturbador, predador, o indivíduo necessita recorrer a autênticas estratégias de criatividade cognitiva, inventando formas socialmente aceitáveis de defesa e autoproteção.

Tão ancestral quanto o medo, a Ira é uma paixão humana capaz de subjugar o indivíduo, determinando sua maneira de sentir e de reagir aos estímulos externos, reais ou não. A Ira tem um caráter impulsional e manifesta-se pela ação ofensiva-destrutiva, buscando a anulação do objeto que a excita.

Não raro, a estratégia de atacar a imagem de adversários políticos, utilizando o discurso do medo acaba incentivando manifestações de intolerância e ódio. Nesse sentido, a mídia possui responsabilidade nada desprezível na

construção de narrativas que “explicam” os fatos da campanha eleitoral e, portanto, na elaboração de percepções e consensos sobre a política brasileira.

O objetivo deste trabalho é analisar a participação da mídia no debate político eleitoral brasileiro. Especificamente, este trabalho pretende expor a participação ativa da mídia na divulgação do discurso do medo, e sua íntima ligação com as manifestações de ódio durante as eleições de 2014. Serão selecionadas sequências discursivas – extraídas de texto publicado no blog de um colunista da revista *Veja* – contendo o discurso do medo. Em seguida, será realizada análise do discurso do ódio presente nos comentários dos leitores postados no blog.

A principal orientação teórico-metodológica deste trabalho é a Análise de Discurso de linha francesa, entendendo o discurso político (Charaudeau) como enunciação de uma época, ou seja, um conjunto de enunciados, ou sequências discursivas, que permite identificar os ditos – modos de ver e dizer – em um dado contexto sócio-histórico. O estudo sobre o medo e o ódio será apoiado, principalmente, nos autores Delumeau e Mira y López. As relações entre mídia, eleição e discurso do medo serão abordadas a partir de Vera Chaia. As teses da Sociedade do Espetáculo (Debord) conduzem a análise crítica do discurso político presente no *corpus*.

Análise de discurso

Parte-se do princípio, como afirma Eni Puccinelli Orlandi, que a Análise de Discurso (doravante AD) tem como propósito “a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos”. Essa compreensão, ainda segundo a autora, “implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura” (2010, p. 26-27). Para Orlandi, os dizeres não são apenas mensagens passíveis de decodificação, mas efeitos de sentidos produzidos em condições determinadas, e que deixa vestígios no modo como se diz,

São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele (2010, p. 30).

A constituição dos sentidos e dos sujeitos se dá em processos, onde coexistem os jogos simbólicos – o que não temos o controle – e o equívoco, por meio do trabalho da ideologia e do inconsciente. Dessa maneira, pode-se afirmar que as visões de mundo se materializam na linguagem em suas diferentes manifestações: a verbal, a visual, a gestual, etc. A maneira de pensar o mundo, numa dada época, subordina-se aos temas e figuras estabelecidos por essas visões de mundo. Assim, a maior parte dos discursos² produzidos numa formação social³ concreta repete esses temas e figuras. Com relação à formação discursiva⁴, Fiorin afirma que,

Temos, então, que considerar a formação ideológica como uma visão de mundo, ou seja, o ponto de vista de uma classe presente numa determinada formação social, e a formação discursiva como o conjunto de temas e figuras que materializam uma dada formação ideológica. (1988, p. 14).

Entende-se que o texto é também um lugar de manipulação consciente, onde o sujeito falante organiza recursos de expressão para veicular, da melhor maneira possível, determinados discursos. O sujeito de uma dada formação social tem na formação discursiva a matéria-prima para elaborar seus discursos. No geral, ele reproduz em seus discursos as figuras e os temas presentes nos discursos dominantes de uma dada época, num determinado espaço geográfico. Entende-se, então, que “O enunciador real sempre vocaliza as formações ideológicas existentes na formação social em que vive” (FIORIN, 1988, p. 16).

Embora seja depositário de várias Formações Discursivas (FD) presentes numa formação social concreta – dividida em classes sociais distintas – o enunciador, sendo um ser social, geralmente é suporte apenas da formação

² Discurso: é o efeito de sentido construído no processo de interlocução (opõe-se à concepção de língua como mera transmissão de informação) (Brandão, 2004, p. 106).

³ Formação social: caracteriza-se por um estado determinado de relações entre classes que compõem uma comunidade em um determinado momento de sua história. Estas relações estão assentadas em práticas exigidas pelo modo de produção que domina a formação social. A essas relações correspondem posições políticas e ideológicas que mantêm entre si laços de aliança, de antagonismo ou de dominação (Brandão, 2004, p. 107).

⁴ Formação discursiva: conjunto de enunciados marcados pelas mesmas regularidades, pelas mesmas “regras de formação”. A formação discursiva se define pela sua relação com a formação ideológica, isto é, os textos que fazem parte de uma formação discursiva remetem a uma mesma formação ideológica. A formação discursiva determina “o que pode e deve ser dito” a partir de um lugar social historicamente determinado. Um mesmo texto pode aparecer em formações discursivas diferentes, acarretando, com isso, variações de sentido (Brandão, 2004, p. 106-107).

discursiva dominante, que materializa a formação ideológica⁵ dominante. Não interessa à AD, dessa forma, saber se o enunciador real está ocultando ou revelando, com o discurso, sua posição de classe, pois a análise do discurso não é investigação policial. O foco de interesse da análise é pela ideologia que o enunciador, inscrito no interior do discurso, transmite.

Por mais inocente que possa parecer qualquer enunciado pode ter um sentido político. De qualquer maneira, como ato de comunicação, o discurso político está mais relacionado aos atores que participam da cena política. Verdadeiro campo de batalha em que se trava uma guerra simbólica, a política visa estabelecer relações de dominação ou pactos de convenção. O discurso político objetiva, assim, influenciar as opiniões a fim de obter adesões às propostas que defende, ou rejeições aos projetos adversários.

O discurso político não esgota, de forma alguma, todo o conceito político, mas não há política sem discurso. Este é constitutivo daquela. A linguagem é o que motiva a ação, a orienta e lhe dá sentido. A política depende da ação e se inscreve constitutivamente nas relações de influência social, e a linguagem, em virtude do fenômeno de circulação dos discursos, é o que permite que se constituam espaços de discussão, de persuasão e de sedução nos quais se elaboram o pensamento e a ação políticos. A ação política e o discurso político estão indissociavelmente ligados, o que justifica pelo mesmo raciocínio o estudo político pelo discurso (CHARADEAU, 2011, p. 39).

Importante lembrar que o discurso não é o lugar da liberdade e da criação. Dessa forma, as formações discursivas determinam o que o indivíduo fala. Evidentemente, existe a possibilidade de o sujeito constituir discursos críticos – diferentes dos discursos dominantes –, visto que o discurso crítico não surge do nada, antes, já está previsto numa formação social.

⁵ Formação ideológica: é constituída por um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais, nem universais, mas dizem respeito, mais ou menos diretamente, às posições de classe em conflito umas com as outras (Harouche et al). Cada formação ideológica pode compreender várias formações discursivas interligadas (Brandão, 204, p. 107).

Gigante negro: origem e manifestação do medo

De acordo com o psiquiatra Emilio Mira y López, existem três emoções primárias, “nas quais se encontra toda a gama de reflexos e reflexos de fuga, agressão e fusão possessiva” (1996, p. 6). Essas emoções são conhecidas como Medo, Ira e Afeto (ou Amor) ou, como se refere metaforicamente o autor, respectivamente: gigante negro, gigante rubro e gigante rosa.

No estado primitivo, o homem “selvagem” – Homo Natura – move-se principalmente por impulsos de preservação e de expansão do seu ser. São complexos dispositivos defensivo-ofensivos e também de procriação, reconhecidos como instintos de conservação e de reprodução, revelando-se “primeiro sob a forma de leves ‘desejos’, depois, de claras ‘ânsias’ e, mais tarde, se não são a tempo satisfeitos, de imperiosas e incontidas ‘necessidades’ de fuga, de ataque ou de posse” (MIRA Y LÓPEZ, 1996, p. 5).

O medo representa uma emoção extraordinariamente complexa, pois acha-se integrado pela combinação de vários processos que foram surgindo ao longo da evolução biológica. Pode ser definido como um estado, não da mente, mas do sistema neuroendócrino, constituindo uma raiz biológica primitiva do fenômeno emocional,

Por isso, em qualquer protozoário podemos surpreender a inatividade (cessação de atividades) em resposta ao impacto excitante, em um vertebrado já somos capazes de notar essa mesma inatividade em previsão do possível ou provável dano. E isto – acuse-se ou não em forma subjetiva – é propriamente o Medo (MIRA Y LÓPEZ, 1996, p. 10-11).

Para Mira y López, o surgimento do gigante negro confunde-se com a própria origem da vida. A evolução biológica preparou o sistema nervoso humano para que a ocorrência de um forte medo preceda qualquer outra emoção na mente e no corpo. Maria Rita Ciceri confirma: “O medo é nossa emoção mais antiga” (2004, p. 11-12).

Inerente à natureza humana, constituindo-se numa defesa essencial contra os perigos, o medo é indispensável reflexo que auxilia ao organismo escapar provisoriamente à morte: sem ele, nenhuma espécie teria sobrevivido. Para Delumeau, o termo medo, no sentido estrito (individual):

[...] é uma emoção-choque, frequentemente precedida de surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e

urgente que ameaça, cremos nós, nossa conservação. Colocado em estado de alerta, o hipotálamo reage mediante mobilização global do organismo, que desencadeia diversos tipos de comportamentos somáticos e provoca sobretudo modificações endócrinas (2009, p. 30).

Dessa forma, compartilhamos com os animais o chamado “medo original”, o medo da morte. Um medo inato, endêmico, graças ao instinto de sobrevivência programado em todas espécies no curso da evolução. Delumeau entende que o medo da morte é o medo fundamental: “Todos os medos contêm, em graus diferentes, essa apreensão fundamental; e, portanto, o medo não desaparecerá da condição humana ao longo de nossa peregrinação terrestre” (2007, p. 41). Entretanto, somente os seres humanos, afirma Bauman, convivem com a consciência da inevitabilidade da morte: “e assim também enfrentamos a apavorante tarefa de sobreviver à aquisição desse conhecimento – a tarefa de viver com o pavor da inevitabilidade da morte e apesar dele” (2006, p. 10). Maria Rita Kehl complementa:

O homem pode localizar as razões de seu medo pelo uso da linguagem: o acesso ao simbólico torna a morte pensável (embora nunca totalmente simbolizável). O medo, entre os humanos, pode resultar de uma operação simbólica (2007, p. 93).

Dentre os estímulos, objetos ou “agentes” do medo existem aqueles fatores motivantes que, por seu caráter de máxima difusão em grandes círculos culturais e sua persistência através do tempo devem ser considerados como principais estímulos fobígenos, Mira y López (1996) destaca: os cataclismos naturais; a dor; os sofrimentos morais; a morte; as enfermidades; a solidão; a vida; os instintos; a guerra; a revolução, sendo esta última mais temível que a guerra, pois nesta sabemos onde está o inimigo, enquanto na revolução ninguém pode prever de onde partirá o golpe: do vizinho, do amigo, do irmão.

Existem também os estímulos que causam medo e surgem com a interação social, resultante da evolução humana. No convívio em sociedade surge a necessidade de estar-se preparado para enfrentar os sustos perante qualquer estímulo intenso ou novo, oriundo da interação social.

Além do “medo original”, o medo da morte natural a todas as espécies, o ser humano conhece ainda o chamado “medo secundário”. Constituído social e culturalmente, esse medo “derivado” orienta o comportamento humano,

reformando sua percepção do mundo e as expectativas que orientam suas escolhas comportamentais, mesmo na ausência de uma ameaça imediatamente presente. Bauman considera o medo secundário como um “rastros” de uma experiência de enfrentamento de ameaça real, direta, vivida pelo indivíduo, “um resquício que sobrevive ao encontro e se torna um fator importante na modelagem da conduta humana mesmo que não haja mais uma ameaça direta à vida ou à integridade” (2006, p. 9). Essa estrutura mental pode ser melhor descrita como um sentimento de ser suscetível ao perigo, uma sensação de insegurança, reação aos “perigos” que nos rodeiam e que podem se concretizar sem aviso prévio. Também a sensação de vulnerabilidade atormenta o indivíduo, consciente da necessidade de fuga/defesa, caso o perigo se concretize, sendo esse tormento mais dependente da maior ou menor confiança nos recursos próprios de defesa às possíveis ameaças. Nesse sentido, Bauman entende que,

Uma pessoa que tenha interiorizado uma visão de mundo que inclua a insegurança e a vulnerabilidade recorrerá rotineiramente, mesmo na ausência de ameaça genuína, às reações adequadas a um encontro imediato com o perigo; o “medo derivado” adquire a capacidade da autopropulsão (2006, p. 9).

Pode-se afirmar que, a variedade moderna de insegurança é marcada, principalmente, pelo medo da maleficência humana e dos malfeitores humanos. A suspeita de motivos malévolos da parte de determinados indivíduos – ou mesmo grupos ou categorias específicos – desencadeiam a insegurança moderna. Esta é alimentada, frequentemente, também pela recusa em confiar na fidelidade, constância e dedicação do *outro*, “uma recusa que é quase inevitavelmente seguida de nossa indisposição em construir uma camaradagem sólida, durável e portanto confiável” (BAUMAN, 2006, p. 171). Assim, o medo é capaz de impulsionar-se e intensificar-se por si mesmo, adquirindo uma lógica de desenvolvimento própria, dispensando, em muitos casos, estímulos adicionais para crescer e difundir-se: “O medo nos estimula a assumir uma ação defensiva, e isso confere proximidade, tangibilidade e credibilidade às ameaças, genuínas ou supostas, de que ele presumivelmente emana” (Bauman, 2006, p. 173). Na atualidade há um “desacoplamento” entre as ações de defesa inspiradas pelo medo e os temores existenciais que causaram esse medo, neste sentido, ocorre

[...] o deslocamento dos medos, das brechas e fissuras das defesas humanas em que o “destino” é produzido e incubado para áreas da vida amplamente irrelevantes em relação à verdadeira fonte de ansiedade, mas em vez disso – consoladoramente – visíveis e alcançáveis (BAUMAN, 2006, p. 174).

Dessa forma, evidentemente, não importa a quantidade de esforço investida nas áreas para as quais o medo foi deslocado, pois isto não neutralizará ou bloqueará as verdadeiras fontes do medo, tornando a ação impotente para diminuir a ansiedade original.

Gigante Rubro: o ódio

Assim como o Medo é o resíduo e a antecipação da morte, segundo Mira y López, “a Ira é a expressão do protesto vital contra aquele, já que pretende expulsar o mal-estar letal, descarregando-o para o exterior” (1996, p. 73), e complementa o autor: “não se pode sentir a Ira, sem antes haver sentido Medo” (MIRA Y LÓPEZ, 1996, p. 76). Assim, proveniente diretamente do medo, o gigante rubro tem sempre algo do gigante negro em sua origem:

Quando esse enxerto é mínimo, a Ira se nos apresenta em sua mais pura e intensa manifestação: em forma de raiva ou fúria. Quando é máximo, interioriza-se e o Ser adquire a mortal palidez do rancor. Como forma intermediária, achamos a Cólera biliosa, na qual tanto valem o desgosto como o medo rancoroso (MIRA Y LÓPEZ, 1996, p. 78).

A agressividade surge no animal como nova forma de comportamento, na qual a irritabilidade manifesta-se sem causa aparente, “equivale ao que poderíamos denominar conduta imperialista ou invasora do animal em sua periferia ou espaço vital e que, em psicologia, se designa com o qualitativo de agressividade” (MIRA Y LÓPEZ, 1996, p. 74). Já o ser humano possui um traço que o diferencia dos demais animais: querer ser cada vez mais, poder mais. E por ambicionar demais, aspirar demais, o homem torna-se vítima de maiores temores e medos que os demais animais.

Dentre os diversos graus de intensidade da Ira, a “exaltação” é sua forma mais leve de apresentação, e consiste em um suave sentimento que nos prepara para a consecução de nossos objetivos. No segundo grau, surge a fase do “protesto interior”. A intensidade colérica manifesta-se como um sentimento de ofensa, “outras vezes, quando se trata de condutas sociais,

sentimo-nos ‘estranhos’ ou ‘surpreendidos’ por não encontrar o eco, a ajuda ou a compreensão esperada” (MIRA Y LÓPES, 1996, p. 82). No terceiro grau, o protesto interno torna-se “rebelião”, sendo esta o primeiro passo para a conduta ofensiva, marca característica da Ira. O indivíduo sente-se ofendido, mas não se apercebe como ofensor. No quarto grau, a “Ira desenfreada”, que não se detém senão após descarregar uma reação mais violenta e nociva que o motivo do aborrecimento: “necessitamos dar golpes, e, quando não podemos dirigir contra o objeto da Ira, derivamo-los para lugares neutros ou desfechamos no ar, em gestos violentos” (MIRA Y LÓPES, 1996, p. 83). No quinto grau, a “raiva” se apodera por completo da direção da conduta individual. Sob os efeitos da raiva, o indivíduo “não sabe o que faz”, torna-se “expectador dos seus próprios atos, que são impulsionados por forças surgidas inopinadamente de seu interior e que o podem levar até o assassinato” (MIRA Y LÓPES, 1996, p. 83). No sexto e último grau de intensidade da Ira, a “fúria”. O indivíduo perde o controle de seus atos, e também de sua consciência: “é apenas um autômato, uma espécie de projétil humano, capaz de qualquer dilata, atacando não só os possíveis objetos determinantes de sua Ira, como a objetos neutros e a si próprio” (MIRA Y LÓPES, 1996, p. 83).

Para Mira y López, “Nossa civilização, teoricamente, ainda é hostil à Ira, ainda quando, implicitamente, a elogie em determinadas circunstâncias” (1996, p. 84). Normalmente, pessoas ditas “educadas” procuram reprimir manifestações diretas de ira, possibilitando, assim, que esta se manifeste por meio de camuflagens (ou manhas), adotando disfarces diversos. Alguns desses disfarces são bastante conhecidos, enquanto outros são mais perigosos por serem ainda desconhecidos. As formas de camuflagem da Ira são: impulso reivindicativo, crítica, ironia, humorismo, soberba.

O disfarce preferido, e também o mais utilizado para manifestação da Ira é o “impulso reivindicativo”. De maneira geral, pode-se afirmar que o sentimento colérico se disfarça em atitude justiceira: “nossa conduta tende a ‘resolver’ a situação, ‘desfazer o agravo’, ‘revidar a ofensa’, ‘reivindicar nosso direito’” (1996, p. 85). Assim, o impulso agressivo-destruidor utiliza qualquer alteração aparente da conduta alheia para manifestar-se, disfarçando seus atos de agressão sob o pretexto de defender a “justiça”.

A “crítica” é outra camuflagem da Ira. Embora não seja possível afirmar que toda crítica contenha, em germe ou em desenvolvimento, um ato de ira, ao realizar uma crítica, o indivíduo está fazendo uma afirmação decisiva, com pretensões de inapelabilidade. Deduz-se que o crítico assume o papel de juiz, ou seja, aquele que decide sobre algo, ou alguém: “a atitude de crítica sistemática não é somente uma atitude iracunda, apenas dissimulada, mas, antes de tudo, uma atitude tânica, ou seja, uma atitude pré-mortal” (1996, p. 88).

A Ira também se camufla através da “ironia”. O irônico concretiza seus impulsos tânicos de maneira covarde, ocultando a ofensa direta: “Esta covardia é o que explica que a ironia se exerça também, especialmente, na ausência do objeto ou servindo-se de objetos abstratos, quer dizer, que não podem replicar fisicamente” (1996, p. 88-89).

Ao se camuflar de “humorista”, o indivíduo ataca aquilo que odeia, e não o que estima. Faz graça por ira e, também, por impotência. O humorista se lança contra tudo que é sério, respeitável ou temível, buscando ridicularizá-los até provocar o riso.

Outra camuflagem da Ira, a “soberba” às vezes é confundida com o orgulho. O soberbo despreza quem o contempla, e com seus gestos altaneiros, porte provocativo e atitude depreciativa manifesta constante agressão prévia ao outro e ao ambiente. Supõe-se vulnerável e rodeado de invejosos, que existem somente na sua imaginação.

Medo e ódio no blog do colunista da revista Veja

Em 22 de outubro de 2014 (às 13h45min h), foi publicado no blog “Rodrigo Constantino – Análises de um liberal sem medo da polêmica” da revista Veja⁶ o texto intitulado: “Em ao menos um aspecto o PT já conseguiu nos transformar na Venezuela”. O texto possui 1.069 palavras num total de 6.314 caracteres (com espaços) distribuídos em 16 parágrafos, e é assinado pelo economista e colunista da revista, Rodrigo Constantino.

O texto traz uma imagem⁷ exibindo o desenho de um braço vermelho

⁶ Disponível no site da revista: <<http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/corruptao/em-ao-menos-um-aspecto-o-pt-ja-conseguiu-nos-transformar-na-venezuela/>>

⁷ A imagem situa-se logo abaixo do título do texto – tamanho: 5,92 centímetros de largura por 5,94 centímetros de altura – e pode ser acessada em: <<http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/files/2014/10/Brasil-x-Comunismo.jpg>>

com uma estrela – logomarca do Partido dos Trabalhadores (PT) – tatuada no dorso da mão, empunhando um punhal, e outro braço, verde, adornado com a bandeira do Brasil no pulso, segurando firmemente o braço vermelho. A leitura da imagem remete ao campo simbólico e permite uma interpretação direta: o braço comunista-petista pronta para desferir um golpe de punhal sendo contido pelo braço “brasileiro”. A emoção primária estimulada por esta imagem: o medo da morte violenta.

Nos primeiros parágrafos, Constantino refere-se à Venezuela, Argentina e Brasil, como países que estão trilhando um caminho rumo ao bolivarianismo. Tanto Venezuela como Argentina, continua, apresentam elevados índices de inflação anual, bem superiores ao índice apresentado pelo Brasil, porém, afirma: “Se o PT tiver mais quatro anos no poder, podem ficar tranquilos que ele chegará lá”. Com relação ao controle da imprensa, afirma que os vizinhos estão em “estágio mais avançado” que o Brasil, sendo que a Venezuela “já é quase uma Cuba”, pois “não há mais liberdade alguma, jornais foram fechados, jornalistas foram perseguidos, e políticos de oposição foram presos”. Se ainda não estamos como nossos vizinhos “camaradas” – Ira camuflada de humorismo –, aqui o colunista justifica o título do texto: “ao menos um aspecto o PT já conseguiu nos transformar na Venezuela: somos, hoje, um país dividido ao meio, completamente segregado, com um clima de antagonismo” e ironiza, utilizando frase constantemente empregada pelo ex-presidente Lula: “nunca antes visto na história deste país” – Ira camuflada de ironia.

Na sequência, Constantino se refere à disputa eleitoral, não escondendo sua preferência política. Utiliza uma frase atribuída ao ministro Paulo Bernardo, na qual este solicita um “discurso de conciliação” ao vencedor do pleito, para atacar o PT e “a estratégia abjeta do marqueteiro João Santana” – Ira camuflada de crítica. Ataca também o Instituto de Pesquisa Datafolha, que divulgou pesquisa apontando que, para os eleitores, Aécio Neves estava sendo mais agressivo do que Dilma Rousseff no segundo turno⁸. Os jornalistas são acusados

⁸ Constantino refere-se à pesquisa do Instituto de Pesquisa Datafolha divulgada no mesmo dia em que “postou” seu texto no blog. De acordo com levantamento feito pelo Instituto de Pesquisa Datafolha, a maioria dos eleitores (71%) rejeita a agressividade na campanha eleitoral, enquanto 27% avaliam que a agressividade faz parte da disputa e é natural. Entre os mais jovens, o percentual dos que acreditam que a postura agressiva em campanhas eleitorais é natural e ainda maior, 32%. Na opinião de 63% dos entrevistados, os candidatos que disputam o 2º turno da campanha presidencial estão sendo muito agressivos, e 29% avaliam que estão sendo um pouco

de “neutralidade infiel aos fatos”, e que por isso, “prestam enorme desserviço à verdade, à justiça e ao país” – Ira camuflada de impulso reivindicativo. Em outro ataque direto, afirma: “o PT não tem adversários; tem inimigos mortais que precisam ser eliminados”, evocando a morte, estímulo primário da manifestação de medo.

Retomando a ideia principal do texto, o colunista acusa o PT de utilizar a tática de dividir para conquistar, jogando “trabalhador contra empresário, a mulher contra o homem, o gay contra o homossexual, o negro contra o branco, o pobre contra o rico, o ‘povo’ contra a ‘elite’”. Para Constantino, o país está rachado, de um lado “alienados, ignorantes e cúmplices do butim” e de outro “os brasileiros decentes que não aguentam mais pagar a conta”. Numa contradição ao próprio discurso, Constantino exalta a revolta dos que tem “cérebro para pensar e dignidade”, justificando também a agressividade destes: “Reagiram, pois para tudo há limites”.

Na parte final do texto, o autor refere-se diretamente ao pleito (faltavam apenas seis dias para as eleições), reforçando a questão principal do texto: a divisão do país. Reafirma o medo da perda da liberdade e do caos na economia, caso o PT vencesse a eleição. Estimula o voto no tucano (Aécio Neves) que teria uma “agenda de reformas necessárias”. Adverte, ainda, que caso a “onda azul” vencesse, haveria provável reação agressiva de “minorias barulhentas, como o MST de Stédile”. Porém, se Dilma Rousseff vencesse, o “agravamento das fissuras” seria inevitável, e o autor reforça o medo da divisão social e da violência. Constantino coloca em suspeita o próprio processo eleitoral que, para ele, já estava “totalmente sujo pelos golpes baixos do PT”. O autor ainda justifica o rompimento com as pessoas que “endossam a podridão” e a “indecência dos petistas” questionando: “Como respeitar quem não se dá ao respeito?”.

O texto encerra com mais previsões pessimistas, caso o PT saísse vitorioso da eleição: “economia entrará em grave crise”; e o PT aprofundará ações autoritárias, seguindo os vizinhos bolivarianos, para tanto irá: “intensificar a perseguição aos ‘inimigos’, tentar calar o mensageiro (a imprensa), manipular

agressivos. Os entrevistados também foram questionados sobre estava sendo mais agressivo no segundo turno, 36% apontaram Aécio Neves e 24%, Dilma Rousseff, sendo que 32% consideravam que os dois estavam sendo agressivos. Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2014/10/1536305-com-47-dilma-esta-empatada-com-aecio-que-tem-a-preferencia-de-43.shtml>>

os dados oficiais (o que já acontece), etc.”. A frase final, um misto de esperança e medo, encerra o texto: “Que os brasileiros possam deixar essa cizânia para trás e superar o lulopetismo, pelo bem de nossos filhos e netos!”

Durante a exposição de seus argumentos, Constantino nomeia seus “alvos” – o *outro* – com os quais estabelece uma relação discursiva de medo e agressão. Dessa forma, cita o termo “PT” quinze vezes; “petista” seis vezes; “Lula” seis vezes, “Dilma” cinco vezes; e “bolivariano” três vezes. No texto existem inúmeras sequências discursivas com estímulos e situações de medo: medo do bolivarianismo/comunismo; da morte violenta; da divisão social, da revolução; do desemprego; da inflação, da crise econômica; da censura à imprensa; do autoritarismo e perda da liberdade; da manipulação de dados oficiais. O texto também exhibe sequências discursivas que remetem à dúvida/suspeita: contra o processo eleitoral; contra Institutos de Pesquisas; contra jornalistas “neutros”.

Comentários dos leitores: manifestações de ódio

A Internet dinamizou a interação entre os meios de comunicação e seus públicos, possibilitando a interação quase imediata com os leitores-seguidores através das ferramentas de comentários de notícias. Ao se expressar em um blog ou site de notícias, muitas vezes sem nenhum tipo filtro, o indivíduo adquire o poder de opinar sobre qualquer coisa e expressar o que sente sem nenhum limite. Forma de expressão inquestionável, o comentário não precisa ser uma verdade, pois o mais importante é convencer os pares, e angariar apoio na rede. Nesse sentido, Chaia e Brugnago afirmam, “Se a rede apoia quem comentou, as provas e fundamentos contrários se tornam irrelevantes” (2014, p. 123). Qualquer comentário contrário poderá ser refutado de maneira agressiva pelos que se apoiam mutuamente.

Naturalmente, esse comportamento cria filtros ideológicos dinâmicos direcionando as manifestações dos seguidores do blog de notícias. Assim, o *outro*, aquele de ideologia diferente é afastado. Cria-se a falsa impressão de que a maioria está reunida, pois somente seus interlocutores se manifestam, expressando a mesma “verdade”. A imagem do *outro* enfraquece, ou mesmo desaparece.

Com a ação política deslocada para o mundo virtual, as exigências sociais são reduzidas, e as pessoas, em um mundo ampliado de

conexões, passam a ser agrupadas pelos seus interesses no mundo virtual. O mundo das relações pessoais pode permanecer com as ideologias escondidas. As pessoas podem deixar sua agressividade exposta somente no mundo virtual e escondida dos outros no dia a dia. Nesse caso, a radicalização se torna convidativa. Os limites da radicalização são elevados pela rede, ao permitir uma libertação da moral conhecida publicamente como agressiva (CHAIA E BRUGNANO, 2014, p. 123).

O indivíduo, imerso num contexto fragmentado, de isolamento em relação a maioria dos iguais, sente-se privado de laços estáveis e busca superar a angústia da dúvida aderindo de modo não crítico às opiniões majoritárias. Uma opção ao enfrentamento contínuo da dúvida e da angústia permanente, oferecendo a sensação de pertencimento à comunidade mais ampla e, reduzindo o isolamento e a pressão moral sobre a razão individual.

O Blog de Rodrigo Constantino permite interação com o público através da ferramenta “comentários”. Foram coletados todos os 170 comentários postados no texto analisado neste trabalho⁹. Constata-se que, o primeiro comentário foi postado seis minutos após o texto, sendo que 65% dos 170 comentários foram postados ainda no dia 22 de outubro. Esse imediatismo é uma característica (necessidade) das transformações sociais causadas pela Internet, “As pessoas querem ser as primeiras a saber o que aconteceu e as primeiras a compartilhar uma notícia importante” (CHAIA E BRUGNANO, 2014, p. 124).

Os comentários foram tabulados e analisados sob dois aspectos: a intensidade da agressividade; e a identificação do *outro*, alvo da agressividade. Para tanto, foram criadas quatro categorias utilizando os “graus de intensidade da Ira” descritos por Mira y López (1996): indignado; ofensivo; agressivo; ódio. Os comentários foram classificados e, após a tabulação, obteve-se os seguintes resultados: 35,5% (60) indignados; 47,3% (80) ofensivos; 13,6% (23) agressivos; 4,1% (7) ódio.

A segunda análise considerou os potenciais culpados, sobre os quais recaiu a ira coletiva expressa nos comentários. Em cada comentário foi identificado o *outro*, alvo da agressividade. Após a tabulação, foi possível identificar os alvos da agressividade em 117 comentários: Lula é alvo em 13,7% (16 comentários); Dilma 16,2% (19); PT 37,6% (44); “petista” 11,1% (13); comunismo 1,6% (3); bolivarianismo 0,9% (1); outros 17,9 (21).

⁹ Até o dia 18/07/2015 constavam os mesmos 170 comentários.

Medo do outro

Sempre que se vê ameaçada, uma população procura uma explicação para sua desventura, “Encontrar causas de um mal é recriar um quadro tranquilizador, reconstituir uma coerência da qual sairá logicamente a indicação de remédios” (DELUMEAU, 2009, p. 201). Acusar outrem é o primeiro movimento e também o mais natural nessas situações, “Nomear culpados era reconduzir o inexplicável a um processo compreensível” (DELUMEAU, 2009, p. 204). Os potenciais culpados, sobre os quais recai a agressividade coletiva são: os estrangeiros, os marginais e aqueles que não estão a uma comunidade, suspeitos simplesmente por procederem de outros lugares, expondo a desconfiança em relação ao *outro*; indivíduos no interior da própria comunidade que tenham comportamento diferente da maioria, despertando a caça às bruxas que, em muitos casos, extrapola, escapando a todo controle. O *outro* desperta desconfiança, pois pertence a um universo diferente. Quando o indivíduo se vê ameaçado – ou se crê ameaçado –, portanto, quando sente medo, tem a tendência a ver inimigos por todos os lados, principalmente entre aqueles que são diferentes, que pensa diferente. Manifesta-se, então, o medo do outro, para Delumeau, “A raiz disso se encontra na tensão provocada entre pessoas que não se conhecem, ou que se conhecem mal, que vêm de fora, que não se parecem conosco e que, sobretudo, não vivem da mesma maneira que vivemos” (2007, p. 45-46).

O termos do discurso do medo, utilizados pelo colunista da revista *Veja*: “cizânia”, “país dividido”, “clima de antagonismo” remetem ao temor das massas, da luta de classes. Para Marilena Chauí, “O medo ao humano, sob os efeitos da divisão social e política, cria na imaginação política dos dominados o medo ao governante e, neste, o medo à plebe” (2009, p. 67). Nas classes dominadas predomina o medo dos castigos e suplícios infligidos aos dissidentes, bem como a perda de favores e recompensas que são ofertadas aos coniventes e submissos. Já nas classes dominantes também há medo: medo da revolta, da desobediência, de perder o poder e prestígio e, principalmente, medo dos iguais que possam rivalizar com elas, ser mais persuasiva e convincente tomando-lhe o lugar.

Além das apreensões oriundas das profundezas do indivíduo, como medo da morte motivado por perigos concretos, como enchente, terremotos, epidemias, deve-se considerar, também, os medos chamados “culturais”. Estes invadem tanto indivíduos como coletividades, fragilizando-os.

A instabilidade estrutural, característica da sociedade contemporânea, se revela na transformação incessante das bases de sustentação da riqueza e do *status* social, provoca insegurança e incertezas e alimenta o medo: “do isolamento em relação à maioria dos iguais” e “da instabilidade social, em particular o da perda de posição social e de status dos indivíduos em relação aos seus semelhantes” (JASMIN, 2007, p. 129-130).

Mídia e a espetacularização da política

Na sociedade contemporânea, o conhecimento constitui-se, preferencialmente, a partir da recepção das formas simbólicas veiculadas pela mídia. A prevalência das tecnologias de comunicação e a facilidade de acesso à informação afetam a vida no espaço público, conferindo cada vez mais importância à mídia. Para Vera Chaia,

A mídia deve ser analisada nesta diversidade de possibilidades: informando e formando a opinião pública. As representações construídas pela mídia tornaram-se fundamentais nas experiências individuais e sociais na contemporaneidade (2004a, p. 23).

Além disso, o significado das informações que circulam através da mídia precisa ser avaliado, pois, se por um lado a presença intensa da mídia na vida das pessoas favorece o acúmulo de informações, ampliando as possibilidades simbólicas dos indivíduos e favorecendo a reflexão, por outro, “pode trazer consequências negativas ao introduzir mensagens ideológicas” (CHAIA, 2004a, p. 22-23).

Em relação ao medo coletivo, talvez esta seja a manifestação mais importante para explicar a relação “mídia e medo”, pois o que é veiculado no discurso da mídia pode influenciar a coletividade, ou parte dessa. O rumor¹⁰ propagado pela mídia tende a aumentar a sensação de insegurança, favorecendo comportamentos agressivos que escapam ao controle crítico: “Quanto mais intenso for o medo coletivo, mais se estará inclinado a acreditar em vastas conjurações apoiadas em ramificações adversas” (DELUMEAU, 2009, p. 272). Dessa forma, no plano coletivo é possível evidenciar o mesmo comportamento verificado no plano individual: o elo entre angústia e medo de um lado e

¹⁰ De acordo com Delumeau, “Um rumor nasce, portanto, sobre um prévio de inquietações acumuladas e resulta de uma preparação mental criada pela convergência de várias ameaças ou de diversos infortúnios que somam seus efeitos” (2009: 269).

agressividade de outro.

O sistema político pode fabricar e produzir o medo para estimular a obediência dos cidadãos. Da mesma maneira, o discurso do medo pode ser apropriado por determinados veículos midiáticos – durante as campanhas eleitorais – com o objetivo de persuadir o eleitor a votar em determinado candidato e rejeitar outro. É nesse sentido, entende Chaia, que se deve analisar a mídia,

[...]enquanto produtora de conhecimento e geradora de construções especiais que trabalham com a ideia do medo e constroem representações sociais que estimulam esse sentimento, seja na programação diária, seja nos telejornais e no tipo de cobertura jornalística realizada por esses meios (CHAIA, 2004b, p. 31).

De acordo com Debord¹¹, no plano das técnicas, a imagem “construída” pode se tornar a principal ligação do indivíduo com o mundo real, que ele vivenciava por si mesmo, interagindo com as situações que defrontava em qualquer lugar que pudesse ir. Na sociedade espetacular não há mais espaço para vivermos nossas próprias experiências, são os modelos que vivem em nosso lugar: “tudo o que era vivido diretamente torna-se uma representação” (2004, p. 13). O frenético fluxo de imagens produzido e continuamente repetido pelos meios de comunicação se encarrega de inverter, na mente dos indivíduos, o vivido pela imagem. Esse ritmo acelerado faz com que tudo se manifeste como perpétua surpresa arbitrária, deixando pouco ou nenhum tempo para a reflexão. Sem refletir, o indivíduo torna-se “espectador da vida”, não consegue pensar ou entender seus atos.

Nesse contexto, vale ressaltar que a mídia brasileira possui uma parcela de responsabilidade nada desprezível na construção de narrativas que “explicam” os fatos do mundo e a transformação da sociedade e, portanto, na elaboração de percepções e consensos sobre a política. O olhar propagado pela mídia nada tem em comum com a experiência própria do indivíduo, pois exhibe um mundo ideal enquanto oblitera referenciais de espaço e tempo, essenciais à percepção do homem como ser histórico. Para Debord,

¹¹ Os fundamentos da crítica de Debord são a vida cotidiana e a generalização do fetichismo da mercadoria, que invadiu todos os espaços da vida em sociedade. A mercantilização de tudo produz o espetáculo ininterrupto. Nele, o tempo, o espaço, o lazer, a comunicação, a cultura e tudo o mais é perpassado pela alienação. Para Debord, “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (2004: 14).

A ideologia é a *base* do pensamento de uma sociedade de classes, no curso conflitante da história. Os fatos ideológicos nunca foram simples quimeras, mas a consciência deformada das realidades, e, como tais, fatores reais que exercem uma real ação deformante; tanto mais que a *materialização* da ideologia provocada pelo êxito concreto da produção econômica autonomizada, na forma do espetáculo, praticamente confunde com a realidade social uma ideologia que conseguiu recortar todo o real de acordo com seu modelo (2004, p. 137).

Dessa forma, o comentário expõe o posicionamento do comentarista, materializando a formação ideológica dominante. O consumo de informação cede lugar ao consumo de ideologias. Nesse sentido, as sequências discursivas extraídas do blog, apresentadas neste trabalho, devem ser entendidas como exemplos da cultura política brasileira – ainda permeada por traços de autoritarismo e clientelismo –, servindo de estímulo para a discussão sobre a espetacularização do discurso do medo e do ódio nas campanhas eleitorais.

Considerações finais

A dinâmica eleitoral brasileira favorece o estabelecimento de um debate político esvaziado de conteúdo e espetacularizado na forma. Durante as campanhas eleitorais, principalmente para cargos majoritários, os candidatos lançam acusações – sem compromisso com a comprovação – contra seus adversários, repercutindo na mídia toda sorte de agressão. Não raro, como no caso analisado, a própria mídia propaga sua “opinião”, revelando um discurso agressivo e utilizando padrões de manipulação com apropriações do discurso do medo. Essa multiplicidade de vozes, acirramento de interesses nem sempre claros ao eleitor, e utilização de imagens que estimulam as “paixões” humanas contribuem para a despolitização da disputa eleitoral.

A mídia, como produtora de informações, coloca-se como fonte geradora de sistemas de representação da realidade, utilizada para compreender a sociedade. Nesse sentido, num contexto democrático a mídia adquire enorme poder como ator estruturador do campo simbólico, ganhando relevância no âmbito das conjunturas políticas, especialmente, nas disputas eleitorais.

Concluiu-se que, o discurso do medo presente no texto analisado possui íntima ligação com as manifestações de ódio político postadas no blog. Esse ódio induzido/propagado por setores da mídia e os comentários agressivos dos leitores revelam o outro lado da chamada “cordialidade” do brasileiro – proposta por Sérgio Buarque de Holanda – expondo um comportamento político agressivo em larga escala, incomum na recente história democrática do país. Nesse sentido, radicaliza-se o discurso político, espetacularizando o debate político eleitoral.

Referências

- BAUMAN, Z. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 2ª. ed., São Paulo: Unicamp, 2004.
- CHAIÁ, V. e BRUGNAGO, F. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. *Aurora*. v.7, n. 21, pp. 99-129, out/2014 a jan/2015.
- _____. Eleições no Brasil: o medo como estratégia política. In: RUBIM, A. A. C. *Eleições presidenciais em 2002 no Brasil*, São Paulo: Hacker, 2004a.
- _____. *Jornalismo e política: escândalos e relações de poder na câmara municipal de São Paulo*. São Paulo: Hacker, 2004b.
- CHAUÍ, M. Sobre o medo. In: NOVAES, Adauto (Org). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 35-75, 2009.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso político*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz e Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2011.
- CICERI, M. R. *O medo*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CONSTANTINO, R. Em ao menos um aspecto o PT já conseguiu nos transformar na Venezuela. Veja. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/corrupcao/em-ao-menos-um-aspecto-o-pt-ja-conseguiu-nos-transformar-na-venezuela/comment-page-4/#comments>. Acessado em: 21 de julho de 2015.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. 1ª. ed. 5ª. reimpr. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- DELUMEAU, J. Medos de ontem e de hoje. In: NOVAES, A. (Org). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo: Senac, 2007, p. 39-52.
- _____. *História do medo no ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FIORIN, J. L. *O regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo, Atual, 1998.
- JASMIN, M. O despotismo democrático, sem medo e sem Oriente. In: NOVAES, A. (Org). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo: Senac, 2007, p. 111-133.
- KEHL, M. R. Elogio do medo. In: NOVAES, A. (Org). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo: Senac, 2007, p. 89-110.
- MIRA y López, E. *Quatro gigantes da alma*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- NOVAES, A. Políticas do medo. In: NOVAES, A. (Org). *Ensaio sobre o medo*. São Paulo: SENAC, 2007.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 9ª. ed. Campinas: Pontes Editores, 2010.

O humor de Tiririca na campanha eleitoral 2014: como e por quê?

Alvaro Magalhães Pereira da Silva¹

Resumo: Como foi construído o humor de Tiririca durante a campanha eleitoral de 2014? Por que, com esse discurso bem-humorado, o candidato obteve uma votação expressiva? São essas as questões-chave abordadas neste artigo. Foram analisadas 20 inserções do candidato em programa eleitoral gratuito e redes sociais. Com base em conceitos propostos por Propp, Raskin, Ramos, Bakhtin e Maingueneau, seis estratégias de humor, cujo alvo preferencial é a classe política, foram identificadas: paródia, jogo de palavras, ridicularização de profissão, uso de temática popular, gatilho e cenografia ficcional. Verificou-se que, dentro de um quadro-geral de democracia do público, o sistema proporcional de lista aberta possibilitou que o candidato recebesse do partido o tempo necessário para desenvolver suas estratégias discursivas. E concluiu-se que a crise de representação amplificou a eficácia de um humor que evidencia a insociabilidade de práticas comuns à classe política e reforça a posição de Tiririca como voto de protesto.

Palavras-chave: Discurso político. Discurso jocoso. Eleições. Marketing político. Tiririca

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com financiamento pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Bacharel em Ciência da Comunicação, com ênfase em Jornalismo, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). E-mail: alvaromps@yahoo.com

Abstract: How was built the Tiririca's humorous discourse during the election campaign of 2014? Why, with this humorous discourse, the candidate obtained a significant vote? These are the central questions discussed in this article. Twenty Tiririca's inserts on the TV and in the social networks were analyzed. Based on concepts proposed by Propp, Raskin, Ramos, Bakhtin and Maingueneau, six strategies of humor, whose the prime target is the political class, have been identified: parody, wordplay, ridiculing the profession, use of popular themes, trigger and fictional scenography. It was found that, within a general framework of public's democracy, the proportional open list system enabled that Tiririca has received from his party enough time to develop their discursive strategies. It concluded that the representation's crisis amplified the effectiveness of a humor that highlights the intractability of common practices of the political class and reinforces Tiririca's position as protest vote.

121

Keywords: Political discourse. Jocular discourse. Elections. Political marketing. Tiririca.

Introdução

Este trabalho visa ampliar o diálogo entre pesquisadores de Língua e do Discurso e pesquisadores em Ciência Política. Acreditamos que a Análise do Discurso – disciplina que leva em conta tanto a análise textual e semiótica, como a análise situacional e sócio-histórica do quadro que compõe um enunciado – possui um instrumental teórico que traz relevante contribuição às Ciências Sociais.

O título aqui colocado – O humor de Tiririca na campanha eleitoral 2014: como e por quê? – não deve ser entendido como o prenúncio de uma explicação monolítica e irrefutável a respeito do problema sobre o qual pretendo² debruçar-me, mas como uma homenagem ao autor cuja abordagem sobre si mesmo serviu de inspiração. Tendo como base a obra *Como e porque sou e não sou sociólogo*, de Gilberto Freyre, é perceptível que neste trabalho o autor procura rebater críticas recebidas após a publicação de *Casa Grande & Senzala*, o que chamou a atenção pela forma como estavam ali colocadas, já no título, com clareza e simplicidade, algumas questões fundamentais. Procuramos, então, seguir a lição ao refletir a respeito do que opto por chamar de “fenômeno Tiririca”.

Nascido em 1965 em Itapipoca, Ceará, Francisco Everardo Oliveira Silva, o Tiririca, iniciou a carreira como palhaço, ainda criança, em seu Estado natal³. Em 1996, aos 31 anos, lançou um disco independente, composto predominantemente de canções jocosas⁴. No mesmo ano, após ter a obra apoiada por uma grande gravadora, ganhou destaque nacional. Na Folha de S.Paulo, o primeiro a escrever sobre ele foi Xico Sá, no relato “Tiririca é aposta para ocupar o lugar dos ‘Mamonas’”, de 19 de junho de 1996, três meses após o acidente aéreo que matou os integrantes da banda de Guarulhos. O jornalista resumia assim o carro-chefe de Tiririca: “O seu hit é ‘Florentina’, um *forrozinbo-trash* feito com a missão de irritar para fazer rir”. (FOLHA DE S.PAULO, 1996a).

Ainda em 1996, o potencial da produção de Tiririca para campanhas eleitorais chamou a atenção de marqueteiros. Um mês após o texto de Xico Sá, a Folha de S. Paulo relatava que o sucesso “Florentina” era cotado para virar jingle

² Posteriormente explico a opção por usar a primeira pessoa do singular.

³ A jornalista Clara Becker traçou o histórico de Tiririca na edição 68 da revista Piauí, publicada em maio de 2012.

⁴ Neste artigo, não farei distinção entre os termos “humor”, “comicidade” e “jocosidade”.

de Luiza Erundina (PT) na disputa pela Prefeitura no ano seguinte (FOLHA DE S.PAULO, 1996b). Outra canção que integrava o mesmo disco, porém, faria, segundo o jornal, esse primeiro voo eleitoral de Tiririca ser abortado. Por causa de “Veja os Cabelos Dela”, Tiririca foi acusado de racismo. Em 24 de julho, a Justiça do Rio acolheu pedido do Ministério Público e mandou recolher os discos do artista. Embora a decisão fosse liminar (temporária), a polêmica, ainda conforme a Folha de S. Paulo, lançou uma “pá de cal” no projeto do jingle (FOLHA DE S.PAULO, 1996c).

Após passagem pela televisão, com atuações em *A Praça é Nossa* e *Show do Tom*, Tiririca candidatou-se, em 2010, a deputado federal pelo PR. Com o bordão “Pior do que tá, não fica”, tornou-se o deputado mais votado no pleito, com 1,4 milhão de votos. Em 2014, como candidato à reeleição, Tiririca manteve a alta performance nas urnas e conquistou 1 milhão de votos, o segundo melhor desempenho do pleito, atrás apenas de Celso Russomanno (PRB), que obteve 1,5 milhão de votos.

Que humor é esse o de Tiririca que o joga nas posições dianteiras da disputa eleitoral, à frente de conhecidos integrantes da classe política? Que humor é esse o de Tiririca que o faz diferente de tantas outras subcelebridades fracassadas nas urnas ou que não sobreviveram a um segundo pleito? Procurei, como mencionado acima, seguir a lição de Gilberto Freyre para me aproximar do problema: propus, a respeito da campanha de Tiririca em 2014, as mesmas duas questões colocadas pelo mestre pernambucano a respeito de si. Como e por quê? Como é construído o humor de Tiririca? Por que, com esse discurso bem-humorado, o candidato obteve uma votação expressiva?

As ideias expostas a seguir são fruto de estudos e discussões realizados ao longo do segundo semestre de 2014 dentro da disciplina “O discurso jocoso e sua manifestação na imprensa escrita”, ministrada pela Profa. Dra. Ana Rosa Ferreira Dias, do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da PUC-SP. É por considerar, como propõe Van Dijk, que a escolha do tópico de pesquisa científica não é neutra, mas depende do engajamento do pesquisador (VAN DIJK, 2012, p. 15), que decidi redigir este artigo predominantemente na primeira pessoa do singular. De todo modo, ressalto que o que exponho é resultado de um trabalho coletivo de aproximação de conceitos teóricos, discutidos e aplicados, semana após semana, durante todo um semestre.

Corpus e procedimento metodológico

Para analisar como Tiririca constroi o humor em suas peças de publicidade eleitoral, procurei rever, no canal do *YouTube* do candidato, as inserções em vídeo utilizadas por ele na propaganda eleitoral gratuita na TV e em redes sociais em 2014. Estão disponibilizados no canal 49 vídeos⁵, sendo que 30 deles são de eleitores declarando voto no candidato e outros 19 tem como protagonista o próprio Tiririca. Procurei me centrar nesses 19 últimos, acrescidos de mais um, que fez certo sucesso durante a corrida eleitoral, mas acabou barrado pela Justiça e, portanto, não está no site.

Em seguida, procurei trilhar os passos de Vladimir Propp, em sua obra *Comicidade e Riso*: “Antes de tudo, foi necessário, sem desprezar nada, sem realizar qualquer seleção, reunir e sistematizar o material” (PROPP, 1992, p. 16). Tentei verificar, no material que recolhi, categorias de humor. Como *corpora* distintos às vezes merecem sistematizações distintas, identifiquei, nas inserções de Tiririca, não apenas categorias semelhantes às identificadas por Propp a partir de obras literárias, mas também novas categorias. Feito isso, procurei selecionar inserções que poderiam exemplificar cada uma das categorias identificadas e debrucei-me sobre elas para uma análise mais detalhada. É a análise desses vídeos que passo a apresentar nos próximos itens deste artigo. Ao todo, veremos seis inserções.

Cinco delas retiradas do canal *YouTube* do candidato:

- a) Tiririca luta por sua bandeira⁶;
- b) Tiririca escuta as mulheres;
- c) Tiririca ocupa a tribuna;
- d) Tiririca conta como venceu na vida;
- e) Tiririca revela o que faz um deputado.

E uma que não figura no canal, por ter sido alvo de ação judicial, mas que integrou a campanha:

- a) Roberto Carlos vota em Tiririca.

Em seguida, para esboçar uma resposta acerca da eficácia da campanha bem-humorada, procurarei trilhar uma caminhada mais teórica, tentando

⁵ Disponível em <<https://www.youtube.com/user/DeputadoTiririca2222/videos>>. Acessado entre 2 e 15 de novembro de 2014.

⁶ Os títulos dos vídeos usados neste artigo não constam do canal de Tiririca. Decidi batizá-los dessa forma para efeito de identificação.

identificar as condições sócio-históricas em que o discurso de Tiririca foi produzido.

O humor de Tiririca na campanha eleitoral de 2014: como?

Durante a análise do corpus, seis estratégias de humor se destacaram: a paródia, o jogo de palavras, a ridicularização de profissão, o uso da temática popular, o *gatilho* e a *cenografia* ficcional. É interessante salientar que essas não são categorias estanques. Há, por exemplo, ridicularização de profissão feita por meio de paródia e jogo de palavras. Mas há também paródia sem ridicularização de profissão. Ou seja, em cada inserção, Tiririca usa múltiplas estratégias. Minha tarefa foi tentar identificá-las nessa mistura e, digamos, isolá-las. Começemos pela paródia.

A paródia

O link 1 é o primeiro quadro da inserção “Tiririca luta por sua bandeira”. O candidato aparece, durante todo o vídeo, de 22 segundos, em primeiro plano. O espaço é abstrato: o fundo, em tom amarelo, não revela onde Tiririca está. O logotipo do candidato aparece no canto da tela.

Link 1: <https://youtu.be/z8iNqWokNFo>

No texto, o candidato diz o seguinte:

Meus amigos estou aqui para, para lutar pela sua bandeira. Estou para lutar pela sua bandeira, seja qual ela que for. Se for a bandeira dos corno, eu vou lutar pelas bandeiras dos corno. As bandeiras das rapariga, eu vou lutar pela bandeira das rapariga. Se for a bandeira que você quiser, a bandeira das pessoas dos abastados, eu vou lutar. A bandeira que você quiser eu tô aqui para lutar pela bandeira de vocês.

Uma rápida busca pelas notas taquigráficas da Câmara mostra que a ideia de se lutar por uma bandeira faz parte, há décadas, do jargão parlamentar:

Um povo que perde a noção do bem, da verdade e da beleza, é um povo que já não se defende, porque não tem nenhuma bandeira pela qual lutar. (DEPUTADO PLÍNIO SALGADO)⁷

O Dia da Consciência Negra não é só uma data para celebrar, é dia de firmar bandeira. Pois, como afirma o poeta Cuti, a pele é uma

⁷ Discurso proferido na Câmara dos Deputados em 10 de maio de 1972. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/190-anos-do-parlamento-brasileiro/plinio-salgado_100572>. Acessado em 12 de maio de 2015.

bandeira, a pele é uma cor que representa resistência, afirmação e luta. (DEPUTADO CHICO ALENCAR)⁸

Propp afirma que a paródia “consiste na imitação das características exteriores de um fenômeno qualquer da vida (...) de modo a ocultar ou negar o sentido daquilo que é submetido à parodização” (PROPP, 1992, p. 84-85). De acordo com o autor, a estratégia “tende a demonstrar que por trás das formas exteriores de uma manifestação espiritual não há nada, que por trás delas existe o vazio” (PROPP, 1992, p. 84-85). Ao parodiar um bordão típico da classe política, o candidato põe em evidência o vazio da fala.

Vejamos a seguir como Tiririca faz também uso do jogo de palavras como estratégia de humor.

O jogo de palavras

No primeiro quadro de “Tiririca ouve as mulheres”, voltamos ao espaço abstrato, de tom amarelo, com o logo do candidato. A inserção, de 22 segundos, apresenta Tiririca em plano médio, sem que suas mãos apareçam.

Link 2: <https://youtu.be/z8iNqWokNFo>

O texto começa do seguinte modo:

Gente, eu quero dizer um negócio pra vocês: eu escuto as mulheres.

Com sinceridade, eu escuto.

Tiririca, então, ergue um pouco o braço e é possível ver alguns CDs em suas mãos e texto segue:

Olha: Ivete Sangalo, eu escuto Daniela Mercury, Claudinha Leite.

Um deputado que escuta as mulheres! Por isso vote vinte e dois, vinte e dois. Tá de saco cheio da política? Vote no Tiririca.

Propp afirma que “o calembur, ou jogo de palavras, ocorre quando um interlocutor compreende a palavra em seu sentido amplo ou geral e o outro o substitui esse significado por aquele mais restrito ou literal” (PROPP, 1992, p. 121). É o que acontece no exemplo com o verbo “escutar”. Pode-se entender a palavra no sentido amplo: dar ouvido às necessidades e desejos das mulheres na sociedade contemporânea, como em geral se espera de um parlamentar. Ou pode-se interpretá-la no sentido restrito: a capacidade auditiva. Tiririca, novamente, ridiculariza a classe política e seus bordões.

⁸ Discurso proferido na Câmara dos Deputados em 20 de novembro de 2013. Disponível em <<http://www.camara.gov.br/internet/sitaqweb/pesquisaDiscursos.asp>>. Acessado em 12 de maio de 2015.

Alicerçada na paródia e no jogo de palavras, a ridicularização de profissão é, com efeito, a estratégia mais usada por Tiririca em campanha: está presente em metade de seus vídeos. Vejamos, no exemplo a seguir, como essa estratégia é constituída.

A ridicularização de profissão

O link 3 mostra o primeiro quadro da inserção “Tiririca ocupa a tribuna”, de 47 segundos. O candidato aparece em plano médio (corte aproximadamente na altura da cintura). É possível ver uma tribuna de acrílico.

Link 3: Tiririca ocupa a tribuna - <https://youtu.be/LjZxowafHT4>

O texto começa da seguinte forma:

Atenção tiririqueiras e tiririqueiros, meus povos e minhas póvas. Eu fui acusado! eu fui dimolizado! eu fui desgraçado! por bocas e línguas de pessoas felinas. Disseram que eu não sabia ocupar uma tribuna, que eu nunca ocupei uma tribuna porque eu não sabia ocupar tribuna. Vou calar a boca e língua de cada um de vocês! Presta atenção que eu vou mostrar pra todo mundo como se ocupa uma tribuna.

Nesse momento, Tiririca puxa uma porção de quinquilharias – travesseiros, carrinhos de brinquedo etc – e coloca sobre a tribuna, concluindo a fala da seguinte forma:

Vê se eu não sei ocupar tribuna, olha aqui, veja só, tá ou não tá ocupada a tribuna? Totalmente ocupada!

Ao tratar da ridicularização de profissão, Propp afirma que a “atividade é representada apenas do ponto de vista de suas manifestações exteriores, privando-se do sentido com isso o seu conteúdo.” (PROPP, 1992, p. 79). Em sua peça, Tiririca imita os atos cotidianos da classe política, como os discursos da tribuna, tirando-lhes o sentido. O parlamentar não é representado por suas tarefas democráticas, mas pelo ato inócuo de discursar. Ao se ouvir as primeiras palavras de Tiririca, “tiririqueiras e tiririqueiros”, é possível lembrar do bordão do ex-presidente José Sarney, “brasileiros e brasileiras”. O feminino antes do masculino remete aos discursos da atual presidente, Dilma Rousseff.

O vídeo serve ainda como resposta aos críticos do candidato. O fato de Tiririca jamais ter subido à tribuna durante seus quatro primeiros anos de mandato foi frequentemente noticiado. Já em 18 de julho de 2011, sete meses

após Tiririca ser diplomado, o jornal O Estado de S. Paulo afirmava que causava “espécie” o fato de que “o parlamentar mais votado do País não abra a boca em plenário” (O ESTADO DE S. PAULO, 2011). Em relato da Folha de S. Paulo de 5 de fevereiro de 2013, Tiririca toca no tema: “Sobre o fato de ainda não ter discursado na tribuna da Câmara, desconversa: ‘Para falar o quê? Nenhum projeto foi aprovado. No dia que for, eu subo para agradecer’” (FOLHA DE S. PAULO, 2013).

Embora, na concepção de Propp, a ridicularização de profissão se aproxime da paródia, é importante salientar que as estratégias não se confundem. Mais ampla, a paródia pode ter outros alvos que não uma atividade profissional. Propp afirma que, é “possível, a rigor, parodiar tudo: os movimentos e as ações de uma pessoa, seus gestos, o andar, a mímica, a fala, os hábitos de sua profissão, o jargão profissional” (PROPP, 1992, p. 85).

A inserção que talvez tenha obtido maior popularidade durante a campanha – “Roberto Carlos vota em Tiririca”, de 34 segundos⁹ – é uma paródia em que não há profissão ridicularizada. Na peça, Tiririca aparece caracterizado como o cantor Roberto Carlos:

128

Link 4: <https://youtu.be/GHKmCPSsjpA>

Ao som da melodia de “O Portão”, canção de sucesso do compositor em parceria com Erasmo Carlos, Tiririca canta:

Eu votei / De novo eu vou votar / Ti-ri-ri-ca / Brasília é o seu lugar

Na entonação, Tiririca procura imitar o “r” de Roberto. Ao final ri nervosamente, puxa com um garfo um bife de tamanho acima dos padrões, e afirma:

Que bifões bicho, com certeza. Tiririca, vinte e dois, vinte e dois. Com certeza.

Aqui o alvo da paródia de Tiririca não são os políticos profissionais, mas o comercial da Friboi do qual Roberto Carlos participava à época. Na peça, o cantor aparece sentado à mesa de restaurante e admite ter voltado a comer

⁹ Na realidade, a inserção tem 1m24, pois é apresentada duas vezes seguidas a mesma cena – a segunda um pouco mais estendida que a primeira. Embora a repetição seja tratada por Propp como um princípio do humor, a teoria parece não se aplicar nesse caso, pois a cena é cômica mesmo sem a duplicação. Trata-se, porém, de algo a ser melhor analisado.

carne. O bife da inserção de Tiririca, apesar de enorme, não aparenta ser lá muito apetitoso. Que sentido há, então, em um vegetariano voltar a comer carne somente pelo tamanho de um bife? Temos aqui, de novo, um vazio de sentido.

A temática popular

Roberto Carlos, Ivete Sangalo, Daniela Mercury, Cláudia Leitte. As referências de Tiririca aproximam-se da cultura de massa, voltada para o alto consumo das classes populares. Do ponto de vista estético, seu humor aproxima-se do mesmo público. Por vezes, usa um vocabulário chulo; por vezes, como veremos a seguir, é escatológico. Trata-se de um humor popular, ou, para ser mais preciso, tomando emprestadas palavras de Mikhail Bakhtin, de um humor que se utiliza de um vocabulário de “praça pública”:

A cultura popular não oficial dispunha na Idade Média e ainda durante o Renascimento de um território próprio: a praça pública, e uma data própria: os dias de festa e de feira. Essa praça, entregue à festa, já o dissemos várias vezes, constituía um segundo mundo especial no interior do mundo oficial da Idade Média. Um tipo especial de comunicação humana dominava então: o comércio livre e familiar. (BAKHTIN, 1987, p. 133)

129

O link 5 é o primeiro quadro da inserção “Tiririca conta como venceu na vida”, de 27 segundos. O candidato aparece em primeiro plano, segurando o celular próximo ao ouvido. Diferentemente de outros quadros, a câmera é móvel. Inicialmente, na mão do cinegrafista, faz um traveling (deslocamento horizontal) para acompanhar Tiririca:

Link 5: Tiririca https://youtu.be/3opvd1_xX7s

A fala de Tiririca é entrecortada por bipes de rádio tipo Nextel, sinalizados abaixo por “(b)”:

Você deve perguntar (b) como é que um palhaço de circo (b), como é que um cara humilde, de família humilde, um cara acostumado a passar fome no Ceará vem pro (b), vem diretamente pra São Paulo e consegue vender milhões de discos e depois (b) consegue ser o deputado mais votado do País. (b) Isso é muita raça, isso é força, isso é força de vontade! Isso é, isso é tesão! Isso é tudo de bom, isso é sorte! Agora você me pergunta, por que que ele só anda falando no telefone, só anda correndo, ligeiro?

O traveling para e a câmera faz uma panorâmica (giro horizontal), seguindo Tiririca, enquanto ele fala, até enquadrá-lo de costas, e o texto segue:

Isso é caganeira! Isso é diarreia! Isso é coisa ruim (b)! Isso é tudo!

Trata-se de mais uma paródia cujo alvo não é classe política, mas uma série de comerciais da companhia de telefonia Nextel intitulada *Nextel sua história*, na qual diversas celebridades – como Neymar, Fábio Assunção, Fernanda Young etc. – contam suas trajetórias, sempre caminhando a passo apressado. A versão de Tiririca esvazia o sentido da caminhada. Mas o que interessa no exemplo é a estética. É notório que Tiririca faz uso da linguagem da rua: o “tesão”, a “caganeira” etc. E sua inserção avança no popular: não é uma questão apenas de linguagem, mas também de temática. Dependendo do ambiente, a escatologia pode fazer corar. Na “praça pública”, é aceita. Ao analisar a obra de Rabelais, Bakhtin descreve o uso de excrementos nas festas medievais:

Sabemos que os excrementos desempenharam sempre um grande papel no ritual da “festa dos tolos”. No ofício solene celebrado pelo bispo para rir, usava-se na própria igreja excrementos em lugar de incenso. Depois do ofício religioso, o clero tomava lugar em charretes carregadas de excrementos, os padres percorriam as ruas e lançavam-nos sobre o povo que os acompanhava. (BAKHTIN, 1987, p. 126)

130

Utilizando-se de uma linguagem e de uma temática populares, Tiririca faz humor para um interlocutor em especial: o povo. Propp relaciona essa comicidade do povo a um tipo específico de riso: o riso imoderado. Trata-se, segundo ele, de um riso “pleno de satisfação”, que costuma ser condenado pelas camadas mais altas:

Pautados em Bakhtin podemos chamar a este riso de riso rabelaisiano. Ele é acompanhado da voracidade e de outros tipos de dissolução. Nós agora condenamos a voracidade e por isso o riso rabelaisiano nos parece estranho. A condenação, porém, não tem apenas um caráter psicológico, mas também social. Ela é característica daquela camada de pessoas que sabem o que significa um bom apetite, mas que não sabem e nunca souberam o que é uma fome longa e terrível. (PROPP, 1992, p. 167)

Passemos agora ao que talvez seja o exemplo mais rico de nosso *corpus*. Vamos inicialmente nos aproximar dessa inserção pelo ângulo do gatilho.

O gatilho

Com 30 segundos¹⁰, “Tiririca revela o que faz um deputado” se inicia com o candidato em primeiro plano, no mesmo espaço abstrato das outras inserções (fundo em tom amarelo com o logotipo). O texto começa da seguinte forma:

Gente, estou aqui para cumprir o prometido. Eu falei pra vocês que ia dizer o que um deputado federal faz. Deputado federal trabalha muito e produz pouco. Agora, pra ser um bom deputado federal, Tem que conhecer Brasília.

Aqui, um corte seco nos mostra Tiririca de pé, enquadrado em plano americano (corte próximo ao joelho), à frente de um automóvel Brasília, de cor amarela:

Link 6: https://youtu.be/rZ_ToORUq4U

Tiririca prossegue:

Tá aqui Brasília. Ninguém conhece Brasília mais que eu. Tá aqui minha Brasília, tem alguns podres, tem algum amassado, mas funciona. Com toda podridão que tem, funciona. Brasília funciona. Agora, eu quero melhorar! Eu quero melhorar Brasília, por isso eu peço seu voto: vinte e dois, vinte e dois, deputado federal! O homem que conhece Brasília! Vai dizer que eu não conheço uma Brasília.

Há aqui, com Brasília, um jogo de palavras. Mas há também algo mais: o uso de um *gatilho* para provocar o riso. É na *teoria dos scripts*, de Raskin (RASKIN, 1985), que aparece o conceito de *gatilho*: elemento da piada que provoca, no interlocutor, uma mudança de leitura *bona-fide* (confiável) para uma leitura *non-bona-fide* (não confiável). Tiririca, de fato, utiliza-se da ambiguidade da palavra “Brasília” para dar margem a duas leituras no princípio de sua fala. “Conhecer Brasília” pode significar conhecer os meandros do poder ou, simplesmente, conhecer o automóvel. Tratando-se de um candidato, espera-se que o interlocutor interprete a fala de Tiririca da primeira forma. O *gatilho*, que provoca a alteração na interpretação da palavra, é o corte seco que leva à imagem do automóvel Brasília.

É importante ressaltar, porém, que, embora utilize um elemento típico de piadas, o *gatilho*, Tiririca extrapola o *gênero discursivo* piada. Assim como nas tiras cômicas analisadas por Paulo Ramos (RAMOS, 2011), o candidato utiliza

¹⁰ Assim como no caso de “Roberto Carlos vota em Tiririca”, aqui, novamente, há repetição da cena. A inserção completa, então, tem cerca de 1m07.

o elemento visual. Piadas são verbais, possíveis de serem contadas em diversas ocasiões, sem a necessidade de, por exemplo, se comprar um carro velho para fazer rir o interlocutor. O uso de elementos audiovisuais, como a imagem do carro e o corte seco, faz da inserção de Tiririca algo que, mais do que da piada, se aproxima de *quadros de humor*¹¹ de programas de TV como Zorra Total, TV Pirata, Chico Anysio Show, Viva o Gordo etc. Procurarei tratar um pouco mais desse assunto no item a seguir.

A cenografia ficcional

“Tiririca revela o que faz um deputado” é uma inserção emblemática, pois Tiririca cumpre uma promessa da campanha de 2010. Naquele ano, em inserção de 14 segundos, em plano médio e também em espaço abstrato (fundo branco com seu nome e número), o candidato dizia:

Eu sou o Tiririca da televisão. Sou candidato a deputado federal. O que é que faz um deputado federal? Na realidade, eu não sei. Mas vote em mim que eu te conto. O meu número é vinte e dois, vinte e dois.

É interessante observar que, quatro anos mais tarde, a resposta de Tiririca é séria: “Deputado federal trabalha muito e produz pouco”. O discurso segue na linha de entrevistas anteriores de Tiririca, como a publicada no jornal britânico *Financial Times* em 26 de fevereiro de 2013: “*What does a congressman do? He works a lot and produces little. That’s the reality*” (FINANCIAL TIMES, 2013).

Mas essa aproximação do candidato com, digamos, com a vida real da política brasileira se desfaz segundos depois, quando o automóvel é apresentado: “Tá aqui minha Brasília”, diz Tiririca. Uma pesquisa à declaração de bens do candidato disponibilizada pelo Tribunal Superior Eleitoral mostra que ele tem dois carros: um Fusca e uma Land Rover¹². Nenhuma Brasília. Estamos, portanto, diante de uma mentira. E, o que é mais surpreendente, a aceitamos. Creio que poucos eleitores, ao verem a inserção, imaginem que Tiririca tenha realmente uma Brasília. Assim como nenhum jornal ou opositor do candidato tenha agido para evidenciar o suposto escândalo. Como é possível essa aceitação da mentira em pleno horário político? Trata-se de uma questão de *cenografia*.

¹¹ A designação quadro de humor foi sugerida a mim pelo pesquisador Luis Octavio Rogens de Melo Alves, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da PUC-SP.

¹² Disponível em <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2014/sistema-de-divulgacao-de-candidaturas>>. Acessado em 14 de maio de 2015.

Dominique Maingueneau, ao desenvolver a teoria das cenas de enunciação, diz que todo *gênero discursivo* está inserido em tipo de discurso. Ambos, o *tipo* e o *gênero*, formam o que o autor chama de *quadro cênico* (MAINGUENEAU, 2004, p. 85-93). A peça de publicidade eleitoral seria, então, um *gênero discursivo* inserido dentro de um determinado *tipo* de discurso, o discurso político. Considerando as proposições de Maingueneau, temos o seguinte *quadro cênico*:

<i>Cena englobante</i>	→	Discurso político
<i>Cena genérica</i>	→	Publicidade eleitoral ¹³

Mas há algo mais. Maingueneau prossegue: “Não é diretamente com o *quadro cênico* que se confronta o leitor, mas com uma *cenografia*” (MAINGUENEAU, 2004, p. 87). A *cenografia* está ligada à maneira como o discurso é posto em cena. Segundo o autor, enquanto alguns *gêneros* possuem uma *cenografia* bastante fixa, outros dão margem a escolhas. É essa liberdade, possível em peças publicitárias, que Tiririca usa para inserir, dentro do discurso político, o humor. O candidato parece, então, utilizar o *quadro de humor* não como um *gênero* do discurso televisivo, mas como *cenografia* do *gênero* publicidade eleitoral. Temos então a seguinte situação:

<i>Cena englobante</i>	→	Discurso político
<i>Cena genérica</i>	→	Publicidade Eleitoral
<i>Cenografia</i>	→	Quadro de humor

É a composição de *cenografia* baseada no *quadro de humor*, tipicamente ficcional, que torna aceitável ao eleitor a mentira de Tiririca em uma peça de publicidade eleitoral. Tiririca mente para fazer rir e faz rir para conquistar eleitores.

Creio que, com os exemplos acima, nos aproximamos de uma possível resposta à questão acerca de eficácia da campanha do candidato. Mas não a respondemos. Ainda cabe perguntar: por que essa estratégia de Tiririca é bem-sucedida?

¹³ O termo segue a designação proposta por Gomes (GOMES 2004).

O humor de Tiririca na campanha eleitoral de 2014: por quê?

A expressão “crise de representação” popularizou-se em julho de 2013, com o início da série de manifestações que, entre outros fenômenos, puseram em xeque a classe política tradicional brasileira. O debate sobre os limites da representação pelo voto e sobre a legitimidade de outras formas de representação vai muitíssimo além dos objetivos deste artigo¹⁴. Não pretendo, portanto, me deter no assunto. Mas é interessante notar que o “fenômeno Tiririca” tenha surgido e se consolidado justamente nas eleições anteriores e posteriores à onda de protestos em que parte considerável do eleitorado pareceu demonstrar que não se sentia representada pelos políticos profissionais. Ora, esses mesmos políticos profissionais são o alvo preferencial do humor de Tiririca.

“Riso é punição que nos dá a natureza por um defeito qualquer oculto ao homem, que se nos revela repentinamente”, diz Propp (PROPP, 1992, p. 44). A despeito das críticas do autor a Bergson, o filósofo francês parece ir um pouco além: “O riso deve ser (...) uma espécie de gesto social. Pelo medo que inspira, o riso reprime as excentricidades” (BERGSON, 2001, p. 15). O alvo do riso, segundo os autores, é sempre o insocial – ou seja, o que está deslocado de regras de determinado grupo social. Com seu humor, voltado predominantemente contra a classe política, Tiririca se insere dentro do grupo social que não se vê representado por ela. Talvez seja possível dizer que, ao punir os políticos profissionais, o humor de Tiririca vingue o eleitor inconformado. É interessante observar que, segundo o dicionário Houaiss, uma das acepções do vocábulo “Tiririca” é “muito irritado, furioso”. O candidato se consolida, assim, como voto de protesto. Trata-se de algo muito diverso do que costumam fazer, nas propagandas eleitorais, outras subcelebridades.

É importante salientar ainda que a candidatura de Tiririca ocorre dentro de um quadro-geral que foi classificado por Manin como *democracia do público*. Em oposição à *democracia de partido*, a *democracia do público* é caracterizada pela personalização da escolha eleitoral. Diz o autor:

¹⁴ O problema vem sendo debatido pela Ciência Política há mais de uma década. O número 67 da revista *Lua Nova*, publicado em 2006, dedicou-se exclusivamente à questão da representação. Na publicação, os limites da representação pelo voto foram particularmente tratados por Manin, Przeworski e Stokes (MANIN et al. 2006). Desde as manifestações de 2013, um número crescente de estudos tem se dedicado ao tema.

Cada vez mais os eleitores tendem a votar em uma pessoa, e não em um partido. Esse fenômeno assinala um afastamento do que se considerava como comportamento normal dos eleitores em uma democracia representativa, sugerindo uma crise de representação política. Na realidade, a predominância das legendas partidárias na determinação do voto é característica apenas de um tipo específico de representação: a democracia de partido. (MANIN, 1995)

Manin cita, como uma das causas da personalização da escolha eleitoral, a primazia dos meios de comunicação de massa como espaço de interação entre candidato e eleitores¹⁵. E prossegue:

Os meios de comunicação de massa, no entanto, privilegiam determinadas qualidades pessoais: os candidatos vitoriosos não são os de maior prestígio local, mas os “comunicadores”, pessoas que dominam as técnicas da mídia. O que estamos assistindo hoje em dia não é a um abandono dos princípios do governo representativo, mas a uma mudança do tipo de elite selecionada: uma nova elite está tomando o lugar dos ativistas e líderes de partido. A democracia do público é o reinado do “comunicador”. (MANIN, 1995)

Esse quadro-geral é reforçado pelo sistema eleitoral brasileiro, que prevê o voto proporcional com lista aberta nas eleições para a Câmara dos Deputados. Pelo sistema, cada partido¹⁶ conquista um número de cadeiras no parlamento proporcional ao total de votos obtidos. Com isso, candidatos com alto desempenho nas urnas levam para o Congresso outros do mesmo partido que não conseguiriam lugar somente com a votação deles. A regra potencializa a personalização das candidaturas por meio dos chamados puxadores de voto: candidato nos quais os partidos apostam para conseguir eleger não apenas eles, mas também outros nomes.

Palhaço desde a infância e ator em programas televisivos de humor, Tiririca é sem dúvida um comunicador. Após seu desempenho nas eleições 2010, passou a ser considerado um puxador de voto. Com isso, recebeu um tempo considerável no horário eleitoral gratuito. Boa parte desse tempo foi, inclusive,

¹⁵ Outros dois motivos citados por Manin são a ênfase dada pelos próprios partidos à individualidade dos políticos, como uma forma de adaptação às novas circunstâncias, e a complexidade cada vez maior da tarefa de governar, o que dificulta ao eleitor uma escolha baseada em plataformas políticas.

¹⁶ O mesmo vale para coligações eleitorais.

conquistado pelo próprio Tiririca, já que a divisão do horário eleitoral gratuito depende do número de parlamentares do partido. O caso foi mencionado na Folha de S.Paulo de 22 de setembro de 2014:

(...) o caso mais emblemático é o de Tiririca (PR-SP), que após ser o deputado federal com a maior votação no Brasil em 2010 (1,4 milhão de votos), passou a contar com dois terços do tempo de seu partido. (FOLHA DE S.PAULO, 2014)

Ou seja, para desenvolver seu discurso jocoso, Tiririca precisou de tempo superior ao que a maioria dos candidatos a deputado tem. Dentro do quadro-geral da *democracia do público*, o sistema de voto proporcional com lista aberta possibilitou que seu partido lhe desse esse tempo.

Considerações Finais

Procurei, neste artigo, esboçar respostas a duas questões: Como é construído o humor de Tiririca? Por que, com esse discurso bem-humorado, o candidato obteve uma votação expressiva? Para tentar responder a primeira, 20 inserções usadas pelo candidato no programa eleitoral gratuito e em redes sociais foram analisadas: 19 delas retiradas do canal do *YouTube* de Tiririca e uma última usada no programa eleitoral, mas que não constava do canal. Com base em Propp – e com o auxílio das teorias desenvolvidas por Bakhtin, Maingueneau, Ramos e Raskin –, foram identificadas seis estratégias usadas pelo candidato para construir seu humor: a paródia, o jogo de palavras, a ridicularização de profissão, o uso da temática popular, o do *gatilho* e a *cenografia* ficcional. A análise do *corpus* indicou ainda que essas estratégias não são estanques, mas se combinam em cada inserção. E que o alvo preferencial, mas não o único, do humor do candidato são os políticos profissionais.

Ao esboçar uma resposta à segunda questão, procurei identificar algumas condições sócio-históricas nas quais o discurso de Tiririca está inserido. Foram identificados como fatores relevantes para o sucesso do candidato: a *democracia do público*, caracterizada pela personalização da escolha eleitoral e pela emergência de comunicadores, grupo do qual Tiririca faz parte, na elite dirigente; o sistema eleitoral brasileiro, de voto proporcional com lista aberta, que possibilita o surgimento de puxadores de voto como Tiririca, potencializando a personalização; e a crise de representação, que tornou empático o discurso de Tiririca contra a classe política.

Espero que este artigo tenha contribuído para ampliar o diálogo entre pesquisadores da Língua e do Discurso e pesquisadores em Ciências Sociais, particularmente os pesquisadores da Ciência Política. Creio que a originalidade da campanha de Tiririca mereça novas pesquisas. Algo que parece urgente é pôr em prova o discurso do candidato, comparando-o com sua atuação depois de eleito. De todo modo, é interessante observar, desde já, que, criticado por nunca ter subido à tribuna em seu primeiro mandato, Tiririca é bastante eloquente quando se trata de corrida eleitoral.

Referências Bibliográficas

Livros e artigos

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Hucitec, 1987.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaios sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: Ed. UnB, 1968.

GOMES, Neuza D. *Formas persuasivas de comunicação política*. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Contexto, 2004.

MANIN, Bernard. As metamorfoses do governo representativo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, Anpocs, v. 10, n. 29, 1995.

_____ et al. Eleições e representação. *Lua Nova*, São Paulo, n. 67, p. 105-138, 2006

PROPP, Vladimir. *Comicidade e Riso*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

RAMOS, Paulo. *Faces do humor*. Campinas: Zarabatana Books, 2011.

RASKIN, Victor. *Semantic mechanisms of humor*. Holanda: D. Reidel Publishing, 1985.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto, 2012.

Reportagens em jornais e sites jornalísticos

O Estado de S. Paulo. Tiririca não fala em plenário, mas se solta no futebol. 19 jul 2011.

Financial Times. Brazil's clown politician loses his smile. 26 fev 2013.

Folha de S.Paulo. Tiririca é aposta para ocupar o lugar dos "Mamonas". 19 jun 1996a.

_____. PT defende uso de subsídio a ônibus. 11 jul 1996b.

_____. Sinal de fumaça. 5 ago 1996c.

_____. Desiludido, Tiririca quer voltar a ser palhaço. 05 fev 2013.

_____. 3% dos candidatos a deputado em SP têm 1/5 do tempo na TV. 22 set 2014.

Arte como estratégia de inserção global

Cientista político Juan Eyheremendy aponta porque Emirados Árabes investem de forma massiva em cultura

Por Fabio Cypriano¹

No início de 2015, o *Qatar Museum Authority*, adquiriu uma pintura de Paul Gauguin, “*When Will You Marry?*”, de 1892, por nada menos que US\$ 300 milhões, batendo todos os recordes de aquisição para uma única obra na história da arte. O maior valor até então pertencia a esse mesmo pequeno estado do Golfo Pérsico, quando, em 2011, adquiriu outra obra modernista, “*Os jogadores de cartas*”, de Paul Cézanne, por US\$ 250 milhões de dólares.

Notícias sobre arte nos Emirados Árabes costumam vir, de fato, com valores hiperlativos. Em Abu Dhabi, as construções dos museus Guggenheim, projetado por Frank Gehry, e do Louvre, por Jean Nouvel, são estimados em US\$ 800 milhões e US\$ 500 milhões, respectivamente. O que faz com que os Emirados Árabes, afinal, invistam de maneira tão expressiva em arte?

“No começo do século XX não existia nenhum dos países que hoje integram o Oriente Médio, enquanto que os países de América Latina se preparavam para comemorar seus cem anos de história. Os planos culturais implementados pelos países do Golfo são uma estratégia para compensar esse tempo e acelerar esta comunicação”, afirma o cientista político argentino Juan Eyheremendy.

¹ Doutor em Comunicação e Semiótica, crítico de arte, coordenador do curso Arte: História, Crítica e Curadoria da PUC-SP.

Desde 2009, radicado no Brasil para desenvolver projetos com caráter comercial, Eyheremendy usou seu tempo livre para visitar os Emirados Árabes e começou a criar laços com alguns dos principais agentes da região. Atualmente, ele é um dos responsáveis pelo setor de vendas para a América Latina da Galeria Vermelho. Graças a essa imersão no Oriente Médio, Eyheremendy tornou-se um dos maiores especialistas do país na produção daquela região, que tem com um dos destaques a princesa Fahrelnissa Zeid, que emigrou de Istambul a Paris formando parte da *École de Paris*, como o cientista político explica na entrevista a seguir.

Fahrelnissa é um dos destaques da 14a Bienal de Istambul, realizada entre setembro e dezembro de 2015, organizada por Carolyn Christov-Bakargiev. “Eu não tinha ouvido falar de Fahrelnissa até agora, se a conhecesse antes, teria exibido ela na Documenta (13)”, disse a curadora durante a abertura da mostra, referindo-se a exposição de Kassel, da qual também foi responsável, em 2012. A artista será tema de uma grande mostra na *Tate Modern*, em dois anos, o que irá contribuir para aumentar o conhecimento de sua produção.

Leia a seguir, segundo Eyheremendy, o que fez com que os Emirados Árabes usassem a cultura como um fator importante em sua inserção no processo de globalização, que contribui para que artistas desconhecidos no Ocidente como Fahrelnissa passassem a ganhar visibilidade.

140

As monarquias do Golfo são um mistério para grande parte da sociedade ocidental. Qual é o contexto histórico em que a cena cultural na região do Oriente Médio desenvolveu-se?

Para falar da cena cultural e artística das monarquias do Golfo Pérsico, diferentemente de outras regiões, devo começar pelo final, pelo mercado da arte. É que por serem países de recente constituição e ricos em recursos naturais como o petróleo e o gás, o consumo de arte adquire um status de protagonismo. Imersos em uma região com vários conflitos bélicos, os países do golfo são um oásis de estabilidade, estrategicamente localizados, conectando oriente com ocidente. O *boom* financeiro e imobiliário colabora para o crescimento de um mercado de arte, enquanto que a produção artística lentamente se desenvolve graças a as estratégias governamentais e a as correntes migratórias.

Os Emirados Árabes Unidos é um país jovem em uma região milenar. Constituído pela união de sete emirados, em 1971 conseguiu seu status de

Estado Nação Independente graças a um acordo com a Grã-Bretanha. Em meados do século XIX esta área, localizada ao sudeste da península arábica, era um protetorado inglês graças a um acordo conhecido como *Perpetual Maritime Truce*, que reunia os reinos de Abu Dhabi, Ajman, Dubai, Sharjah, Umma ao-Quwain, Ras ao-Khaimah, e Fujairah. Para a Inglaterra era um ponto estratégico para controlar a rota comercial para a Índia.

Seu grande vizinho, Arábia Saudita, já havia se constituído como reino, sob a dinastia familiar dos Al Saud, e se tornava, com o descobrimento do petróleo e sua aliança estratégica com Estados Unidos, uma importante ameaça para os britânicos que temiam que os sauditas se unissem rapidamente às tribos do sudeste da península, pois, dessa forma, eles perderiam o controle da rota comercial e, principalmente, as incalculáveis reservas de petróleo e gás. Depois de quase uma década de negociações entre os sete reinos, e sob a mediação da Inglaterra e a liderança do Sultão Zayed bin Al Nahayan, que seria posteriormente o primeiro presidente do país, se constituem os Emirados Árabes Unidos.

Fruto dessas negociações entre famílias tribais, onde uns se incluíam e outros se excluía, surgiram outros reinos, outras nações como Bahrein, Qatar, Kuwait. Através das relações e do conflito de poder das famílias reais do Golfo Pérsico se entende a realidade política e social. As bilionárias regalias do petróleo e a competição entre estas famílias foi um grande impulso para o desenvolvimento do que hoje vemos como países futuristas e projetos faraônicos. Podemos citar alguns exemplos como o complexo imobiliário *The Palm*, nas ilhas artificiais no meio do mar, ou outro idêntico em Qatar chamado de *The Pearl*; o edifício mais alto do mundo, o *Burj Khalifah*, que recebeu esse nome após as negociações entre Abu Dhabi e Dubai, onde o primeiro cobriu a gigantesca dívida que a crise financeira deixou no emirado de Dubai e, como consequência desse socorro financeiro, o governo de Abu Dhabi pediu que esse edifício emblemático levasse o nome do presidente do país *Khalifah bin Zayed Al Nahyan* ao invés do nome do primeiro ministro e governador de Dubai, *Mohammed bin Rashid Al Maktoum*.

No que hoje conhecemos como Monarquias do Golfo Pérsico e que na atualidade formam o bloco político e econômico chamado de *Gulf Cooperation Council* (GCC), concentravam-se diferentes povos nômades, beduínos, tribos que baseavam sua economia na coleta de pérolas e na pesca. Estas famílias se estendiam ao longo da península arábica viajando pelas rotas comerciais.

Desenvolveram historicamente uma cultura nômade que os impede, de certa forma, implantar uma arquitetura. Os nômades não se moviam de um lugar para o outro carregando pinturas, esculturas ou quadros. As expressões artísticas se assentaram mais na palavra, na poesia, no recital de versos, na caligrafia e na arte islâmica. O islã ocupa todas as dimensões da vida, as representações artísticas podiam ser mal interpretadas como endeusamento a imagens ou figuras. Estas questões foram fundamentais para o desenvolvimento da arte árabe, os tempos foram outros em comparação com outras regiões do mundo e até com seus próprios vizinhos de outras partes do Oriente Médio.

Considerando que as monarquias do Golfo Pérsico são nações jovens, organizadas em plena modernidade, qual foi a estratégia para o desenvolvimento artístico e cultural da região?

Para cada uma dessas nações se criou o desafio estratégico de como substituir a dependência do petróleo em suas economias. Cada um dos emirados árabes assumiu um papel na economia do país. Dubai, por exemplo, se transformou no centro comercial e logístico do país e da região. Seu plano estratégico foi implementado através da construção de um gigantesco aeroporto que se conecta ao mundo inteiro, um porto que facilita as conexões comerciais entre oriente e ocidente e que, por sua vez é a zona franca onde mais de cinco mil empresas internacionais se instalaram. A enorme linha aérea nacional, *Emirates*, e esse aeroporto oferecem aos turistas de todo o mundo um ponto de conexão para qualquer ponto do planeta.

O turismo, em consequência, se transformou em uma parte central da economia dos Emirados Árabes e da região. Para atrair cada vez mais turistas foram desenvolvidos projetos majestosos, shoppings quilométricos, prédios infinitamente altos, um extenso número de cadeias de hotéis, atrações, palestras, eventos esportivos, feiras etc. Abu Dhabi compreendeu a importância do turismo e iniciou um dos projetos turísticos e culturais mais ambiciosos já conhecidos, *Saadiyat Island*, a ilha onde em breve será inaugurado o *Louvre* e *Guggenheim Abu Dhabi*.

A arte forma parte das atrações turísticas e nos Emirados Árabes se distribui entre os três principais emirados. Abu Dhabi, como autoridade, reúne os mais prestigiados museus de arte internacionais. Dubai cumpre sua função de centro comercial e logístico do país dando espaço para o desenvolvimento

do mercado da arte através das galerias de arte, a principal feira de arte do Oriente Médio, a casa de leilões *Christie's*, entre outras instituições e serviços. E finalmente, *Sharjah*, o emirado que antes do descobrimento do petróleo era o mais importante e tradicional, oferece a *Bienal de Sharjah*, o evento artístico de maior transcendência do Golfo Pérsico.

Pessoas de todas as partes do mundo vivem nos Emirados Árabes. A população total é de um pouco mais de oito milhões de habitantes, sendo que apenas 19% nasceram no país. Quase metade dos imigrantes é do sul da Ásia que em sua grande maioria trabalha na construção dos majestosos projetos imobiliários. São muito questionáveis as condições de trabalho desses imigrantes, em sua maioria indianos e paquistaneses, sendo esse um tema muito desconfortável para os emirados.

A maioria das pessoas que se instalam nos Emirados Árabes, o faz em Dubai. Para as empresas internacionais é um ponto estratégico para que seus executivos se instalem em uma cidade que conta com um aeroporto com capacidade de viajar a vários destinos e ainda conseguem realizar negócios em quase todas as partes do mundo num curto período de tempo. Esta classe empresarial consome as principais marcas de todo tipo de produto, famintos por sofisticação, luxo e, em alguns casos prestígio, e se insere no mercado da arte adquirindo obras das galerias e leilões de arte.

Existem diferentes tipos de colecionadores de arte nos Emirados Árabes e no Oriente Médio. Os colecionadores públicos são governos e instituições tais como museus, bem como as coleções de algumas dependências do governo. O próprio escritório do Primeiro Ministro de Dubai conta com uma das coleções mais importantes da região. Entre as privadas, tais como as corporações e instituições privadas, estão as duas mais importantes de todo o Oriente Médio: do libanês *Banco Audi* e *Abraaj Capital*. Esta última corporação é a principal patrocinadora da feira de Dubai que, por sua vez, outorga um importante prêmio de aquisição de arte. Por último, estão as coleções pessoais de colecionadores independentes ou fundações privadas. Dentro desse grupo também encontramos os jovens colecionadores que, sendo algumas centenas, começaram recentemente a comprar obras de arte e contam com coleções de entre cinco e 20 peças.

A irrupção dos Emirados Árabes no mundo da arte tem sido de vital importância para a região, já que movimentou a cena artística do Oriente Médio através de uma plataforma de comercialização e exposição como a que oferecem as feiras de arte, as casas de leilões e os diferentes espaços de exposição. Em 2005, a *Christie's* decidiu se instalar em Dubai e abriu sua casa de leilões no *Dubai International Financial Center* (DIFC) no centro financeiro da cidade, onde também se instalaram algumas galerias de arte. Nesse mesmo ano foi realizada a primeira feira de arte, *Art Dubai*, a mais importante do mundo árabe. Foi graças a esses dois importantes eventos, que neste ano completam seu décimo aniversário, que o circuito de arte começou a tomar impulso e ano após ano ganha maior transcendência.

A contribuição da feira *Art Dubai* pode ser constatada no crescimento das galerias de arte dos Emirados Árabes como também de todo o Oriente Médio. Antes das feiras, as galerias do país estavam distribuídas por diferentes lugares, sendo que isto é algo pouco prático para o incipiente consumidor de arte. Depois da aparição das feiras, as galerias se estabeleceram uma ao lado da outra, em DIFC, por exemplo, ou na área chamada *Al Quoz*, em *Alserkal Avenue*, onde passaram a convergir as principais galerias de arte como *The Third Line*, *Isabelle van den Eynde*, *Ayyam Gallery* e de *Gray Noise*, entre outras. Reunir diversas galerias uma ao lado da outra permite ao espectador comparar e analisar diferentes artistas de forma mais simples. A feira também deu um importante impulso à exposição de arte na região, obtendo consequentemente documentação e investigação, e contribuindo para importantes plataformas de pesquisa como *Ibraaz*, onde os mais prestigiados curadores e investigadores escrevem seus ensaios e onde os estudantes podem nutrir-se de completas análises sobre o desenvolvimento cultural da região. Por outro lado, a *Art Dubai* e as casas de leilões contribuíram na catalogação e na constatação da autenticidade das obras de arte.

Entretanto, estes não foram os primeiros eventos de arte. Desde 1993 acontece a *Bienal de Sharjah*, sendo em 2015 sua duodécima edição. A Bienal cumpre um papel fundamental na arte árabe, islâmica e do Oriente Médio. Ao longo dos anos, ela oferece uma plataforma de discussão artística da região e de todo o mundo, através da *Fundação de Arte de Sharjah*, a qual desenvolve diferentes programas de investigação e estudo, como por exemplo, os *March Meetings*, ciclos

de conversações e pesquisas artísticas que antecedem a Bienal e onde participam profissionais da arte de diferentes partes do mundo. Na última década, a *Bienal de Sharjah* adquiriu um prestígio cada vez maior, graças ao grande esforço realizado por *Sheikha Hoor Al Qasimi*, filha do emir *Sheikh Sultan Bin Mohammed Al Qasimi*. Ela e sua equipe de trabalho lhe outorgaram o profissionalismo que qualquer evento artístico que anseia o nível internacional deve ter.

Como se organiza a produção artística nesses países? E quais são os fatores que influenciam na produção?

Sharjah é o emirado da tradição, está totalmente proibida a venda de álcool e sua economia é quase totalmente dependente de seu vizinho Dubai. No centro da cidade se encontram diferentes tipos de museus e fundações artísticas, instaladas em prédios antigos restaurados ou com arquitetura tradicional. Podemos encontrar instituições como *Sharjah Art Museum*, o Museu Arqueológico, o Museu de Caligrafia, o Museu da Civilização Islâmica, entre outros, e também fundações como a *Barjeel Art Foundation* fundada por *Sheikh Sultan Sooud Al-Qassemi*, que conta com uma rica coleção de arte moderna e contemporânea árabe e que através do seu trabalho fornece uma visão abrangente e muito educativa da história da arte árabe.

Abu Dhabi, o emirado mais extenso, onde se encontra a maior quantidade de reservas petrolíferas e, por isso, é o mais poderoso dos sete emirados, conta também com um expressivo número de colecionadores, mas os privados ou as coleções pessoais são os menores. O protagonista aqui é o governo, que por meio de seus projetos artísticos adquire grandes volumes de obras de arte para constituir suas coleções, que estão em constante construção e procuram realizar uma ligação entre oriente e ocidente reunindo obras de culturas como a árabe, a indiana, a europeia e até a chinesa, adaptando os históricos e gigantes bastidores dos museus internacionais como *Louvre* e *Guggenheim* a novos espaços em Abu Dhabi através da aquisição de obras de vários períodos da história da arte.

O governo de Qatar é o principal competidor de Abu Dhabi na corrida pela compra de arte para encher seus museus em construção. No início de 2015, através de *Qatar Museum Authority*, o governo adquiriu uma obra de Paul Gauguin, “*Nafea Faa Ipoipo (When Will You Marry?)*”, de 1892, por 300 milhões de dólares, sendo esta a maior transação artística da história. Dessa forma o pequeno estado

do Golfo Pérsico bateu seu próprio recorde. Em 2011 havia adquirido um *Paul Cezanne*, “*The Card Players*”, de 1892-93, por 250 milhões de dólares.

O caso catariano é de fato uma grande incógnita, foi implementado um plano muito similar ao dos Emirados Árabes, buscando atrair maior turismo, construindo museus como o Museu de Arte Islâmica que conta com peças arqueológicas e artefatos históricos, o *Museu Mathaf* com uma coleção de arte moderna e contemporânea de cerca de oito mil peças de artistas majoritariamente árabes, e o Museu Nacional de Qatar, desenhado por *Jean Nouvel*, que se espera que seja inaugurado em 2022 para a Copa do Mundo. Mas seu plano estratégico envolve muitas outras áreas: os esportes, o desenvolvimento imobiliário, sendo principal acionista de importantes empresas europeias como *Sainsbury's*, *Harrods*, entre outras. Também criou a rede de notícias árabe *Al Jazeera* que transmite em vários idiomas e cobre os principais eventos esportivos do mundo. Com a ascensão em 2013 do novo rei *Sheikh Tamim bin Hamad bin Khalifa Al Thani*, as prioridades parecem ter mudado e grandes quantidades de recursos que se destinavam à arte e à cultura agora se dirigem aos esportes e ao ambicioso projeto da Copa do Mundo 2022.

O Qatar, já desde algumas décadas atrás, tem se instalado como a *ovelha negra* do GCC devido à sua política exterior, suas alianças com a irmandade muçulmana egípcia, seu papel durante a primavera árabe, o financiamento de diferentes grupos desestabilizadores na região e sua busca em adquirir maior protagonismo internacional, que incomoda e ameaça a estabilidade das outras monarquias do Golfo Pérsico e do Oriente Médio em general.

Os sucessivos conflitos armados que acontecem na região são a causa de grandes correntes migratórias no Oriente Médio que reconfiguram as relações sociais e culturais. A Jordânia é um grande receptor de refugiados palestinos, sírios e iraquianos, por exemplo. Outros destinos escolhidos por esses desabrigados são os países do Golfo e a Europa. Geralmente os que chegam a esses últimos lugares são os que contam com um maior poder aquisitivo e se mudam com objetos de coleção para os seus novos lares. Esta redistribuição do tecido social repercute, sem sombra de dúvidas, na produção artística. Sírios na Europa, iraquianos nos países do Golfo e palestinos na Jordânia trazem um processo de produção artística com uma forte identidade árabe. Mesmo assim, a riquíssima história da região e os intensos conflitos bélicos e políticos, colaboram para a produção artística.

A Europa exerce um papel chave na produção artística do Oriente Médio, como também em suas bases sociais. A história é testemunha dessa influência; a França e a Grã-Bretanha distribuíram-se pela região delimitando suas áreas de influência, e com isso, uma comunicação direta com Paris e Londres. Com o objetivo de promover uma educação moderna e de maior sofisticação, as famílias de maior poder aquisitivo enviaram seus filhos para estudar nas universidades da Europa, e também dos Estados Unidos. Esses árabes na Europa, que logo voltaram aos seus países de origem, trouxeram a visão das tendências no mundo, levaram ao Oriente Médio as novidades sobre as técnicas artísticas, as plataformas de expressão, os assuntos em discussão e os adaptaram para a região. É o caso da princesa *Fabrelnissa Zeid*, que emigrou de Istambul a Paris formando parte da *École de Paris*. Realizou exposições em Nova Iorque, Londres, Paris, e depois se estabeleceu na Jordânia onde fundou o *Fabrelnissa Zeid Royal Institute of Fine Arts*. Esta instituição reuniu estudantes que depois foram fundamentais para a história da arte do Oriente Médio e trouxe uma visão muito mais ampla da arte para a região.

Educação é a chave para o desenvolvimento de uma cena artística. Existe uma estratégia específica para a educação no Golfo Pérsico?

Desde a queda do Império Otomano as universidades da região iniciaram um processo de modernização em contraste aos sistemas anteriores. A influência do islã na educação, as limitações para entender os textos em outros idiomas, a interpretação das influências políticas no contexto de Guerra Fria, os avanços tecnológicos, e alguns outros assuntos, foram temas importantes para estabelecer novas universidades e adaptar as já existentes. É o exemplo da *The American University of Beirut*, a meados do século XIX, ou *The American University of Cairo*, no início do século XX, entre outras.

Nos Emirados Árabes, como nas outras monarquias do Golfo, o desafio era erguer novas instituições de ensino para seus habitantes, tanto para os emiradenses quanto para os estrangeiros, e ao mesmo tempo construir uma plataforma cultural árabe através das poderosas academias educativas internacionais. Por isso, ao longo da região estabeleceram-se instituições de ensino já exitosas em outras partes do mundo como *NYU Abu Dhabi*, *Paris-Sorbonne University Abu Dhabi*, *American University in Dubai*, e em Qatar, *Texas*

A&M University, Universidad da Commonwealth, de Virginia, que desde 1998 oferece programas de arte e desenho. Como no caso do *Louvre* e do *Guggenheim*, parece se repetir a estratégia de se valer das grandes regalias do petróleo para importar modelos institucionais exitosos em outras partes do mundo e adaptá-los para a região. A grande incógnita está em saber qual será o resultado desse experimento nas próximas décadas.

Percebe-se que o papel do Golfo Pérsico está se tornando cada vez mais ativo em relação ao desenvolvimento cultural da região. Como esses novos atores estão inseridos no contexto do Oriente Médio?

O contraste que existe entre as cidades árabes tradicionais como Damasco, Cairo e Bagdá, e as novas e poderosas metrópoles como Doha, Abu Dhabi e Dubai, evidencia um deslocamento do centro das artes e cultura no mundo árabe. Os contrastes, tais como os conflitos civis na Síria e Iraque, as consequências desses conflitos no Líbano, a crise econômica cíclica de Egito, e os ataques terroristas têm contribuído para a deterioração, o saque e o abandono dos museus e coleções tradicionais da região.

Por exemplo, o *Museu de Mosul*, no Iraque, que estava a ponto de reabrir depois de anos de reconstrução, foi destruído no começo de 2015 por membros do grupo radical Estado Islâmico (ISIS) que arrasaram os artefatos do museu e também queimaram os livros da biblioteca de *Mosul*, argumentando que os textos, estátuas e outros objetos, atentavam contra o Islã, promovendo falsas idolatrias. Os vídeos dessas ações angustiam a qualquer pessoa com um mínimo de interesse pela cultura e pelo patrimônio da humanidade. Por outro lado, há quem diga que estas imagens buscam desviar a atenção, visto que por trás desses atos brutais se desenvolve um mercado de arte de obras.

Em resposta a essas atrocidades, o governo do Iraque reabriu as portas do Museu de Bagdá, após 12 anos fechado devido à invasão dos Estados Unidos. Este caso não é o único, no Egito também foi reaberto o Museu de Arte Moderna do Cairo e o Museu *Mahmoud Said*, em Alexandria. Em lugares mais afastados, mas parte do mundo árabe, como Marrocos, foi inaugurado um novo museu dedicado à arte, o *Museu de Arte Moderna e Contemporânea Mohammed VI*. Na capital da Jordânia, *Amman*, a prestigiada instituição artística *Darat Al Funun* continua apresentando exposições e oferecendo uma estrutura educativa para as artes no Oriente Médio.

Na capital do Líbano, Beirute, diferente das cidades do Golfo Pérsico, o governo destina poucos recursos para a construção de instituições culturais. Seu maior aporte é para a preservação e a reabertura do Museu Nacional de Beirute, danificado pela guerra civil. Uma exceção disso foi a reinauguração do *Museu de Sursock*, parcialmente custeado pelo governo, que reabriu este ano graças a uma renovação de \$ 13 milhões e vários anos de reconstrução onde foi ampliado o espaço expositivo para 8.500 metros quadrados. Os fundos foram arrecadados através de diversas doações, assim como dos impostos municipais do governo.

Entretanto, são muitas as instituições artísticas sem fins lucrativos no Líbano, talvez devido à relativa facilidade na obtenção de licenças para a criação de fundações e iniciativas não lucrativas. É o caso da instituição pan-arábica localizada em Beirute, *Arab Image Foundation*, que foi estabelecida em 1997 e tem como objetivo recolher e preservar as imagens procedentes do Oriente Médio e da diáspora árabe. Sua coleção de 600 mil imagens tem crescido recentemente para incluir fotografias da América Latina e da África.

Quais são as perspectivas futuras das monarquias do Golfo Pérsico em uma cena cultural global?

149

A estratégia implantada pelos Emirados Árabes e alguns de seus vizinhos é de caráter integral. Um plano econômico, que é consciente de sua dependência do petróleo e do gás, procura se diversificar para garantir um crescimento para além dos recursos naturais limitados. O aproveitamento de sua localização no mundo é um conector do oriente com o ocidente através de gigantes aeroportos, linhas aéreas que chegam a todas as partes do mundo e se estabelecem como um centro logístico global. Um programa de desenvolvimento social, onde pessoas de todas as partes do mundo convergem, em sua grande maioria de forma temporária, e experimentam a integração entre as diferentes culturas como também um terreno de características muito particulares. E, obviamente, um ambicioso plano urbano e imobiliário para receber e hospedar a um número de habitantes em rápido crescimento.

A cultura árabe e islâmica está presente em todas as dimensões da vida nos estados do Golfo Pérsico. A chegada de novos habitantes e o convite a novas culturas e formas de expressão artística não substituem os costumes locais, mas se adaptam mutuamente. Podemos evidenciar que estas monarquias têm decidido

implementar em seus países modelos já experimentados e de sucesso em outras partes do mundo para importá-los e adaptá-los às suas realidades e objetivos. O conhecido é mais simples de implementar do que as novas iniciativas ainda não conhecidas, e em uma cultura de tanta tradição e com forte identidade, o convite a participar é o caminho para a adaptação.

Os países do Golfo Pérsico, como as outras regiões do Oriente Médio, cumprem um papel chave em relação ao desenvolvimento cultural e artístico do mundo árabe. Eles são o motor econômico e logístico. Seus enormes recursos econômicos lhes oferecem a possibilidade de procurar a excelência convocando profissionais de prestígio internacional. Os mais importantes arquitetos e *designers* constroem instituições artísticas ousadas e vanguardistas; os mais renomados curadores e assessores diagramam as coleções de arte que procuram transcender na história e conectar as civilizações, reposicionando a arte árabe entre os outros tipos de arte.

O desenvolvimento da história da arte nas regiões periféricas como África, América Latina, Oriente Médio etc., compartilham as influências europeias em suas diferentes formações. É por isso que para um latino-americano, por exemplo, o entendimento da arte é, através de um olhar historicista europeu, semelhante aos tempos atrás quando para chegar ao Oriente Médio vindo da América Latina devia-se pegar um voo para alguma capital europeia. Hoje em dia os voos diretos e a globalização da comunicação nos oferecem uma rota direta que, na atualidade, se encontra em pleno processo de entendimento e adaptação. Às vezes julgamos as expressões artísticas do outro lado do mundo sem entender que os processos históricos tiveram tempos diferentes. No começo do século XX não existia nenhum dos países que hoje integram o Oriente Médio, enquanto que os países de América Latina se preparavam para comemorar seus cem anos de história. Os planos culturais implementados pelos países do Golfo são uma estratégia para compensar esse tempo e acelerar esta comunicação, tanto com outras culturas do mundo quanto com o próprio mundo árabe em toda sua extensão.